

Medicamentos	Quantidades
Collyrio cyanhydrico.....	Kilogr. 0,029
» de iodureto de potassio.....	0,352
» de nitrato de prata, n.º 1.....	8,820
» de nitrato de prata, n.º 2.....	0,786
» de nitrato de prata, n.º 3.....	115,451
» de sulphato d'atropina.....	9,884
» de sulphato de cadmio.....	0,450
» de sulphato de cobre.....	2,634
» de sulphato de zinco.....	35,757
» de tannino.....	0,509
COLLYRIOS MOLLES	
Pomada de Desault.....	0,060
» da viuva Farnier.....	0,1645
» de Regent.....	—
COLLYRIOS SECCOS	
Assucar candi em pó.....	0,010
Collyrio secco de Dupuytren (com calomelanos).....	0,098
Discos de gelatina calabarizada.....	N.º 38
Conservas e electuarios	
Conserva de rosas.....	Kilogr. 8,728
» de rosas composta.....	0,166
Electuario anti-blennorrhagico de Baumés.....	90,889
» de cubebas, da Ph. P. (*).....	0,030
Decoetos (cozimentos)	
Decoeto de malvas e parietaria.....	254,716
» de casca de carvalho.....	153,120
» de ratanhia.....	100,846
» de cabeças de dormideiras.....	120,228
» de meimendro.....	69,580
» de folhas de nogueira.....	97,748
» de quina.....	10,212
» de urtigas.....	—
» de althea.....	4:105,198
» de cevada e grama.....	4,472

Medicamentos	Quantidades
Decocto de cevada composto, da Ph. de Lond. ....	Kilogr. 3:365,920
peitoral solutivo. ....	5,304
de musgo islandico, privado do principio amargo. ....	731,800
de arroz. ....	6,192
de cato. ....	5,504
de ponta de veado. ....	68,352
de ponta de veado composto, n.º 1. ....	4:699,132
» de ponta de veado composto, n.º 2. ....	26,960
de almeirão. ....	—
de quina composto. ....	5,160
» de fragaria e raizes aperientes. ....	127,408
» de grama e parietaria composto. ....	817,364
» de grama e pontas d'espargo composto. ....	122,928
» de raizes aperientes composto. ....	124,528
de raiz de salsa da horta composto. ....	20,296
» de salsaparrilha. ....	907,384
» de casca de raiz de romeira (Dr. B. A. Gomes). ....	0,344
hydro-alcoolico de casca de raiz de romeira (Dr. May Figueira). ....	1,548
de ponta de veado, sem assucar (*) . ....	21,672
» de Zittmann, forte. (*) . ....	38,800
» de Zittmann, fraco. (*) . ....	20,300
<b>Emplastos</b>	
Emplasto adhesivo. ....	210,150
» de belladona. ....	0,405
» de cantharidas inglez. ....	32,066
» de cicuta. ....	0,408
» de cicuta e iodureto de chumbo, de Ricord. ....	0,085
» de cicuta com mercurio. ....	0,015

Medicamentos	Quantidades
Emplasto de pez de Borgonha, com euphorbio .....	Kilogr. 0,352
<b>Emulsões</b>	
Emulsão commum .....	» 0,789
» commum com morphina .....	» 98,398
<b>Enemas (clysteres)</b>	
Clyster de amido laudanizado .....	» 45,144
» de assafetida composto .....	» 0,920
» de camphora composto .....	» 0,516
» carminativo .....	» 4,128
» commum .....	» 190,404
» de electuario de senne .....	» 11,524
» de electuario de senne composto .....	» 65,360
» de tabaco, da Ph. Brit .....	» —
<b>Escharoticos</b>	
Acido nitrico de 36° .....	» 37,945
Acido phenico alcoolisado .....	» 0,258
» sulphurico de 66° .....	» 12,120
Caustico de potassa e cal (caustico de Vienna) .....	» 0,312
Chlorureto d'antimonio .....	» 0,014
Creosota .....	» 0,34532
Nitrato acido de mercurio .....	» 0,375
» de prata fundido .....	» 1,5465
Perchlorureto de ferro liquido a 30° .....	» 4,4989
Pós de Joannes .....	» 0,0122
Sulphato de alumina e potassa .....	» 1,072
Sulphato de cobre, em cylindros .....	» 0,019
<b>Glycerina, Glyceroleos e Glyceratos</b>	
Glycerina pura .....	» 46,219
Glyceroleo de acetato de chumbo .....	» 0,700
» de acido phenico .....	» 27,380
» de iodo .....	» —
» de opio .....	» 10,149
» de oxido de zinco .....	» 2,481
» de sub-nitrato de bismutho .....	» 7,066
» de tannino .....	» 4,057

Medicamentos	Quantidades
Glycerato de amido.....	Kilogr. 111,053
» de alcatrão.....	» 4,126
» de oxido rubro de mercurio.....	» 0,290
» de sublimado corrosivo.....	» 3,820
<b>Hydro-Infusos (Infusões)</b>	
Hydro-infuso de sementes de linho.....	» 48:819,542
» de borragem.....	» 704,082
» de flor de sabugueiro.....	» 5:421,510
» de flor de sabugueiro, composto.....	» 26,544
» de hera terrestre e hysopo.....	» 16,168
» de polygala e tussilagem.....	» 75,892
» de rosas acidulado, da Ph. Brit.....	» 19,844
» de calumba.....	» 3,612
» de fel da terra.....	» 2,752
» de genciana.....	» 0,688
» de folhas de laranjeira azeda.....	» 6,192
» de quassia a frio.....	» 48,560
» de quina.....	» 694,188
» de serpentaria da Virginia.....	» 37,300
» de valeriana.....	» 447,232
» de valeriana, composto.....	» 0,688
» de herva cidreira.....	» 919,204
» de bagas de zimbro, composto.....	» 20,984
» de dedaleira.....	» 4,286
» de espinheiro alvar, composto.....	» 89,608
» de buchu.....	» —
» de matico.....	» 3,064
» de senne, composto.....	» 5,412
» de senne, composto, com sulphate de soda.....	» 7,138
» de tamarindos com manná.....	» 0,400
» de tamarindos, composto.....	» 4,032

(Continua)

## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas

SESSÃO DE 26 DE MAIO—Presidência do sr. SILVA MACHADO,  
primeiro secretario

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi convidado a occupar o logar de primeiro secretario o sr. Francisco de Carvalho.

Leti-se na mesa um officio do sr. governador civil communicando que mandou ouvir o administrador do concelho de Belem sobre o facto que lhe foi narrado pela sociedade e que, só depois, procederá no cumprimento da lei.

O sr. *Francisco de Carvalho* referiu-se desagradavelmente a uma noticia, que julgou menos harmonica com a verdade dos factos, e que foi publicada na *Gazeta de Pharmacia*.

O socio *Fragoso* respondeu ao sr. Carvalho defendendo a redacção d'aquelle jornal, e confirmou a veracidade dos factos narrados na noticia, que tinha desagradado ao orador antecedente.

O sr. *Coelho de Jesus* apresentou uma moção sobre o incidente levantado pelo sr. Carvalho, mas foi regeitada, em votação nominal, pelos srs. José Mendes d'Assumpção, Silva Pratas, Pedro Fernandes da Cunha, Alfredo da Silva Machado, dr. Joaquim José Alves e Emilio Frago.

Approvaram-a os sr. Francisco de Carvalho, Francisco João Rosa, Francisco Ferreira d'Almeida e o auctor.

O sr. dr. Alves apresentou uma proposta, que foi unanimemente approvada, para que a sociedade officiasse ao sr. Tedeschi, significando-lhe mais uma vez a sua gratidão pelos serviços prestados á familia pharmaceutica.

O sr. *Coelho de Jesus* pediu ao segundo secretario, que consignasse na acta, que elle, já em tempo tinha communicado, a pedido do sr. Sizenando Marques, actualmente em desempenho d'uma commissão do governo, que este

cavalheir o não tivera occasião de, ao retirar-se para Angola, se despedir da sociedade e offerecer-lhe quaesquer serviços que podesse desempenhar n'aquellas inhospitas regiões.

O *segundo secretario* pediu desculpa ao sr. Coelho de Jesus de ter deixado de mencionar na acta a referida participação, promettendo fazel-o como era do seu dever.

Encerrou-se a sessão, eram dez horas.—O *segundo secretario*, *Emilio Fragoso*.

SESSÃO DE 9 DE JUNHO—Presidencia do sr. SILVA MACHADO,  
primeiro secretario

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Foi convidado a occupar o logar de primeiro secretario, o sr. Silva Pratas.

Foi approvada a acta da sessão antecedente, tendo o sr. Rosa apresentado uma declaração de voto.

Leu-se na mesa um officio do sr. Belval, distinctissimo pharmaceutico belga, agradecendo a eleição de socio correspondente.

O sr. *Manuel Soriano*, illustrado medico mexicano, agradeceu, por officio, a eleição de socio correspondente.

Foi eleito, por unanimidade de votos, socio effectivo o sr. Albino d'Andrade.

Foi apresentado o seguinte parecer:

*Senhores*:—A commissão por vós eleita na sessão de dez de março para dar parecer sobre os quesitos apresentados por alguns dignos socios, em virtude d'um convite por vós feito, para serem enviados ao «Congresso internacional-pharmaceutico» que se ha de effectuar em Bruxellas, vem hoje mui respeitosa e sujeitar á vossa esclarecida e illustrada intelligencia o resultado dos seus trabalhos e illações resultantes do exame a que procedeu.

A vossa commissão, como era do seu dever, leu com a mais escrupulosa attenção todos os quesitos que vós lhe enviastes e, para a boa ordem dos seus trabalhos, classificou-os pelo modo seguinte:

- 1.º quesito, do sr. Pedro Fernandes da Cunha;
- 2.º quesito, do sr. Eleziario Augusto Macedo Ferraz;
- 3.º quesito, do sr. Joaquim Alves Christovão;
- 4.º quesito, do sr. Antonio Augusto Franco;
- 5.º quesito, do sr. Antonio Augusto da Silvas Pratas;
- 6.º quesito, do sr. João Cardoso;

e, para mais seguramente dar o seu parecer e tirar as suas conclusões, cotejou-os, cada um de per si e á proporção que os ia apreciando, com os do programma que os congressistas se propoem discutir.

Em quanto ao 1.º quesito, é a vossa comissão de opinião que está escripto com a maior lucidez d'espírito, e que revela da parte do seu auctor, justos desejos de engrandecer a classe pharmaceutica, todavia, o seu assumpto está previsto no n.º 2 do art. 4.º dos trabalhos a que se vae proceder no congresso.

Em quanto ao 2.º quesito, entende a vossa comissão que contem doutrina bem diversa d'aquella a que visam os promotores do congresso, por isso que o pharmaceutico pelo seu curso scientifico tem ao seu alcance meios de sobra para indagar de qualquer mistificação e identidade dos medicamentos.

Em quanto ao 3.º quesito, acha-o a vossa comissão irrealisavel, porquanto as condições de *paiz para paiz* são bem differentes.

Em quanto ao 4.º quesito, a vossa comissão concorda com o que n'elle se pondera, no entanto lembra que na nossa legislação ha bastantes modos para cohibir os abusos que menciona, mas o seu cumprimento e observancia compete ás auctoridades locais.

Em quanto ao 5.º quesito, a vossa comissão acha-o, como o 4.º, comprehendido no n.º 2 do art. 4.º do programma do congresso.

Em quanto ao 6.º quesito, a vossa comissão admira e applaude o seu auctor pelo trabalho, aliás bem elaborado, no qual se manifesta grande proficiencia e saber, contendo diversas indicações de valor, e avultando entre ellas

—A organização de escolas especiaes de pharmacia — curso dos aspirantes etc. etc., mas cumpre-lhe observar que todas estas questões vão ser tratadas no congresso.

A vossa comissão considerando:

1.º Que alguns dos quesitos mencionados, além de muito bem elaborados, estão previstos no programma do congresso — 2.º que outros, com quanto muito apreciaveis, tratam d'assumpo diverso: — é de parecer, que nada se adianta com a sua remessa para Bruxellas.

Concluindo, a vossa comissão entende, que se devem ter na maxima ponderação os dignos socios que acudiram com os seus trabalhos e bons desejos d'acertar, ao convite circular emanado d'esta sociedade.

Sala das comissões da Sociedade pharmaceutica lusitana, 26 de maio de 1885. — *Dr. Joaquim José Alves — Francisco João Rosa — José Bento Coelho de Jesus — Pedro Fernandes da Cunha — Antonio Augusto da Silva Pratas, relator.*

Foi approvedo.

O sr. *Silva Machado* apresentou uma proposta, que foi confiada a uma comissão, composta dos srs. Mattos, Terdeschi e auctor, para dar parecer.

Encerrou-se a sessão eram dez horas. — O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

## SAUDE PUBLICA

da Ordem dos Pharmacêuticos

**Envenenamento produzido pelas torneiras de latão applicadas a vasilhas contendo vinho**

Temos tido occasião de observar por mais de uma vez o gosto metallico e desagradavel, que as torneiras de latão communicam aos yinhos de toda a especie, tanto brancos como tintos.

A acção d'estes liquidos faz-se sentir em muito pouco tempo, e basta o contacto de um ou dois dias, para que o



sabor do cobre se torne sensível na porção do vinho que mais se ayisinha do liquido. Nas torneiras novas, ou muito pouco servidiças, a acção do vinho é então mais pronunciada, como temos observado, tanto com os vinhos tintos, de pasto, como com os melhores vinhos finos, do Porto, da Madeira e Xerez.

Estes factos são conhecidos no commercio dos vinhos, e é sobre elles que repousa a pratica de rejeitar para uma celha propria, que costuma haver nas adégas, a primeira porção de vinho que a torneira deita, na occasião da prova.

Ora, se o uso d'estas torneiras é menos prejudicial nas vasilhas de grande lote, não succede outro tanto, quando se trata de pequenos barris, porque então os saes, fornecidos pela liga de que a torneira é composta, vão dissimular-se por uma massa relativamente pequena, a ponto de o seu uso poder trazer graves consequencias.

Devemos ainda lembrar que o perigo augmenta com a acidez dos vinhos, com os vinhos brancos, de si pouco alcoolicos, e principalmente com as agna-pés, nas quaes abundam os principios solúveis dos engaços e folhêlhos.

Os sr. Andouard, professor de pharmacia em Nantes, teve ultimamente occasião de ensaiar duas amostras de vinhos suspeitos, e o resultado das suas análises, cotejado com os symptomas observados nos individuos que faziam uso dos referidos vinhos, não permittiu a menor duvida, de que se tratava de verdadeiros envenenamentos accidentaes.

Muitos creados de uma granja foram acommettidos de collicas violentas com vomitos; os accidentes reappareceram, quando elles voltaram ao regimen ordinario.

Recaindo as suspeitas sobre o vinho branco de que elles faziam uso, o professor Andouard descobriu n'elle 113 milligrammas de cobre, ou 331 milligrammas de acetato neutro e anhydro. Reconheceu tambem a presença do zinco, mas não dosou este metal.

Um individuo adoeceu, um mez depois de ter substituído por uma torneira de latão a torneira de madeira de que

diariamente se servia para tirar o seu vinho branco de um barril. Entretanto notou-se em o vinho uma aglomeração esverdeada; o sr. Andouard reconheceu n'elle a existencia, por litro, de 162 milligrammas de cobre, ou 463 milligrammas de acetato neutro e anhydro, e mais 71 milligrammas de zinco, ou 199 milligrammas de acetato anhydro.

N'este ultimo caso a percentagem do cobre é realmente extraordinaria, e impõe o dever de aconselhar a proscricção completa das torneiras em questão, como fez o illustre professor de Nantes.

GUIMARÃES DRACK.

## PHARMACIA

### **Verbasco branco (*Verbascum thapsus*), sua applicação na tuberculose**

PELO SR. J. B. QUINLAN

O verbasco branco tem sido muito empregado na nossa medicina popular, tanto pelo que respeita ás folhas, como ás flores; aquellas em decoctos emollientes; estas em bebidas bechicas. Não me parece, porém, ter logrado grande reputação na medicina illustrada, embora citado na materia medica do finado dr. Beirão e na actual pharmacopêa. A nossa pharmacopêa geral não faz menção d'elle.

Egualmente como succede entre nós, os povos da Irlanda, desde tempos immemoriaes, fazem uso d'esta planta e, ainda mais, consideram-a um agente precioso e infallivel na tísica, segundo refere o sr. Quinlan no *Boletim geral de therapeutica*. Os camponios por essa razão cultivam-a ali com todo o esmero e cuidado, e dão preferencia ás folhas frescas, as quaes podem ser colhidas durante sete ou oito mezes do anno, com quanto ellas seccas deem ainda bons resultados.

A planta creada em estufa pôde dar folhas verdes todo o anno.

O methodo de tratamento dos irlandezes consiste em applicar dois ou tres litros por dia da seguinte preparação:

Folhas frescas de verbasco.....	100 grammas
Ou na sua falta,	
Folhas seccas.....	30
Leite de vacca bem fresco.....	1 litro

Fazem ferver, e obteem assim um caldo, no qual demoram ainda por um pouco, uma dezena de minutos, a planta.

Filtram, adoçam e bebem quente.

Estes factos chamaram a attenção do sr. Quilan, que, durante os ultimos dois annos, submetteu a um tratamento exclusivo 127 individuos atacados de consumpção pulmonar em todos os periodos da doença.

Fez pesar com todo o cuidado cada doente no principio do tratamento, e todas as semanas repetiu esse trabalho, para apreciar os resultados colhidos.

As conclusões a que chegam são as seguintes:

1.<sup>a</sup> No estado premonitorio e pretuberculoso da consumpção pulmonar, o verbasco gosa de propriedades curativas e trophicas mais pronunciadas que as do oleo de figados de bacalhau, e quasi eguaes ás do kumis tartaro.

Está experimentalmente demonstrado o augmento de peso dos doentes submettidos ao seu uso, porque o leite é impotente, só de per si, para produzir taes resultados.

2.<sup>a</sup> Quando os tuberculos estão já desenvolvidos e molles, quando o tuberculoso se tem tornado tísico, o verbasco allivia muito a tosse. Graças a elle os doentes não necessitam de preparação alguma peitoral, vantagem altamente apreciavel em doentes, que muitas vezes vivem na impossibilidade de tolerar uma alimentação sufficiente. O leite é para elles mais um alimento do que um medicamento.

3.<sup>a</sup> O verbasco diminue ou faz cessar a diarrhea dos tísicos. Que o leite contribue para isso, não ha duvida; mas pôde ainda obter-se esse resultado, quando o decocto de verbasco é preparado com agua.

4.<sup>a</sup> Todos os symptomas que se ligam á existencia da tuberculose podem ser combatidos pelo verbasco, excepto

os suores profusos, para os quaes o auctor empregou as injecções hypodermicas de sulfato de atropina, unica excepção ao tratamento exclusivo pelo verbasco.

5.<sup>a</sup> O verbasco, fumado a modo de tabaco, diminuiria consideravelmente a irritação das vias respiratorias, e a tosse espasmodica, assim como todas as fôrmas da tosse.

Ainda, segundo o sr. Quinlan, pôde fumar-se o verbasco, finamente picado, em um cachimbo, e misturar-se, querendo, algum tabaco, para o tornar mais agradável.

GUIMARÃES DRACK.

## CHIMICA

### Doseamento das materias organicas das aguas

Arthur Petit, illustrado e incansavel pharmaceutico francez, auctor de numerosos e apreciados trabalhos de chimica medica, apresentou ultimamente á sociedade pharmaceutica de Paris a seguinte *Nota*, acerca do doseamento das materias organisadas que as aguas conteem, baseada no estudo experimental que elle tem feito n'este importante ponto, de que muito depende a determinação da qualidade das aguas alimentares.

As considerações de Petit parecem-nos muy judiciosas e dignas da reflexão d'aquelles que se occupam d'estes assumptos.

Os diversos processos actualmente adoptados no doseamento das materias organicas das aguas, são baseados sobre a oxydación d'estas materias pelo per-manganato de potassa em soluto acido ou alcalino.

Do peso de per-manganato destruido na reacção, deduz-se o das materias organicas.

Infelizmente os processos de ensaio variam segundo os chimicos, e, interpretando cada um de modo differente o phenomeno, os resultados colhidos não podem ser comparados entre si sem soffrerem correcções, e resulta d'este facto que a expressão *materias organicas*, já muito vaga quando se applica ás aguas, não apresenta no proprio sentido convencional em que se emprega, as condições requeridas para dar aos doseamentos sua verdadeira significação.

Uns fazem reagir o per-manganato sobre a agua a 70° e mantida meia hora, ou uma hora, n'esta temperatura.

Kubel faz ferver durante cinco minutos o liquido acidulado pelo acido sulfurico.

No observatorio de Mont-souris, Alberto Lévy torna o liquido alcalino pelo bi-carbonato de soda, e mantem a ebullicão durante dez minutos.

Bachmeyer indica que se faça ferver durante meia hora.

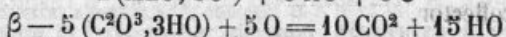
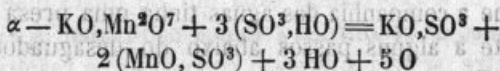
Finalmente, Wanklyn e Chapmann propoem que se torne a agua fortemente alcalina, e que se submetta á ebullicão até expellir os  $\frac{9}{10}$  da agua sobre que actua o per-manganato.

É inutil acrescentar que seguindo estes processos se obtem numeros absolutamente differentes. Além d'isso, assim como o havemos dito precedentemente, terminada a operacão, cada um tem sua maneira de exprimir os resultados obtidos.

Kubel e Wood assentaram, depois de numerosas experiencias, que uma parte de per-manganato corresponde a 5 partes de materias organicas.

Em França, o doseamento das materias organicas é avaliado em acido oxalico, o que se consegue praticamente multiplicando por 2 o peso de per-manganato de potassa destruido.

Finalmente, no observatorio de Mont-souris, nota-se na columna: *Materias organicas*, o oxygenio absorvido na reacção que transforma o per-manganato em sulfato de manganese, segundo as formulas seguintes:



158<sup>gr</sup>,25 de per-manganato põe em liberdade 40 grammas de oxygenio, e decompõe 315 grammas de acido oxalico.

O oxygenio representa cerca de  $\frac{1}{4}$  do per-manganato.

Tem-se pois, referindo os numeros ao oxygenio, tomado por unidade:

Oxygenio.....	= 1
Per-manganato.....	= 4
Materias organicas avaliadas em acido oxalico.....	= 8
Materias organicas segundo Kubel e Wood.....	= 20

Vê-se que, conforme o modo de interpretação adoptado, as materias organicas na analyse d'uma mesma agua podem variar na proporção de 1 a 20.

Todos estes methodos dão, não resultados precisos, mas numeros que, comparados entre si e referidos a typos conhecidos, permitem que se chegue a legitimas conclusões. Seria preciso adoptar um *modus faciendi* uniforme, e parece-me que um soluto acidulado por 10 gr. de  $\text{SO}_3\text{HO}$  por litro e mantido em ebullicão durante dez minutos, daria resultados satisfatorios.

Convinha tambem determinar a concentração do licor de per-manganato. Nas minhas experiencias, tenho empregado um licor contendo 0<sup>gr</sup>,633 de per-manganato por litro. N'estas condições, as materias as mais oxydaveis são destruidas e doseadas, e são aquellas que, segundo os hygienistas, apresentam verdadeiro perigo para a saude publica.

Trabalhos recentes teem chamado a attenção sobre esta questão tão interessante. Tem-se notado com rasão a elevada proporção de materias organicas contidas nas aguas distribuidas a certos bairros de Paris, e soube-se com pasmo que a companhia das aguas tinha uma presa d'agua importante a alguns passos abaixo do desaguadouro do grande collecter.

A emoção produzida era muito justa; mas, não se teria avançado muito affirmando que a agua colhida antes de Paris era quasi tão má, e declarando não potaveis as aguas que contem mais de 3 milligrammas de materias organicas por litro? «As aguas puras, diz Daremberg, contem

cerca de 1 milligramma, as aguas utilisaveis 3 milligrammas (sendo a materia organica expressa em acido oxalico.)»

É incontestavel que, quanto menos materias organicas contiver uma agua mais salubre será; mas esta proporção de 3 milligrammas não existe senão para a Vanne e as melhores de fonte das proximidades de Paris contem de 7 a 8 milligrammas.<sup>1</sup> Este é tambem o doseamento da agua do Loiret, que alimenta Orleans (7,<sup>mm</sup>56), e no entanto é notorio que estas aguas são de excellente qualidade.

A agua do Sena e do Marne antes de Paris contem 10 a 12 milligrammas de materias organicas por litro. Haverá n'este acrescimo de 2 a 4 milligrammas rasões bastantes para a regeitar sem maior exame?

O doseamento das materias organicas totaes não é, segundo a minha opinião, senão um dos elementos do problema. É preciso tambem determinar qual é a proporção das substancias albuminoides, unicas verdadeiramente perigosas.

Se se pretende formar uma idéa precisa da contaminação que a agua tem soffrido, é preciso fazer entrar em linha de conta o azote ammoniacal (o azote ammoniacal e o azote albuminoide tem sido doseados nas nossas experiencias pelo methodo de Wanklyn e de Chapmann) e o azote nitrico proveniente evidentemente da decomposição das materias albuminoides.

Pensó que, concedendo inteiramente uma importancia excepcional ás materias albuminoides não transformadas, seria preciso fazer a somma do azote total, e exprimi-lo em materias albuminoides multiplicando-a pelo coeeficiente 6,4<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Todos os resultados consignados n'esta Nota são avaliados em acido oxalico.

<sup>2</sup> As materias albuminoides contem 15 a 16 % de azote (Fremy e Ter-reil), cuja média é 15,5 %. 1 gr. de azote corresponde pois a

$$\frac{100}{15,5} = 6,4$$

de materias albuminoides.

Logo, querendo saber qual é o peso de materias albuminoides correspondente a um peso conhecido de azote, basta multiplicar este pela constante 6,4.

Achar-se-ia certamente assim o meio de classificar as aguas sob o ponto de vista de sua salubridade.

Haveria ainda a examinar ahi qual é a origem, d'estas materias azotadas. É evidente que deveriam ser tanto mais suspeitas se procedessem de dejecções humanas e possessem conter germens de molestias contagiosas.

Para fazer comprehender bem o meu pensamento, citarei alguns exemplos:

	MATERIAS	
	organicas	albuminoides
Agua de Trappes.....	32 <sup>mm</sup> ,76	2 <sup>mm</sup> ,99
Agua do Sena antes da machina de Marly.....	15,1	8,37
Agua do Sena em Sévres.....	15,2	4,95
Agua do Sena no seu confluyente com o Marne.....	12,5	1,78
Agua do Loiret.....	7,56	1,27
Agua da Vanne.....	3,15	1,14

É facil de ver que a classificação estabelecida pelo doseamento da materia organica não está em relação com a que dá a materia albuminoide, e no entanto não fizemos intervir senão o azote ammoniacal e o azote albuminoide, pois que o azote nitrico não foi ainda determinado.

Os medicos parecem dispostos a declarar a analyse chimica incapaz de resolver o problema estabelecido. Nós não somos da mesma opinião.

Se existem obscuridades, podem de certo ser esclarecidas por um estudo applicado.

A chimica constitue ainda o melhor meio de investigação.

Póde ella encontrar um poderoso auxiliar nos processos de cultura tão bem estudados pelo dr. Miquel; mas estes methodos, só de per si, não seriam infalliveis, e em um trabalho recente tivemos ensejo de ver, não sem admiração, a agua da Vanne fornecer mais microbios que a agua do canal do Ourcq.

Hermann Fol e Dunant, de Genova, tornaram muito mais



praticos os processos, cujo pensamento pertence exclusivamente ao dr. Miquel.

O nosso sabio collega e consocio termina a sua Nota promettendo aproveitar estes processos para comprovar as suas experiencias chemicas e declarando que se julgará feliz por apresentar á sociedade de pharmacia (de Paris) os resultados geraes obtidos, para que esta os discuta com a alta auctoridade que pôde reivindicar no maior numero das questões concernentes á hygiene publica.

Outro sim promette dar em uma nova Nota os algarismos de numerosos doseamentos feitos sobre as materias organicas e o oxygenio contidos em diferentes aguas de Paris, bem como em um grande numero de aguas utilizadas para alimentação nos arrabaldes d'esta cidade.

S. M.

### Ensaio do ether

O ether, que muitas vezes tem em mistura aldehide, é então improprio como anesthesico. Reconhece-se esta impureza, juntando-lhe um soluto de iodeto de potassio, que toma a côr amarella.

(*Pharm. Journ. and Transact.*)

### Dosagem do zinco

PELO SR. SILVA

O nosso illustre collega e compatriota Silva, conhecido no mundo scientifico estrangeiro, e que em Paris exerce o professorado, communicou á sociedade chimica da mesma cidade, em sessão de 27 de março, um novo processo de dosagem do zinco, que o illustre professor considera preferivel ao de Schaffener, por ser mais commodo em executar e mais rigoroso.

O sr. Silva manda precipitar o zinco por um excesso de sulfureto de sodio, separar o sulfureto de zinco formado pela filtração, e graduar o excesso de sulfureto pelo iodo.

A proposito do processo apresentado pelo sr. Silva, o sr. Millot fez notar, que elle proprio tem verificado muitas vezes o processo Schaffener, modificado pelo emprego do papel de carbonato de chumbo, como indicador do excesso

de sulfureto, e que tem achado este processo muito exacto; o essencial é ter o papel de carbonato de chumbo muito bem polido e emplastrado, para que o liquido não adhira.

### Pesquisa do chumbo e do cobre no vinho

O dr. Hermann Hager dá um novo methodo para descobrir parcelhas de cobre e de chumbo no vinho, por meio de uma folha de estanho. Mistura no vinho melade, ou um quarto do seu volume, de soluto concentrado de soda, e em um tubo de ensaio mergulha uma tira de folha de estanho em 6°c, pouco mais ou menos, da mistura, e aquece em b. m. por espaço de meia hora.

Se a folha de estanho se conserva brilhante, o vinho é exempto de chumbo e cobre; se porêm tem a menor quantidade d'estes metaes torna-se *mate* e acinsentada. Quantidades maiores tornam-a cinsenta carregada, cinsenta escura, com o chumbo; e cor de aço, castanho carregado, até ao castanho escuro, com o cobre.

D.

### VARIETADES

**Regresso do professor José Julio Rodrigues.**—Chegou no dia 11 do corrente mez de julho, da ilha de S. Thomé, este illustre professor, que ali foi observar o adiantamento da cultura das quinas.

**Distincção.**—A commissão executiva da Exposição agricola, que se effectuou na Tapada da Ajuda, conferiu diploma especial ao nosso amigo e collega d'esta redacção, Augusto d'Oliveira Abreu, vogal de jury, como menção honorifica e agradecimento pelos relevantes serviços prestados á referida exposição.

**Aos fumistas.**—Para que a nicotina se torne inoffensiva, aconselha mr. Ferrier o algodão secco depois de

embebido n'uma solução de tannino, sendo collocado na passagem do fumo do cachimbo ou da cigarrilha.

**Remedio para o soluço.** — Segundo o dr. H. Tucker uma mistura de assucar granulado e bom vinagre constitue um verdadeiro especifico para semelhante mal. Uma colher das de chá administrada no acto do soluço é sufficiente para o fazer cessar.

No caso raro de não ceder á primeira dôse, repete-se o medicamento.

Outro remedio, communicado á *Union pharmaceutique*, e que é muito popular no Brasil, segundo informa o dr. Manuel Ramos, que pelo nome parece tambem ser brasileiro, consiste em resfriar o lobulo da orelha, sem ser preciso um grande abaixamento de temperatura, pois basta molhar o lobulo com agua fria ou saliva.

**Desinfecção dos recipientes que serviram a iodoformio.** — O sr. Scheider, pharmaceutico em Reims, recommenda o seguinte modo, preferivel a todos até hoje aconselhados: limpar muito bem o vaso ou apparelho, pelos meios ordinarios, enxugal-o e collocal-o em uma estufa na temperatura de 80 a 100° por espaço de uma hora.

**Helenina**, ou camfora de enula campana. — Este producto, extraido da enula, hoje tão esquecida, tem sido vantajosamente empregado contra os catarrhos antigos e contra a tísica insipiente.

A dôse empregada é de 10 centigrammas, segundo o *Pharm. Centralhalle*, 1884. 134 et *Rundschau für Pharmacie*, XI, 1885, 210.

**Camellia oleifera.** — As suas sementes contem 44 % de um oleo espesso, amarello, proprio para illuminação e cosmetico dos cabellos. Obtem-se por expressão, ou excipiação pelo ether.

O residuo da extracção do oleo é utilizado pelos chinas, com o nome de Chá-Tsai-Fan, na lavagem domestica, e o seu infuso para afugentar os insectos das plantas, e embriagar os peixes.

O mesmo residuo, com o nome de Chá-Tsai-Peng e sob a fôrma de pão redondo, é vendido no commercio, e empregado para lavar os cabellos.

O sr. Mac-Callum encontrou nas sementes 40 % de um glycoside, que lhe deu todas as reacções da saponina e que elle considerou identico a este alcaloide.

**Hopea splendida, sua applicação.**—As sementes da *H. splendida, aspera*, e d'outras especies, fornece um corpo gordo, conhecido nas ilhas de Sonda pelo nome de Myniak-Tangkawank ou Miniak-Sangkawank. Duro e fragil á temperatura ordinaria, torna-se brando a 27°, e funde-se a 44°. Parece bom para pommadas e suppositorios, segundo o sr. Holmer.

**Nikel, seu emprego em utensilios de laboratorio.**—

As experiencias do sr. M. P. Guyot com respeito á passividade dos alkalis causticos para com o nikel veem confirmar as asserções dos srs. Ditzmez, Mermét, e Fresenius, os quaes teem aconselhado o uso d'este metal para vasos de laboratorio, capsulas, cadinhos, etc., em substituição da prata.

Um cubo de nikel, 3 grammas 623, mergulhado durante 48 horas em um vaso com soda em fusão (a 900° pouco mais ou menos) não soffreu mudança em o seu peso.

**Processo para fazer adherir os lettreiros sobre o zinco ou a fôlha de Flandres.**

—A superficie metallica será cuidadosamente despolida com papel vidrado; depois ser-lhe-ha applicado um soluto de silicato alcalino, sobre o qual se colloca o letreiro, o qual adhere solidamente e não se desprende pelo calor.

**Estatística dos medicamentos fornecidos pela botica do hospital de S. José ás enfermarias do mesmo hospital e annexos, no anno economico de 1878 a 1879.**

OFFERECIDO Á SOCIEDADE PELO SR. CARLOS AUGUSTO LOPES

(Continuado do n.º 6)

Medicamentos	Quantidades
<b>Hydro-solutos (dissoluções). Misturas</b>	
Hydro-soluto d'acido phenico (1:100)	Kilogr. 4:039,700
» d'alumen	2:590,703
» de cal com sublimado corrosivo	3,150
» de chlorureto de soda	50,200
» de creosota	—
» cupreo-ammoniacal	0,393
» de cyanureto de potassio	—
» de nitrato de prata concentrado	0,5855
» de perchlorureto de ferro	2,640
» de permanganato de potassa	1,720
» de ratanhia, laudanizado	1,376
» de sub-acetato de chumbo	4:395,964
» de sub-acetato de chumbo alcoolisado	4:319,392
» de sublimado corrosivo	690,340
» de sulphato d'atropina	0,1315
» de sulphato de morphina	5,887
» de sulphato de zinco laudanizado	151,810
» de tinctura d'iodo	28,764
Agua sedativa, n.º 1	5,820
Banho d'arnica	425,264
Hydro-soluto arsenical	46,028
» de bromureto de potassio	641,044
» de cal	47,332
» de cal, composto	1,032
» de chlorato de potassa	75,680
» de chlorhydrato de morphina	36,618

Medicamentos	Quantidades
Hydro-soluto de citrato de ferro ammoniacal, composto	Kilogr. 64,978
» de cyanureto de potassio.	—
» emeto-cathartico.....	9,632
» de gomma arabica.....	88,752
» de iodureto de potassio..	4:637,892
» de sulphato de magnesia.	130,654
» de sulphato de soda.....	118,769
» de sulphato de quinina..	381,224
» de sulphato de quinina, composto.....	28,186
» de sublimado corrosivo (Licôr de Van-Swieten)	27,003
» de tartaro ametico.....	45,310
» de xarope d'avenca.....	22:479,246
Mistura almiscarada.....	7,670
» camphorada.....	16,534
Mistura cretacea, da Ph. Brit. ....	25,490
» salina simples.....	3:552,124
Poção de aconito.....	14,442
» de arnica.....	0,232
» de belladona.....	18,120
» de cicuta.....	0,232
» de dedaleira, n.º 1.....	1,392
» de dedaleira, n.º 2.....	0,116
» albuminosa.....	2,408
» ammoniacal.....	10,300
» antispasmodica, n.º 1.....	91,924
» antispasmodica, n.º 2.....	14,312
» de ergotina.....	59,170
» de perchlorureto de ferro.....	26,200
Solução de pyro-phosphato ferrico-sodico, de Leras.....	77,180
Hydro-soluto d'acido phenico (1:1000).	492,704
» de alcatrão.....	655,784
» de tartarato ferrico-potasico, de Ricord.....	44,349
Mistura de Rivièrè (anti-emetica) (*)	54,440
» gommosa (*).....	24,960

(Continua)

## NECROLOGIA

D. Juan Texidor y Cos, cathedratico de pharmacia na universidade de Barcelona, falleceu n'esta cidade a 17 de maio ultimo.

Depois de haver recebido n'esta mesma cidade o bacharelado em artes, cursou a faculdade de pharmacia, e obteve por opposição o premio extraordinario de licenciatura, sendo n'ella investido em 2 de novembro de 1862.

O seu merito e amor ao estudo conquistaram-lhe em 1864 a nomeação de professor auxiliar da faculdade de pharmacia na universidade de Barcelona, na mesma occasião em que se preparava para receber a investidura de doutor da mesma faculdade, investidura que obteve na universidade central com a qualificação de *sobresaliente*, em 20 de junho de 1864.

Desempenhou o lugar de cathedratico da faculdade de Barcelona, até 5 de abril de 1866, época em que tomou posse do lugar de cathedratico supraoumerario em a universidade de Santiago.

Em abril de 1867 foi transferido por concurso para uma cadeira supranumeraria na faculdade de pharmacia em Madrid, cabendo-lhe a propriedade de cathedratico em 30 de outubro de 1871 na universidade de Barcelona e occupou este lugar até ao dia em que se finou.

Foi de todo este periodo escriptor distincto e investigador incansavel, o que lhe deu ingresso em varias corporações de pharmacia, dentro e fora do seu paiz, e na real academia de sciencias e artes de Barcelona.

Além de varias obras sobre pharmacia propriamente dita, e todas as sciencias accessorias, foi director e proprietario do *Restaurador pharmaceutico*, desde 1871, e tanto n'este jornal, como nos seus demais escriptos, accumulou grande e valioso numero de dados e observações scientificas, proprias, que soube recolher em suas frequentes excursões botanicas, zoologicas, e mineralogicas, a quasi todas as

provincias da Hespanha, e ultimamente a alguns pontos da França, Belgica e Suissa.

A nossa propria flora não lhe era estranha, pois em 1871 publicou em Madrid a *Flora pharmaceutica de España y Portugal, precedida de varios capitulos preliminares y determinacion de materiales farmaceuticos exóticos.*—Um tomô 4.º de xxiv—1248 pag. illustrado com grabados.

Em novembro de 1878 foi elevádo á cathedra de *cathedrático de ascenso*; desempenhou varias commissões especiaes; e enriqueceu as faculdades de pharmacia de Barcelona, de Madrid, e de Santiago, com excellentes collecções de mineraes, e de plantas, todas colhidas por elle e bem classificadas.

Em 29 de setembro do anno preterito tinha sido transferido por concurso para a universidade central, logar que, mau grado seu, renunciou, para não abandonar em Barcelona a botica que ali tinha aberta.

O sr. Duarte de Oliveira, Junior, na sua chronica do excellent *Jornal de horticultura pratica do Porto*, n.º 7, diz: «Falleceu em Barcelona o sr. D. Juan Texidor y Cos, redactor do *Restaurador pharmaceutico*, e que sempre considerámos collaborador do nosso jornal, apesar de raras vezes nos obsequiar com os seus escriptos que eram sempre de elevado merecimento.» E nós acrescentaremos que elle morreu, legando aos seus um nome honroso, estimado, e respeitado por todos os seus collegas, cathedraes, e profissionaes.

### da Ordem dos Pharmaceuticos

#### Peter Squire

—A Sociedade pharmaceutica da Gram-Bretanha, cujo estabelecimento em Blomsburg Square se tem tornado uma Escola de pharmacia muito activa, inaugurou com grande ceremonial o medalhão de Peter Squire, um dos mestres mais eminentes da pharmacia ingleza, que em março do anno passado tinha morrido em idade muito avançada.



## PEÇAS OFFICIAES

—  
Extracto das actas

SESSÃO DE 30 DE JUNHO—Presidencia do sr. DRACK, 1.º vice-presidente

Abriu-se a sessão ás oito e meia horas da noite.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *Albino d'Andrade* mostrou-se reconhecido por ter sido eleito socio; e agradeceu á mesa a parte que tomou na dôr porque passou, com a morte d'um irmão que extremecia.

Mostrou-se tambem grato ás redacções dos jornaes pharmaceuticos d'esta cidade, que commemoraram o passamento de seu irmão com phrases de vivo sentimento, e onde transparecia a saudade d'aquelle que sempre foi bom collega.

O sr. *Drack*, presidente, agradeceu em nome da mesa, os louvores aliás immerecidos que lhe foram dirigidos pelo sr. *Andrade*, e pediu a este consocio que não esfriasse nos bons desejos, que mostrava ter, de acompanhar a sociedade em todos os trabalhos que necessitassem do seu valioso auxilio.

O sr. primeiro secretario, *Silva Machado*, communicou os trabalhos executados por elle e pelo segundo secretario, para que passasse a proposta apresentada em côrtes pelo sr. conselheiro *Franco*, e que tinha referencia á acquisição de vogaes pharmaceuticos para os conselhos de hygiene.

Que na camara dos deputados não tinha passado a proposta, mas que havia ainda recurso para a camara dos dignos pares, e, n'este sentido, pedia a opinião da sociedade.

O sr. *Coelho de Jesus* elogiou os esforços empregados pela mesa para ser acceite a proposta do sr. conselheiro *Franco*, e mostrou-se adverso a qualquer pedido á camara dos dignos pares por a julgar inefficaz.

A sociedade conformou-se com esta opinião não havendo quem a impugnasse.

O sr. *presidente* avisou a assembléa de que se ia proceder á eleição da commissão revisora de contas.

O sr. *Cunha* propoz para que fosse eleita por aclamação, e apresentou os nomes dos srs. Antonio Simões Terceiro, Silva Pinto, e Marques Couceiro, como merecedores da confiança da assembléa.

O sr. *Coelho de Jesus* combateu a proposta, havendo replica da parte do sr. *Cunha*, usando tambem da palavra sobre o mesmo assumpto os srs. Carvalho Machado e Fragoso.

(Algumas palavras proferidas pelo sr. *Coelho de Jesus* em resposta ao sr. Silva Machado, foram julgadas inconvenientes pelo sr. presidente, que advertiu o socio.)

Procedendo-se á eleição de tres membros para a commissão revisora de contas, saíram eleitos os srs. Silverio Couceiro, Silva Pinto e Simões Terceiro.

Foi eleito socio effectivo o sr. José Gonçalves Marques.

O sr. Fernandes da Cunha foi eleito vogal da commissão que deve dar parecer sob a proposta apresentada pelo sr. Silva Machado, a que se refere a acta da sessão de 9 de junho.

Encerrou-se a sessão eram onze horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

---

SESSÃO DE 12 DE JULHO—Presidencia do sr. DRACK, 1.º vice-presidente

As dez horas da noite abriu-se a sessão.

A acta da sessão antecedente foi approvada. A correspondencia teve o devido destino.

Tendo-se lido um officio do sr. Emilio Fragoso, em que se declarava exonerado do logar de segundo secretario, o sr. presidente mostrou desejos de que este cavalheiro fizesse o relatorio dos trabalhos da sociedade para ser lido na sessão solemne, que devia ser breve, e não podia, por este facto, qualquer outro socio tomar para si um encargo tão pesado.

O sr. *Coelho de Jesus* declarou que respeitava os motivos

que levavam o sr. Fragoso a pedir a exoneração, mas que esta deliberação ia evidentemente dificultar o bom andamento dos trabalhos da sociedade, dando-se a circumstancia de estar para breve a realização da sessão solemne.

O sr. *José Mendes d'Assumpção* fez longas considerações, mostrando os serviços feitos á sociedade pelo sr. Fragoso, a quem dedicava grande estima e a quem reconhecia bellissimas qualidades.

Que respeitava os motivos, que deviam ser poderosos, que o levaram a pedir a exoneração de segundo secretário, mas que lhe pedia com todo o empenho, e em nome da amizade que lhe dedicava, que fizesse o relatório dos trabalhos da sociedade, para ser lido na proxima sessão solemne.

O sr. *Emilio Fragoso* agradeceu as boas palavras que lhe dirigiram os oradores precedentes, e especialmente o sr. Assumpção, a quem votava o maior respeito, amizade e dedicação, que só tem exemplo no amor que um filho amantissimo dedica a seu pae e mãe extremosos. Prometteu elaborar o relatório, se o sr. Ascenção, seu antigo amigo e condiscipulo, desse o seu assentimento, porque era a elle que competia fazel-o, por ser quem o estava substituindo na mesa.

Explicando os motivos que o levaram a pedir a exoneração, entre outras coisas declarou, que o fizera por saber de varias pessoas, que lhe mereciam a maior confiança, que a ausencia do sr. Tedeschi tinha explicação em não querer este cavalheiro collaborar nos trabalhos da sociedade, tendo-o a elle como segundo secretario, e isto por se julgar aggravado com uma noticia publicada na *Gazeta de Pharmacia*.

Que não podia deixar de fazer o que fez, apesar da manifestação unanime, que lhe foi honrosissima, feita ha pouco pela sociedade, e porque, se continuasse na mesa, privava esta da activa e intelligente collaboração do seu presidente.

O socio *Ascenção* agradeceu ao seu antigo amigo Fragoso as palavras de extrema amizade que lhe dedicava, e declarou peremptoriamente que declinava o encargo de apresen-

tar o relatório para a sessão solenne, que estava por dias, por não ter acompanhado os trabalhos da sociedade.

O sr. *Cunha* louvou o procedimento bisarro do sr. *Fragoso*, instou com elle para elaborar o relatório, e ao vice-secretario pediu-lhe que, d'hoje para o futuro, acompanhasse mais sollicitamente a sociedade, que estava exigindo a colaboração de todos.

O sr. *Francisco João Rosa* declarou que, se houver votação para o sr. *Fragoso* ficar encarregado do relatório, elle votaria contra, por ser lei dos estatutos que ao segundo secretario compete fazer tal trabalho.

O sr. *presidente* mostrou-se congratulado por o sr. *Fragoso* ter accedido aos pedidos da maioria da assemblêa, com respeito á declaração do sr. *Rosa*, disse que não era necessaria a intervenção da sociedade sobre a apresentação do relatório, desde que os srs. segundo secretario demissionario e o sr. segundo vice-secretario acordavam em resolverem elles o assumpto.

Entrando-se na ordem da noite, foi apresentado pelo sr. *Silva Machado* o parecer, que adiante publicamos, sobre a seguinte proposta:

**Parecer da comissão encarregada da reforma  
do programma para premios**

Senhores:—A sociedade pharmaceutica lusitana tem, em observancia do § 8.º do artigo 27.º dos seus estatutos, posto a premio todos os annos varias questões scientificas. O resultado, porém, não tem sido nenhum; appareceu apenas ultimamente uma memoria em que o auctor se propoz resolver todas as seis questões do programma, mas que foi julgada insufficiente.

Em vista do repetido mau exito da sociedade, nos seus louvaveis esforços de contribuir por este meio para o progresso da pharmacia, não convirá modificar o programma que tem sido apresentado? Eu entendo que sim.

Deixando a sociedade aos amadores das sciencias a li-

berdade de escolha do assumpto ou questão a tratar, dentro (entende-se) dos limites da nossa especialidade, e concedendo ou conferindo tambem o seu premio ao pharmaceutico que tiver inventado um medicamento qualquer de reconhecido merito, satisfará de certo com mais efficacia o fim principal para que foi instituida, o qual consiste no progresso da pharmacia em toda a sua extensão. Além de que julgo tambem que o maior premio da sociedade deve ser pecuniario, attendendo a que a nossa classe é, em geral, pobre.

Proponho pois:

1.º Que a sociedade pharmaceutica lusitana não especifique as questões para premio;

2.º Que o premio seja conferido annualmente, por occasião da sessão solemne ao pharmaceutico portuguez, auctor de qualquer obra ou memoria de reconhecido merito sobre pharmacia ou sciencias accessorias, ou ao pharmaceutico portuguez que tiver inventado algum medicamento que represente um notavel progresso na pratica pharmaceutica;

3.º Que o premio seja pecuniario e do valor de 50\$000 réis, e o diploma de socio-benemerito;

4.º Que no caso de haver mais de um concorrente, seja conferido o premio pecuniario ao que mais se houver distinguido;

5.º Que em tudo o mais seja regulado este programma pelas condições do programma anterior.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 9 de junho de 1885.—O socio, *Alfredo da Silva Machado*.

Senhores:—A commissão especial, ou *ad hoc*, composta dos membros abaixo assignados, e por vós nomeados, ou eleitos em sessão de 9 de junho proximo passado, para estudar a proposta do nosso distincto collega o sr. Alfredo da Silva Machado, em que propõe uma profunda alteração sobre o modo de fazer o chamamento dos homens estudio-

— sos e observadores, para a resolução de questões scientificas, que esta sociedade costuma apresentar todos os annos na sua sessão solemne, em virtude de seus estatutos, cumpriu a vossa deliberação, estudando, discutindo e reformando-o do modo que vae ser apresentado.

— Concorde a vossa commissão na vantagem de não apresentar assumpto especial, por que isso embarçaria muito os concorrentes, tendo de limitar o seu estudo aos quesitos propostos, excluindo talvez o estudo d'aquelles pontos, que poderiam tratar com muita extensão e acerto. O que aliás não acontece dando se-lhes a liberdade na escolha do assumpto, que, se tiver sido bem escolhido poderá concorrer para o progresso da sciencia a que disser respeito.

— Que convem especificar, que este concurso é somente aberto entre pharmaceuticos portuguezes, entre os quaes existem muitas capacidades, que excitadas pelo desejo de obter o premio, e consideração que lhes são offerecidas, se entregarão mais facilmente ao estudo do que sem este incentivo, que lhes é proveitoso e ao mesmo tempo honroso.

— Que o premio seja pecuniario, e ao mesmo tempo honorifico: sendo o pecuniario de cincoenta mil réis, e o honorifico consista na admissão ao nosso quadro com o titulo de membro benemerito, de que se lhe passe o competente diploma, declarando-se a razão porque é conferido.

— Que estes premios sejam denominados *do quinquagesimo anniversario da instituição d'esta sociedade*.

— Que podendo apparecer mais de uma memoria, seja conferido á de menor merito, que seja approvada, como premio honorifico, ou de *accessit*, o titulo de membro honorario com a mesma declaração no competente diploma.

— E, fundada n'esta opinião, tem a honra de apresentar o seguinte projecto de programma, que a sociedade tomará em sua consideração, e resolverá o que melhor convier.

— Lisboa e sala da commissão em 2 de julho de 1885.—  
Os membros da commissão, *José Tedeschi—Alfredo da Silva Machado—Pedro Fernandes da Cunha*.

O sr. *Sousa Telles* congratulou-se pela apresentação da proposta, que acabava de ouvir ler e que ia também acabar com um programma nada convidativo, no estado actual da sociedade, para quem fosse amator.

Fez largas considerações sobre os motivos que teem tornado decadente a pharmacia portugueza, e citou como o mais importante, a falta d'escolas superiores e especiaes, onde os alumnos fossem beber certos conhecimentos indispensaveis a quem vae entrar n'uma carreira tão digna, e que requer um grande peculio de conhecimentos.

Exaltou os esforços feitos pela sociedade no sentido de levantar o nivel intellectual da classe, mas que, até hoje pouco proficuos teem sido, não por lhe faltarem bons desejos, mas por uma serie de circumstancias que não ennumerava, por considerar a discussão inopportuna.

Desejou que na proposta, o premio se intitulasse — premio José Dionysio Corrêa — e não premio do quinquagesimo, mostrando os serviços feitos á pharmacia portugueza por aquelle fallecido socio que sacrificara haveres e saude em favor da sociedade, que instituiria.

Mostrou as vantagens do premio, estabelecido pela proposta, ser também conferido a quem apresentasse um preparado pharmaceutico, chimico ou galenico — de reconhecida efficacia e sempre subordinado á exigencia mais esculpulosa, porque assim iam contribuir para o progresso da industria pharmaceutica.

Depois de se ter espraído em mais considerações, desejou ouvir a opinião d'alguns dos membros que assignaram o parecer da commissão.

O sr. *Silva Machado* (primeiro secretario) em resposta ao sr. *Sousa Telles* procurou defender o parecer nas faltas que lhe tinham sido apontadas pelo orador antecedente.

Que a commissão tinha discutido, se devia conferir premio ao pharmaceutico que apresentasse um preparado credor d'elle, mas que todos tinham combinado abandonar a idéa, porque assim iam collocar a sociedade em graves embaraços, nada proveitosos para o bom e regular andamento

dos trabalhos. Que todos se julgariam com direito ao premio, d'ahi as emulações e abstenções d'aquelles que se julgassem desconsiderados por não lhes serem conferidos.

Que accitava a idéa do sr. Sousa Telles, denominando-o premio Dionysio Corrêa, em vez de premio de quinquagesimo, como fôra proposto pela commissão.

Fez ainda mais largas considerações, replicando o sr. Sousa Telles, tendo tambem fallado sr. Coelho de Jesus, ficando a discussão adiada para outra sessão por proposta do sr. Cunha, que desejava responder ao sr. Sousa Telles.

O sr. *Silva Machado* (primeiro secretario) apresentou um frasco com uma substancia resinosa, proveniente da Africa occidental, d'onde foi mandada para Lisboa, afim de ser aqui examinada, pelo notavel explorador sertanejo *Silva Porto*, e isto por se ter observado que os indigenas d'aquella região tiram optimo resultado do seu emprego no tratamento de feridas chronicas e de doenças de peito. Disse que é extrahida d'uma arvore gigante chamada *mumbaffo*, da qual tem o nome, e que esta arvore se encontra pelos bosques a partir de *Canaby* ou *Casai*, confluyente da margem esquerda do *Zaire*, e que lhe parece ser *elemi*, em vista dos caracteres physicos e organolepticos, que apresenta, embora os livros de botanica pharmaceutica dêem a existencia da *Scica Scicariba* e das outras *There bintaceas* congeneres, d'onde se extrahе a *elemi* sómente na America.

Apresentou tambem um frasco com uma substancia branca em crystaes aciculares, que disse soluvel no alcool ebulliente, no ether, no chloroformio, na essencia de terebentina, e insoluel na agua e no alcool frio, e que havia extrahido da chamada *gomma mumbaffo* por meio de tratamento alcoolico adequado e que julga ser *Elemi*.

Terminou, pedindo para as referidas substancias serem submettidas ao exame da commissão da *Historia Natural*. Assim se resolveu.

Em seguida, encerrou-se a sessão, tendo sido previamente eleitos socios os srs. *Aureliano dos Santos Viegas*, de Coim-



bra, e Domingos Antonio Liso de Sant'Anna, de Olhalvo.  
— O segundo vice-secretario, *Antonio Augusto d'Ascenção*.

SESSÃO DE 18 DE JULHO—Presidencia do sr. SILVA MACHADO,  
primeiro secretario

A convite do sr. presidente serviu de primeiro secretario o sr. Coelho de Jesus, e de segundo secretario o abaixo assignado.

A acta da sessão anterior foi lida e approvada sem discussão.

A correspondencia teve o devido destino.

Entrando-se na ordem da noite, que era a continuação da discussão do parecer sobre a proposta para novo programma de premios a concurso, usou da palavra o sr. *Fernandes da Cunha* que, como membro da commissão, deu explicações ao sr. Sousa Telles sobre o parecer, e terminou, dizendo que não tinha sido por desconsideração o não dar ao premio do concurso o nome de «premio José Dionysio Corrêa.»

O sr. *Sousa Telles* discorreu largamente sobre o assumpto, e exaltando as qualidades e dedicações pela Sociedade Pharmaceutica do nosso fallecido socio José Dionysio, propoz que o premio se denominasse «Premio José Dionysio Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da instituição da Sociedade.»

O sr. *Silva Machado*, como membro da referida commissão, fallou sobre o assumpto, e declarou aceitar a proposta do sr. Sousa Telles.

O sr. *Fragoso*, respondendo a um ponto do discurso do sr. Sousa Telles que se referira á falta de estudos e analyses de certos generos, entre elles alguns alimenticios, disse que sobre isso já havia estudos importantes, citando alguns d'elles.

O sr. *Coelho de Jesus* tambem fallou sobre o parecer da commissão.

Posto o programma á votação, foi approvado com as emen-

das feitas pelo sr. Sousa Telles; o mesmo sr. propoz, e foi approvedo, que para substituir o programma das questões scientificas que todos os annos se tem apresentado, vigorasse o programma apresentado este anno pela commissão eleita *ad hoc*.

O sr. *Silva Machado*, expondo as vantagens e inconvenientes que se apresentavam para a commemoração da sessão solemne no dia 24, convidou a assembléa a resolver este assumpto.

Fallaram sobre isto os srs. Cunha, Fragozo e Sousa Telles, resolvendo-se por fim que a sessão se effectuasse no dia marcado nos estatutos.

Encerrou-se a sessão eram onze horas e meia da noite.  
— *Francisco José Malato*.

Parecer da commissão de chimica sobre quatro amostras de pós, suspeitos de conterem substancia toxica, enviadas á sociedade pelo socio, o sr. J. A. Ferreira Chaves.

Senhores. — Á vossa commissão de chimica foram presentes quatro pequenos embrulhos de papel, que a esta sociedade enviou o nosso consocio de Faro o sr. João Agostinho Ferreira Chaves, afim de que, examinando os pós n'elles contidos, declare se ali existe alguma substancia toxica.

Cada um d'estes embrulhos, que, segundo a indicação do nosso consocio, contem assucar, foi por nós numerado com os n.ºs 1, 2, 3, 4.

O embrulho n. 1 tem escripto na dobra — *pitão* —, e apresentou uma substancia de côr branca, granulosa, semelhante na apparencia ao assucar *pile*, pesando 1<sup>er</sup>,55.

O embrulho n.º 2 tem escripto na dobra — *br.* —, e continha uma substancia de côr branca, pulverulenta, pesando 2<sup>er</sup>,6.

O embrulho n.º 3 tem tambem escripto na dobra — *br.* —, apresentava um pó identico ao n.º 2, e pesava 1<sup>er</sup>,8.

O embrulho n.º 4 tem escripto na dobra — *pitão* —, e

apresentava uma substancia muito semelhante ao n.º 4, pensando 1<sup>er</sup>, 5.

A commissão, examinando cada um d'estes pós a olho nú, e com o auxilio da lente, não notou a presença de substancia estranha suspeita. Elles não manifestaram cheiro, nem mesmo quando friccionados, nem tão pouco quando sobre elles se fez cair algumas gottas d'acido sulphurico diluido: apenas, lançados nos carvões incandescentes, denunciaram o cheiro caracteristico do assucar queimado.

Cada um d'estes pós tornou-se completamente solúvel na agua distillada, e os respectivos solutos não alteraram as côres azul e vermelha do tornasol.

Uma parte de cada um d'estes solutos devidamente acidulados e todos sujeitos a uma corrente de hydrogenio sulphurado lavado, não apresentaram sequer alteração de côr ou de transparencia, nem tão pouco originaram manchas de especie alguma, quando submettidos ao apparelho de Marsh, de pureza previamente reconhecida.

Outra parte dos mesmos solutos foi, sem addicção d'acidos, tratada pelo sulphureto d'ammonio, não produzindo tambem precipitado algum.

Provada d'este modo a ausencia das principaes substancias mineraes, em que se comprehende o arsenico, substancia que, pelas indicações do sr. Ferreira Chaves, principalmente chamou a attenção da commissão, procedeu ella á pesquisa das substancias toxicas de origem organica, empregando para isso o processo de Flandin, não se observando no vidro do relógio, depois de terminada a evaporação do ether, alcool, e chloroformio, que serviram de excipientes, o mais ligeiro residuo.

Restando determinar chimicamente a presença do assucar, a commissão tratou o soluto aquoso d'estes pós convenientemente acidulados e fervidos, pelo licor de Fehling, que deu resultados affirmativos.

Em vista d'estas experiencias, a commissão de chimica é de parecer, que os pós que á Sociedade Pharmaceutica Lusitana foram remettidos pelo nosso consocio de Faro, o sr.

João Agostinho Ferreira Chaves, são constituídos por duas qualidades de assucar, *pilé*, e *branco*, não tendo em mistura substancia alguma toxica, mineral ou organica.

Lisboa e sala da commissão de chimica em 28 de outubro de 1884.—*Dr. Joaquim José Alves*, 1.º operador—*José Ribeiro Guimarães Drack*, 2.º operador—*Alfredo da Silva Machado*, 3.º operador.

---

Parecer da commissão de chimica sobre a composição de uns pós que á sociedade remetteu o socio, o sr. J. A. Ferreira Chaves, para saber se n'elles se contem substancia toxica.

Senhores.—Á vossa commissão de chimica foi presente um pequeno embrulho de papel, contendo uma substancia, que o nosso consocio de Faro, o sr. João Agostinho Ferreira Chaves, mais uma vez enviou á sociedade, em 28 de outubro ultimo, com a declaração de que, parecendo-lhe pelas investigações que fizera, ser a dita substancia o *arsenico branco*, deseja a confirmação do seu parecer com o voto auctorizado da mesma sociedade.

A substancia em questão é de natureza inorganica, branca, pulverulenta, de reacção neutra em presença do papel azul, e vermelho, do tornasol, sendo o seu peso de 1<sup>gr</sup>,5.

A vossa commissão, depois de haver sujeitado a dita substancia aos ensaios que a sciencia recommenda para as substancias de origem mineral, é levada a concluir que ella não é mais do que o *Sulphato de cal*, sem addicção do acido arsenioso, ou de qualquer outro toxico de origem mineral.

Lisboa e laboratorio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana em 29 de dezembro de 1884.—*Dr. Joaquim José Alves*, 1.º operador—*José Ribeiro Guimarães Drack*, 2.º operador—*Alfredo da Silva Machado*, 3.º operador.

## SAUDE PUBLICA

**O acido hypo-azotico, agente anti-choleric**PROCESSO DO DR. R. T. MUNOZ DE LUNA, CATHEDRATICO DA UNIVERSIDADE DE MADRID <sup>1</sup>

Segundo o folheto abaixo citado, a theoria que fundamenta o emprego do acido hypo-azotico, como agente anti-choleric, pôde resumir-se do seguinte modo:

Os compostos oxigenados do azote são pouco estaveis; os que têm maior estabilidade são o proto-oxido d'azote e o acido azotico, dos quaes o ultimo é decomposto pela acção até da luz solar. O oxigenio dos tres outros compostos menos estaveis offerece propriedades analogas ás do ozone, sobretudo mais energicas no hypo-azotico; d'aqui a acção d'este corpo como desinfectante e o seu emprego no tratamento do cholera: destroe, ataca os germens do contagio pelo seu poder oxidante, em maior escala do que o faz naturalmente o ozone, considerado por todos um elemento de salubridade. No periodo adiantado do ataque, quando a circulação está interrompida e o sangue paralyzado nas veias, quando a hematose deixa de se fazer e a respiração é apenas apparente, pela entrada do ar, mas não real nos seus effeitos, sob a poderosa influencia do oxigenio do hypo-azotico, a hematose realisa-se e o sangue fluidifica-se novamente.

Experiencias directas numerosas teem demonstrado a efficacia do hypo-azotico, como desinfectante, muito superior ao anhydrido sulfuroso, ao chloro, etc. Estas experiencias comparativas foram realisadas em Madrid, na presença de varios professores da Faculdade de medicina. Os liquidos dos cadaveres, impregnando um pouco d'algodão, e sujeitos á influencia do hypo-azotico, passado tempo, nem apresentaram o cheiro *sui generis* d'essa decomposição, nem ao microscopio accusaram nunca a presença d'organismos.

<sup>1</sup> *El Colera Morbo Asiático. Importancia del acido Hiponitrico considerado como desinfectante, agente profiláctico y curativo.* Madrid. 1884.

O sr. Angulo e Suero, discipulo do sabio professor da Universidade de Madrid, empregou este agente na ilha de Cuba nos hospitaes dos cholericos, nos da febre amarella, nas doencas virulentas, na desinfeccão das latrinas, roupas, etc., e declara que nenhum outro desinfectante se mostrou mais energico.

Durante a epidemia do cholera em Madrid, no anno de 1834, a real fabrica Martinez não teve nem um só operario atacado, apesar da força da doença, e apesar da fabrica estar muito proxima do hospital dos cholericos. Póde attribuir-se esta immuidade á grande porção d'obras de latão dourado e prateado em fabrico n'essa época, que obrigavam a produzir o hypo-azotico em abundancia, quando as peças metallicas eram passadas pelo acido azotico, para as limpar e lhes dar côr.

Durante a epidemia do cholera em 1855 aconteceu o mesmo n'esta fabrica; de duzentos operarios em trabalho, que tinha então, nem um foi atacado, nem os directores, nem mesmo os visinhos da fabrica.

Em Manilla, no anno de 1882, durante uma epidemia de cholera, o director da casa da moeda conservou ali constantemente uma athmosphera especial rica em hypo-azotico. Os operarios apenas sentiram um certo mal estar e um cansaço particular, mas, de tresentos que eram, nenhum foi atacado.

Em 1856, em Madrid, n'uma casa grande com muitos moradores, situada na travessa do Fúcar, 19, morria muita gente do cholera. Estabeleceram dentro os singelosapparelhos para a producção do hypo-azotico e a mortalidade parou logo.

Ignoramos se este agente tem sido empregado na Hespanha durante a epidemia actual, e na affirmativa quaes os resultados obtidos; no entanto o seu uso como desinfectante parece-nos tão racional, e é tão facil obtel-o, que não duvidamos aconselhal-o, se a epidemia invadir o paiz.

Para preparar o hypo-azotico bastará lançar dentro d'uma tigela ou alguidar, de barro ou de louça uma pequena

lamina de cobre ou uma moeda de dez ou vinte réis e cobri-la com acido azotico; immediatamente apparecerão os vapores vermelhos, rutilantes do hypo-azotico (per-oxido d'azote), podendo-se d'este modo desinfectar as casas, roupas, latrinas, dejecções dos doentes, etc.

É preciso todavia ter sempre cuidado com este corpo; graduar a quantidade de acido azotico a não obter uma grande quantidade de vapores, ou aliás estabelecer logo ventilação, abrindo as portas e janellas. O hypo-azotico em percentagem elevada na athmosphera, como tem grande energia, chega a atacar as mucosas, provoca a tosse, opera como corrosivo, e pôde mesmo trazer accidentes graves.

Quanto á acção do hypo-azotico no tratamento do cholera, foi ella ensaiada no anno passado pelo sr. dr. Muñoz de Luna, nos hospitaes de Marselha com bom resultado, e sobretudo é ella abonada pelo sr. E. Rougier, medico francez, em serviço nas ambulancias e hospitaes de cholericos em Toulon, no anno passado.

No folheto a que nos referimos, veem publicados os attestados do sr. Rougier, e descriptos minuciosamente as suas observações clinicas.

O hypo-azotico foi empregado em inhalações pelas vias respiratorias, abafando bem o doente ao mesmo tempo para provocar transpiração copiosa. Os vapores vermelhos eram obtidos dentro d'um copo de vidro, pela acção do cobre e acido azotico e recebidos n'um outro copo invertido, collocado superiormente, d'onde o doente os respirava.

Será escusado accrescentar que estas inhalações devem ser reguladas por um medico, e que só elle as deve prescrever, podendo aliás tornarem-se perigosas.

O nosso fim principal, ao transcrever e resumir estas linhas do trabalho do sr. Luna, é chamar a attenção sobre o emprego do hypo-azotico mais como desinfectante do que como agente do tratamento.

## PHARMACIA

## Remedio contra a ténia

O dr. Bernard Persh tem tirado excellentes resultados contra a solitaria com o emprego da poção seguinte:

Oleo de croton.....	1 gotta
Chloroformio.....	4 grammas
Glycerina.....	30 »

Para tomar pela manhã em jejum, sem tratamento preparatorio. Convem entretanto administrar de vespera á noite, um laxante salino, para facilitar o exame das fezes, e para evitar que o verme se parta em muitas porções, depois de ter-se desprendido.

Este medicamento, sobre não ser desagradavel, opera rapidamente.

Caso produza uma ligeira irritação intestinal, combater-se a esta facilmente com o bismutho e o opio.—(*The american journal of pharmacig.*)

Além d'estas, outras formulas, tendo por base o chloroformio, teem sido empregadas por muitos praticos americanos.

Thompson prescreve um xarope composto de 4 grammas de chloroformio e 35 grammas de xarope simples. Manda tomal-o em tres porções: a primeira ás sete horas da manhã, a segunda ás nove, e a terceira ás onze horas. Uma hora depois da ultima dose, isto é, ao meio dia, manda administrar 35 grammas de oleo de ricino.

A tenia é expulsa uma a duas horas depois da absorpção do purgante.

Enders manda tomar pela manhã em jejum, em uma emulsão de oleo de ricino, quatro grammas de chloroformio e outro tanto de extracto de feto macho. (*Léon Medical.*)



### Cascara sagrada

É a casca do *Rhamnus Purshiana*, Rhamnea arbustiva, das costas do oceano Pacifico.

Esta Rhamnea deve-se o seu nome especifico ao facto de ter sido o botanico prussiano Frederico Pursh quem primeiro a descreveu, em 1814. Apresenta uma certa analogia com as especies congeneres da Europa.

A casca que se encontra no commercio tem ordinariamente as mesmas dimensões da quina cinzenta; a superficie externa é escura, lisa ou ligeiramente rogosa e coberta de lichens esbranquiçados; a superficie interna é amarello-arruivada e lisa. Raspando a camada superficial, apresenta o tecido amarello-pallido que lembra a côr do rhuibarbo.

A *cascara sagrada* contem, segundo a analyse de A. Prescott: tannino, acido oxalico, amido, oleo fixo, oleo volatil a que deve o seu cheiro um pouco enjoativo, e finalmente quatro corpos resinosos mais ou menos soluveis no alcool, no ether, no chloroformio, etc.

O nosso distincto collega Limousin, que apresentou uma *Nota* sobre este assumpto á sociedade de pharmacia de Paris, suppõe estes ultimos corpos derivados do acido chrysophanico, que ella contem em elevada proporção, apesar de não ter sido mencionado por aquelle professor. Limousin baseia esta sua opinião no facto de alguns chimicos notaveis considerarem os numerosos compostos (*caphopicrita*, *rhubarbarina*, *rheina*, *lapathina*, *rhaponticina*, etc.), cuja existencia no rhuibarbo tem sido verificada, como productos complexos tendo todos por base o acido crysophanico, que se extrahе em grande quantidade da *casca de Goa* ou *araroba*.

A *cascara sagrada* é, segundo o dr. Landowsk e outros medicos notaveis, que a ensaiaram therapeuticamente, laxante na dôse de 23 centigr., tomada em pó; repetindo esta dose tres ou quatro vezes por dia, com grandes intervallos, a sua acção é purgativa. Tem sido applicada com

vantagem nos casos de prisão do ventre, devida a atonia da mucosa gastro-intestinal.

A fôrma pharmaceutica adoptada para a *casacara* ser administrada é o pó envolvido em hostia, porque é a que tem dado melhor resultado.

S. M.

---

## CHIMICA

### Pesquisa das bacterias nas aguas potaveis

É de Brantlecht o seguinte processo:

Juntar á agua suspeita algumas gottas de um soluto composto de

Sulfato de alumina.....	1
Acido chlorhydrico.....	1
Agua distillada.....	8

e logo depois algumas gottas de ammoniaco.

O precipitado obtido do liquido, depois de repousar, é separado por filtração e redissolvido em algumas gottas de acido acetico. Para distinguir bem as fôrmas dos microorganismos, côra-se o liquido com a violeta de methyla.

D.

---

## TOXICOLOGIA

### Envenenamento pela noz moschada

O dr. J. D. Palmer observou uma dama que tinha engulido uma noz moschada e metade d'outra, em dezembro de 1884. Duas horas depois, adormeceu e caiu por algum tempo em um profundo entorpecimento.

Sobreveiu-lhe depois excitação com dôr de cabeça forte, ataques de riso e delirio. Então passou-lhe a dôr ao coração; as extremidades arrefeceram, e a sensibilidade diminuiu consideravelmente; a face tornou-se muito pallida e o

pulso excessivamente fraco. Durante mais de uma hora, que tanto foi o tempo que duraram estes symptomas, o sr. Palmer administrou duas porções de brometo de ammonio.

No dia seguinte foi necessario continuar o mesmo tratamento, e a dama, depois de curada, ficou extraordinariamente nervosa. Tinha tomado aproximadamente 6 grammas de noz, quando a dose não deve exceder 0,25 centigrammas a 1 gramma.

D.

### VARIEDADES

**Novo pharmaceutico.** — Fez ha pouco tempo exame de pharmacia na Universidade, ficando plenamente aprovado, o sr. Ignacio José Franco, filho primogenito do sr. conselheiro Pedro Augusto Franco, illustre pharmaceutico e dono da mais vasta e elegante pharmacia da capital.

Estamos certos que o novo collega ha de seguir o caminho traçado pelo exemplo de seus ascendentes, pae e avô, nobilitando assim a prestante classe pharmaceutica com o trabalho intelligente e honrado.

D'aqui enviamos ao sr. conselheiro Franco, com cuja amisade nos honramos, e a seu filho, os nossos sinceros e cordeaes parabens.

S. M.

**Massas pilulares.** — M. Rother recommenda o seguinte excipiente, que, diz elle, satisfaz plenamente, para a preparação das massas pilulares:

Gomma adragantha . . . . .	1 p.
Glycerina. . . . .	10 p.

Misture intimamente n'um almofariz. Ao principio a mistura é fluida, mas depressa se torna espessa e propria para o uso.

A.

**A reforma do ensino pharmaceutico** (Continuado do n.º 6, pag. 116). — A falta d'esta cadeira no curso medico é compensada por outros estudos desenvolvidos em varias cadeiras da faculdade de medicina. Pelo que toca ao modo de recrutamento dos professores, transportamos para aqui o processo que adoptamos para os concursos da faculdade. Nem se nos offerece motivo que se lhe opponha, antes cremos que a necessidade do concurso é um ponto incontroverso, variando apenas as opiniões sobre a fórma que deve revestir.

O professor de pharmacia deverá ter um substituto para o seu impedimento. Para que os serviços d'este possam aproveitar-se, poderá incumbir-se, conjunctamente com o preparador do dispensatorio, das demonstrações necessarias para os trabalhos praticos.

Os gabinetes de historia natural medica, physica e chimica, e o dispensatorio pharmaceutico serão, muito naturalmente, os laboratorios destinados á pratica. Para preparador do dispensatorio deverão manifestamente exigir-se as mesmas habilitações que para professor.

Quanto á remuneração, propomos para o professor effectivo o ordenado annual de 1:000\$000 réis, para o substituto o de 700\$000, e para o preparador o de 500\$000 réis, com as garantias correspondentes ás de semelhantes empregados da faculdade de medicina.

São inferiores aos d'estes aquelles ordenados, mas é forçoso considerar que os sacrificios escolares dos bachareis em pharmacia são menores que os dos outros em medicina.

A distribuição do serviço pratico, a organização do pessoal subalterno e outras particularidades dependem manifestamente de propostas e regulamentos posteriores, que só em hypothese poderão ser elaborados antes de serem letra de lei as idéas expendidas n'este relatorio.

(Continua)

F. DE CARVALHO.

## PEÇAS OFFICIAES

## Acta da sessão solemne commemorativa do quinquagesimo anniversario da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Em 24 de julho de 1885, pelas nove horas da noite, achando-se na sala grande numero de socios benemeritos, honorarios e effectivos; o sr. presidente abriu a sessão solemne anniversaria e convidou o sr. Emilio Fragoso <sup>1</sup> a fazer a leitura do seguinte :

Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana durante o quinquagesimo anno da sua instituição

Meus senhores:

Ha cincoenta annos que uma pleiada de pharmaceuticos, dos mais illustres, hasteou o estandarte, ainda immaculado, d'esta associação.

Ha cincoenta annos, que um homem ainda novo, no pleno desenvolvimento da sua intelligencia, exuberante de vida e sempre preocupado com o futuro da pharmacia portugueza, reunindo em volta d'elle nomes dos mais laureados e conspicuos da classe, a que pertencia, lançou a pedra fundamental d'este magestoso edificio, que tem resistido á accção dos tempos sem se desmoronar apesar de ter visto baquear na sepultura a maioria dos seus obreiros.

Permitti, pois, que, antes de relatar perfunctoriamente os trabalhos por vós executados durante o anno, eu glorifique os nomes d'estes benemeritos da pharmacia, não os olvidando ao solemnisares a recordação do dia da fundação d'esta sociedade.

Tão prestantes pharmaceuticos tambem vos legaram uma memoria honrada e digna; nada houve que a obscureça. E

<sup>1</sup> Este socio foi incumbido de elaborar o relatorio por ter servido o cargo de segundo secretario, com aprasimento da sociedade, durante quasi todo o anno

eu, senhores, appellando para os generosos sentimentos de que sois dotados, para o vosso acrisolado amor por esta sociedade, de que tendes dado sobejas provas, vos peço, que não esmoreceis continuando a obra heroica dos Dionysio Corrêa, Henrique de Sousa Telles, José Vicente Leitão, Antonio de Carvalho e outros.

Meus senhores:

Se houve época em que a pharmacia se considerou a promotora dos progressos nas sciencias physico-chimicas, hoje, vae perdendo o que outr'ora foi conquistado pelos seus mais brilhantes cultores. Ao passo que as doutrinas especulativas cedem actualmente o campo ás sciencias experimentaes, o pharmaceutico abandonou o laboratorio, que outros teem levantado a um nivel, que constitue a phase mais brilhante da sciencia moderna.

Vemol-a entregue á especulação commercial, sem rumo, ao acaso, sujeita aos vaivens da fortuna, pendendo para um ou outro lado como se estivesse alternadamente sobre os dois pratos d'uma balança. Tem desejo de caminhar, mas, por influencia inevitavel do destino, retrocede, e as outras sciencias vão affirmando a sua existencia, a sua rasão de ser n'este embate constante de todas as idéas, que ora se affirmam no campo da chimica descobrindo novos corpos, ora no campo da microscopia assistindo á morphologia de seres pequenissimos. Para qualquer lado que voltemos o nosso espirito vemol-a caminhando pouco, embora hajam verdadeiras notabilidades, que a honram, e a illustram. Mas, onde mais se accentua este abatimento intellectual, é, custa-me dizel-o, no nosso paiz, por ser aquelle onde ella está entregue exclusivamente a si, sem auxilio do estado, desprovida completamente dos recursos que a deviam elevar. Verdade é esta que não pretendo occultal-a com periphrases ou euphemismos: expul-a em toda a sua nudez.

São estes os factos, senhores, não espereis portanto, que eu faça atravessar por diante de vós uma extensa lista de trabalhos scientificos. A vitalidade d'esta sociedade affir-

mou-se na defesa dos vossos interesses moraes e profissionaes sacrificados pela politica, que se introduziu subrepticamente em estabelecimento scientifico e lançou sobre um homem affortunado e muito conhecedor do estado actual da sociedade portugueza a capa da protecção. Das vossas commissões permanentes só tres tiveram assumpto onde applicar as atenções dos seus illustres membros. A de *Chimica* apresentou varios pareceres sobre questões propostas por alguns de vós, notando-se sempre n'elles a maxima claresa própria do estylo dos seus preclaros membros. A de *Historia Natural* elucidou-vos sobre o modo de distinguir as variadas especies de cardos, tornando-se muito notavel o parecer, que vos foi apresentado, e que evidenciou a competencia dos conspiguos membros d'esta commissão e especialmente a do presidente, o sr. Jára, que sempre cultivou com muita dedicacão e gosto o estudo da nossa flora pharmaceutica.

A de *Direito Pharmaceutico* tambem mostrou a esclarecida competencia dos seus membros em questões bastante espinhosas e de difficil solução.

D'entre vós tambem surgiram questões d'interesse scientifico e profissional; e, sem querer melindrar naturaes susceptibilidades nem offuscar o brilho dos vossos actos, não posso, porém, deixar de enaltecer o nome d'um vosso consocio que tem qualidades dignas do mais levantado elogio. Profissional probo, trabalhador infatigavel, sempre dedicado ao progresso da classe, tem sabido conquistar merecidos applausos, e esta casa tem sido para elle o centro onde, repetidas vezes, vem apresentar os resultados d'uma prodigiosa actividade e esclarecida competencia nos multiplices assumptos em que anda embrenhado o seu espirito lucido.

A Alfredo da Silva Machado se deve não só a apresentação de varias questões scientificas e profissionaes, como tambem os melhoramentos materiaes ultimamente introduzidos n'esta sociedade. Consagrando-lhe breves palavras de louvor, exaltando os serviços que elle vos tem prestado na

qualidade de primeiro secretario, cumpro o meu dever e traduzo o pensar unanime de todos vós, que sabeis aquilatar o merecimento onde realmente exista.

Meus senhores:

Vae-me n'alma um profundissimo desgosto pela maneira como os governós do meu paiz, afóra a parcialidade politica a que pertençam, teem procedido para com esta sociedade.

Hontem, um ministro de talento incontestado e gloria da tribuna parlamentar, collocou-nos de parceria com individuos de profissão muito inferior á nossa, considerada exclusivamente pelo lado social. Hoje, um outro ministro, tambem talentoso, tambem parlamentar distincto, esqueceu a classe pharmaceutica ao remodelar o municipio d'esta capital.

Hontem, como hoje, fomos duramente maltratados. Hontem, como hoje, fomos victimas d'uma trama urdida por quem nos guerreia na sombra, affastando-nos assim dos logares a que tinhamos um direito indiscutivel.

Esta attitude dos governos deve merecer da vossa parte a mais escrupulosa attenção. Não é este o logar nem esta a melhor occasião para vos apresentar as medidas indispensaveis ao reatamento das boas relações com os governos. Opportunamente as farei conhecer, e então será a occasião de meditarmos seriamente sobre este estado de cousas que não póde continuar. A Hespanha acaba de dar um exemplo notabilissimo da influencia poderosa d'uma classe quando esta se sente influenciada pelo sentimento da propria dignidade. Seguit-a, propugnando pela realisacão d'um facto altamente sympathico e necessario deve ser o *mot d'ordre* de todo o pharmaceutico portuguez.

Meus senhores:

Sob pena de faltar a um dos mais sagrados deveres da minha consciencia, não vou terminar estas despretenciosas palavras sem me inclinar reverente e respeitoso sobre a memoria do fundador d'esta sociedade.

Apagando-se a luz d'um cerebro que a todos sobrepu-



java no pensar incessante da instituição, que creou em momentos de acrisolado amor pela classe pharmaceutica, não me é licito abandonar este lugar sem avivar a memoria do companheiro dedicado, do cidadão prestante.

D'aquella cadeira trajada de lucto ergoia-se a palavra austera, solemne e persuasiva de Dionysio Corrêa; e, esta casa está hoje orphã d'om nome brilhante. Das bellas do seu coração de pae amantissimo, da gentilesa do seu porte sempre distincto, dava elle eloquentes exemplos. Desappareceu aquella brilhante intelligencia que ia correndo vertiginosamente para o *ocaso*. Não o maculou paixão ignobil ou máos instinctos, que germinam muitas vezes na humanidade.

É uma honra para a sua memoria, é uma gloria para vós, senhores, que lhe conferiste as mais elevadas distincções, que elle sabia apreciar e com que se orgulhava quer no convivio dos seus numerosos amigos, quer no santuario do lar junto d'uma numerosa familia ao narrar-lhe os lances difficeis que atravessara para sustentar e conservar immaculado o estandarte hasteado no dia 24 de julho de 1835.

Inclinemo-nos, pois, senhores, deante do nome illustre que deu tanta honra ao vosso gremio, sustentando-o para que, n'este dia, nós podessemos solemnisar-lhe o anniversario.

Disse.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. primeiro secretario, Alfredo da Silva Machado, para dar conta dos assumptos seguintes:

**Premio José Dionysio Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da instituição da Sociedade**

#### PROGRAMMA DE CONCURSO

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno:

«Memoria sobre qualquer questão de pharmacia, ou sobre assumpto de interesse profissional».

#### CONDIÇÕES

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de membro benemerito, acompanhado de um *bonus* de cinquenta mil réis em moeda sonante, ao premiado em primeiro lugar.

No diploma de membro honorario aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade por todo o mez d'abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na colleção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*», recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela sociedade n'este programma.

**Lista dos doadores e objectos doados á sociedade durante o quinquagesimo anno**

**Pelo sr. dr. Alexandre José da Silva Campos**, de Lisboa:—Relatorio do Instituto vaccinico Campos & Bourquin, concernente aos annos 15.º e 16.º da sua fundação. 1883 e 1884.

**Pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões**, de Coimbra:—As obras dos hospitaes da Universidade de Coimbra, por Antonio Augusto da Costa Simões.—A grande penuria dos hospitaes da Universidade de Coimbra, idem.—A refutação de um voto em separado do sr. dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, idem.—A justa defeza de uma aggressão injusta, idem.—A refutação da carta do sr. dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, 2.º appenso ao folheto *das prepotencias de Coimbra*, idem.

**Pela Association générale pharmaceutique de Belgique**:—Extrait du procès-verbal de l'assemblée des pharmaciens belges, séance du 18 janvier 1885.

**Pelo sr. dr. Augusto Rocha**, de Coimbra:—O Laboratorio biologico na exposiçào sanitaria internacional de Londres em 1884, (versão do inglez) pelo dr. Augusto Rocha.

**Pela camara municipal de Lisboa**:—Archivo municipal de Lisboa.—Elementos para a historia do municipio de Lisboa.

**Pelo sr. Carlos Richter**, do Porto:—Almanak medico-pharmaceutico-portuguez, 1.º anno, 1885.

**Pelo centro pharmaceutico portuguez**, do Porto:—Estatutos do Centro Pharmaceutico Portuguez, approvados por alvará do governo civil do Porto de 2 de julho de 1884.—Relatorio da direcção, do anno de 1884.

**Pelo sr. commendador José Tedeschi**, de Lisboa:—Enciclopedia médico farmaceutica, de Barcelona.—La Crónica oftalmológica, de Cádiz.—Los Avisos, por D. Fabio Fernandez Izquierdo.—Semanario farmaceutico, de Madrid.—La Gaceta de sanidad militar, de Madrid.—El Laboratorio, revista de farmacia y ciencias accessorias, de Barcelona.—El Monitor de la salud, de Barcelona.—El Corsario, de Barcelona.—El sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—Giornale di medicina militare, de Roma.—Giornale di farmacia, di chimica e de scienze affini publicato dalla società di farmacia di Torino.—L'Orozi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini publicata per cura dell'associazione chimico-farmaceutica fiorentina.—Bulletin des travaux de la Société de Pharmacie de Bordeaux.—Bulletin de la Société de Pharmacie du Sud Ouest, Toulouse.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales.—L'Union pharmaceutique, journal de la pharmacie centrale de France.—Bulletin commercial, annexe de l'Union pharmaceutique.—Revista medica, do Chili.—Gazeta medica, da Bahia.—União medica, do Rio de Janeiro.—Revista pharmaceutica, do Rio de Janeiro.—La Crónica Médica, órgano de la sociedad «Union Fernandina», de Lima (Perú).—Boletin de medicina, de Santiago (Chile).—Anales de la sociedad de farmacia de Santiago de Chile.—Revista de Pharmacia, de Recife, (Pernambuco).—La medicina moderna, de Bogotá (Colombia).—El observador médico, do Mexico.—Boletin de ciencias medicas, do Mexico.—Revista médica-quirurgica, do Mexico.—La reforma médica, do Mexico.—El restaurador farmaceutico, de Barcelona.—Crónica de especialidades médico-quirurgicas, de Cadiz.—A saude publica, do Porto.—Bo-

letim de pharmacia, do Porto.—Boletim noticiao-commercial da Casa Pharmaceutica, do Porto.—Revista de medicina dosimetrica, do Porto.—O Instituto, de Coimbra.—Coimbra medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—O gremio litterario, do Fayal.—A medicina contemporanea, de Lisboa.—Correio medico, de Lisboa.—Jornal da sociedade das sciencias medicas, de Lisboa.—Gazeta dos hospitaes militares, de Lisboa.—Revista de medicina, cirurgia, pharmacia e sciencias accessorias, de Paris.—Moniteur de la pharmacie belge, de Bruxelles.—Le Progrès pharmaceutique, de Lyon.—El Porvenir farmacéutico, de Madrid.—Giornale medico del esercito e della marina, de Roma.—Der Fortschritt, de Genebra.—Acta de la sesion pública inaugural que la Academia Médico farmacéutica de Barcelona celebró el día 29 de enero de 1884.—Dictamen razonado acerca de un folleto titulado Breve resena histórica del almendro y su cultivo, por D. Ignacio Vives y Noguier.—Algunas consideraciones acerca del servicio farmacéutico militar en el ejército espanol, por el doctor D. Ignacio Vives y Noguier.—Extrait du procès verbal de l'assemblée des pharmaciens belges. Séance du 18 janvier 1885.—Sur le choix des médicaments et leur récolte, par le dr. Dupuis.—O systema de Burggraeve perante a homœopathia e a allopathia, por Julio Cesar de Sande Sacadura Botto.—O Gerez presente e futuro, pelo dr. J. A. Marques.—Instruções de prophylaxia individual contra o cholera asiatico.—Considerações succintas sobre as propriedades e emprego do xarope de Labéloye.—Relatorio da direcção do Centro Pharmaceutico Portuguez em 1884.—Relatorio do Instituto vaccinico Campos & Bourquin, de 1883-1884.—Breve estudo sobre a elephancia, these por M. V. Alfredo da Costa.—Breve estudo sobre o hematocele retro-uterino intra-peritoneal, these por Arthur Lessa de Carvalho.—Breve estudo sobre a lavagem d'estomago, these por Nestor Augusto Xavier de Mesquita.—Calculos vesicaes e seu tratamento, these por G. A. de Faria Godinho.—Estudo resumido da febre hemoglobinurica palustre, these por Cesar Gomes Barbosa.—O Iyrio dos valles (convallaria mayalis) these por Alfredo de Figueiredo.—A thyreoidectomia, these por João Henrique Schindler.—O vesicatorio na pneumonia, these por Augusto da Silva Carvalho.

**Pela direcção do observatorio do Infante D. Luiz:**—Annaes do Observatorio do Infante D. Luiz, relativos aos annos de 1880 e 1881.—Observações dos postos meteorologicos, segundo o plano adoptado no congresso de Vienna d'Austria, de 1880 e 1881.

**Pelo sr. Emilio Silvestre Dias,** de Lisboa:—Descripção do manometro electrico para a fabricação do gaz proveniente da hulha.

**Pelo sr. Francisco João Rosa,** de Lisboa:—Relatorios da administração da Real Casa Pia de Lisboa, relativos aos annos de 1859 a 1860,—1881, 1882, 1883, e 1884.—Portarias da administração da Real Casa Pia de Lisboa, publicadas pelo provedor José Maria Eugenio d'Almeida.—Portarias e respectivos regulamentos de administração da Real Casa Pia de Lisboa, publicados pelo provedor Carlos Maria Eugenio d'Almeida.

**Pelo sr. dr. Joaquim José Alves,** de Lisboa:—Statuts de la caisse de pensions du corps medical belge.

**Pelo sr. dr. José Antonio Marques,** de Lisboa:—O Gerez presente e futuro, pelo dr. J. A. Marques.

**Pelo sr. José Barreiros,** de Lisboa:—Livro medico azul, e uma caixa contendo varios preparados pharmaceuticos do laboratorio chimico e pharmaceutico dos srs. Burroughs, Wellcome & C.<sup>as</sup>, de Londres, e

bem assim um livro com as respectivas formulas e notas therapeuticas, intitulado Livro medico azul.

**Pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Mathilde Sieuve de Séguier**, de Lisboa:—Pharmacopéa Portugueza, de 1876. Exemplar que em tempo foi offerecido ao fallecido Ex.<sup>mo</sup> Conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, pela commissão encarregada de elaborar a referida Pharmacopéa.

**Pelo sr. dr. Maximiano Lemos Junior**, do Porto:—A medicina em Portugal, these defendida perante a escola medico-cirurgica do Porto, por Maximiano Lemos Junior.

**Pelo sr. Miguel Ventura da Silva Pinto**, de Lisboa:—Le fumigateur sulf hydro-thermique et le sulfureur auto-ustulateur ou les nouveaux appareils de désinfection par le gaz acide sulfureux (fumée du soufre) humide et sec, par Miguel Ventura da Silva Pinto.

**Pelo Ministerio da Marinha**:—Carta de Angola, contendo indicações de produção e salubridade.

**Pelo sr. dr. Pedro Leite Chermont**, do Pará:—These apresentada á faculdade de medicina do Rio de Janeiro, em 23 de setembro de 1882, defendida perante a faculdade de medicina da Bahia em abril de 1883, por Pedro Leite Chermont.

**Pelas redacções**:—Annaes do Club Militar Naval.—Correio medico de Lisboa.—Gazeta dos hospitaes militares de Lisboa.—Gazeta de pharmacia de Lisboa.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.—A medicina contemporanea, de Lisboa.—O Instituto, de Coimbra.—Coimbra medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Jornal de horticultura pratica, do Porto.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Boletim noticioso commercial da Casa Pharmaceutica, do Porto.—Revista de medicina dosimetrica, do Porto.—União medica, do Rio de Janeiro.—Tribuna Pharmaceutica, do Rio de Janeiro.—Gazeta medica, da Bahia.—Enciclopedia medico pharmaceutica, de Barcelona.—La Crónica oftalmológica, de Cádiz.—El restaurador pharmaceutico, de Barcelona.—Revista pharmaceutica, organo de la Sociedad nacional de armacia argentina.—El Monitor de la salud, de Barcelona.—Boletim del Instituto medico valenciano.—Jornal da sociedade das Sciencias medicas de Lisboa.—Revista pharmaceutica, do Rio de Janeiro.—Revista de ciencias medicas, de Barcelona.—Der Fortschritt, de Genebra.—Boletim da associaçao dos jornalistas e escriptores portuguezes.—A saude publica, do Porto.

**Pela Sociedad Farmaceutica de México**:

Nueva Farmacopea Mexicana, 29.<sup>a</sup> edição.

**Pela Sociedade de Geographia**, de Lisboa:—Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.—Resposta á Sociedade anti-exclavista de Londres, por J. A. Corte Real.—Expedição scientifica á serra da Estrella em 1881. Secção de medicina, relatorio do sr. dr. Francisco Lourenço da Fonseca Junior. Secção de archeologia, relatorio do sr. dr. Francisco Martins Sarmiento. Secção de ethnographia, 1.<sup>o</sup> relatorio do sr. Luiz Feliciano Marreca Ferreira.—Le Zaire et les contrats de l'association internationale, conférence faite le 21 juin 1884, par C. Magalhães.

**Pela Sociedade das Sciencias Medicas** de Lisboa:—Instrucções de prophylaxia individual contra o cholera asiatico.

**Alterações ocorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 50.º anno da sua instituição**

**FORAM ADMITTIDOS**

Para a classe de benemeritos

Conselheiro Pedro Augusto Franco, *Belem.*

Para a classe de honorarios nacionaes

Francisco Ferreira da Silva, *Porto.*

Para a classe de effectivos

Albino Antonio Freire d'Andrade, *Lisboa.*

Felisberto Augusto Lopes, *Lisboa.*

Francisco José da Costa, *Lisboa.*

Francisco Julio Tavares de Magalhães, *Lisboa.*

José Gonçalves Marques, *Lisboa.*

Justiniano de Sousa Gonzaga, *Lisboa.*

Manuel Maria Vieira, *Lisboa.*

Para a classe de correspondentes nacionaes

Frederico Augusto da Costa, *Oliveira de Frades.*

João Dias Corrêa Pimenta, *Barreiro.*

Joaquim Pereira Junior, *Barquinha.*

Para a classe de correspondentes estrangeiros

Dr. Manuel S. Soriano, *Mexico.*

Dr. Pedro Leite Chermont, *Pará.*

Mr. Théodore Belval, *Bruxellas.*

**PEDIRAM A DEMISSÃO**

Correspondentes nacionaes

Alfredo Jorge Vidal da Maia, *Azeitão.*

José Henrique Mellageiro Junior, *Vallada.*

Paulo José Henriques, *Cartaxo.*

Rodrigo Antonio Machado Guimarães, *Porto.*

Effectivos

Domingos Lucio Monteiro, *Lisboa.*

Foram eliminados

Joaquim José de Miranda Sarmento, *Lisboa.*

Guilherme Augusto Cordeiro de Lima, *Lisboa.*

FALLECEM

Presidente honorario

José Dionysio Corrêa, *Lisboa.*

Benemerito

Visconde de Villa Maior, *Coimbra.*

Honorario nacional

Dr. José Antonio Marques, *Lisboa.*

Effectivos

Francisco Freire d'Andrade, *Lisboa.*

Francisco da Nazareth Corrêa, *Lisboa.*

Thomaz Badia, *Lisboa.*

Correspondentes nacionaes

Abilio Nunes Guardado, *Olhalvo.*

Antonio Dias Pereira da Graça, *Ilha do Principe.*

Antonio Francisco Romano Baptista, *Alcacer do Sal.*

Daniel Antonio da Fonseca, *Vallada.*

João Francisco Macieira, *Alverca do Ribatejo.*

Manuel Antonio da Silva, *Ponta Delgada.*

Manuel Gomes Soares, *Povoa do Varzim.*

Silverio Alves da Silva, *Rio de Moinhos.*

RESUMO

Ficam existindo

Protectores	2
Benemeritos	26
Honorarios nacionaes	32
Honorarios estrangeiros	32
Effectivos	89
Correspondentes nacionaes	204
Correspondentes estrangeiros	29
Total	415

Quadro dos socios que serviram os cargos effectivos da mesa desde 21 de julho de 1835, data da instituição da sociedade, até 24 de julho de 1885, seu quinquagesimo anniversario.

- 1835 a 1838 — José Vicente Leitão, presidente; José Dionysio Corrêa, 1.º secretario; Antonio de Carvalho, 2.º secretario.
- 1838 a 1840 — Gregorio de Sousa Pereira, presid.; José Dionysio Corrêa, 1.º secret.; Antonio de Carvalho, 2.º secret.
- 1840 a 1841 — Gregorio de Sousa Pereira, presid.; José Dionysio Corrêa, 1.º secret.; José Tedeschi, 2.º secret.
- 1841 a 1842 — Gregorio de Sousa Pereira, presid.; José Dionysio Corrêa, 1.º secret.; Carlos Maria Monteiro Freire, 2.º secret.
- 1842 a 1843 — Gregorio de Sousa Pereira, presid.; José Tedeschi, 1.º secret.; Carlos Maria Monteiro Freire, 2.º secret.
- 1843 a 1845 — Antonio de Carvalho, presid.; José Tedeschi, 1.º secret.; Carlos Maria Monteiro Freire, 2.º secret.
- 1845 a 1846 — Anacleto Antonio Rodrigues de Oliveira, presid.; José Tedeschi, 1.º secret.; Henrique José de Sousa Telles, 2.º secret.
- 1846 a 1848 — Anacleto Antonio Rodrigues de Oliveira, presid.; Henrique José de Sousa Telles, 1.º secret.; Carlos Maria Monteiro Freire, 2.º secret.
- 1848 a 1849 — Anacleto Antonio Rodrigues de Oliveira, presid.; Henrique José de Sousa Telles, 1.º secret.; José Pereira de Azevedo e Francisco Fortunato de Assis, 2.º secret.
- 1849 a 1850 — Antonio de Carvalho, presid.; Henrique José de Sousa Telles, 1.º secret.; Antonio Joaquim de Almeida e Sebastião Athanasio Estanislau da Silva, 2.º secret.
- 1850 a 1851 — Antonio de Carvalho, presid.; Henrique José



- de Sousa Telles, 1.º secret.; Sebastião Athanasio Estanislau da Silva, 2.º secret.
- 1851 a 1852 — Antonio de Carvalho, presid.; Henrique José de Sousa Telles, 1.º secret.; Vicente Tedeschi, 2.º secret.
- 1852 a 1853 — José Tedeschi, presid.; Henrique José de Sousa Telles, 1.º secret.; Vicente Tedeschi, 2.º secret.
- 1853 a 1854 — José Tedeschi, presid.; Henrique José de Sousa Telles, 1.º secret.; João Manuel Lopes Belem e José Pereira de Azevedo, 2.º secret.
- 1854 a 1856 — José Tedeschi, presid.; Henrique José de Sousa Telles, 1.º secret.; José Pereira de Azevedo, 2.º secret.
- 1856 a 1857 — Thomaz de Aquino Alves, presid.; Isidoro da Costa Azevedo, 1.º secret.; José Pereira de Azevedo, 2.º secret.
- 1857 a 1858 — Antonio de Carvalho e José Tedeschi, presid.; Miguel Archanjo de Abreu e Manuel Vicente de Jesus, 1.º secret.; João de Sousa Pereira, 2.º secret.
- 1858 a 1859 — José Tedeschi, presid.; Manuel Vicente de Jesus, 1.º secret.; João de Sousa Pereira, 2.º secret.
- 1859 a 1860 — Henrique José de Sousa Telles, presid.; Manuel Vicente de Jesus, 1.º secret.; Francisco José Cabral de Quadros, 2.º secret.
- 1860 a 1861 — Henrique José de Sousa Telles, presid.; Manuel Vicente de Jesus e Joaquim José Alves, 1.º secret.; José Maria Camanho de Carvalho, 2.º secret.
- 1861 a 1863 — Francisco José Rodrigues Loureiro, presid.; Joaquim José Alves, 1.º secret.; Antonio Joaquim Labate, 2.º secret.
- 1863 a 1864 — Henrique José de Sousa Telles, presid.;

- Manuel Vicente de Jesus, 1.º secret.;  
Joaquim Urbano da Veiga, 2.º secret.
- 1864 a 1865 — Antonio Joaquim Labate, presid.; Joaquim  
Urbano da Veiga, 1.º secret.; José Ri-  
beiro Guimarães Drack, 2.º secret.
- 1865 a 1867 — Joaquim José Alves, presid.; Joaquim Ur-  
bano da Veiga, 1.º secret.; José Ribeiro  
Guimarães Drack, 2.º secret.
- 1867 a 1868 — José Dioaysio Corrêa, presid.; João José  
de Sousa Telles, 1.º secret.; Antonio Au-  
gusto Felix Ferreira, 2.º secret.
- 1868 a 1869 — José Dionysio Corrêa e José Tedeschi,  
presid.; Joaquim Urbano da Veiga, 1.º  
secret.; Antonio Augusto Felix Ferreira,  
2.º secret.
- 1869 a 1871 — José Tedeschi, presid.; Joaquim Urbano da  
Veiga, 1.º secret.; Antonio Augusto Fe-  
lix Ferreira, 2.º secret.
- 1871 a 1872 — José Tedeschi, presid.; Antonio Augusto  
Felix Ferreira, 1.º secret.; Augusto de  
Oliveira Abreu, 2.º secret.
- 1872 a 1873 — José Tedeschi, presid.; Francisco José Ca-  
bral de Quadros, 1.º secret.; João Fran-  
cisco Delicioso, 2.º secret.
- 1873 a 1874 — José Tedeschi, presid.; José Ribeiro Gui-  
marães Drack, 1.º secret.; Alfredo da  
Silva Machado, 2.º secret.
- 1874 a 1875 — José Tedeschi, presid.; Augusto de Olivei-  
ra Abreu, 1.º secret.; José Pereira Ro-  
drigues, 2.º secret.
- 1875 a 1876 — Joaquim José Alves, presid.; Antonio Au-  
gusto Felix Ferreira, 1.º secret.; José  
Bento Coelho de Jesus, 2.º secret.
- 1876 a 1877 — Joaquim José Alves, presid.; Antonio Au-  
gusto Felix Ferreira, 1.º secret.; João de  
Jesus Pires, 2.º secret.
- 1877 a 1878 — Joaquim Urbano da Veiga, presid.; Anto-

- 1875 a 1876 — nio Augusto Felix Ferreira, 1.º secret.; João de Jesus Pires, 2.º secret.
- 1876 a 1877 — Joaquim Urbano da Veiga, presid.; Antonio Augusto Felix Ferreira, 1.º secret.; Augusto Ribeiro dos Santos Wiegas, 2.º secret.
- 1877 a 1878 — Joaquim Urbano da Veiga, presid.; Antonio Augusto Felix Ferreira, 1.º secret.; Augusto de Oliveira Abreu, 2.º secret.
- 1878 a 1879 — Joaquim Urbano da Veiga, presid.; Antonio Augusto Felix Ferreira, 1.º secret.; Augusto de Oliveira Abreu, 2.º secret.
- 1879 a 1880 — Joaquim Urbano da Veiga, presid.; Antonio Augusto Felix Ferreira, 1.º secret.; Augusto de Oliveira Abreu, 2.º secret.
- 1880 a 1881 — João José de Sousa Telles, presid.; Alfredo da Silva Machado, 1.º secret.; José Gomes de Mattos, 2.º secret.
- 1881 a 1882 — João José de Sousa Telles, presid.; Alfredo da Silva Machado, 1.º secret.; José Gomes de Mattos, 2.º secret.
- 1882 a 1883 — José Tedeschi, presid.; José Bento Coelho de Jesus, 1.º secret.; Emilio Fragoso, 2.º secret.
- 1883 a 1884 — José Tedeschi, presid.; José Gomes de Mattos, 1.º secret.; Emilio Fragoso, 2.º secret.
- 1884 a 1885 — José Tedeschi, presid.; Alfredo da Silva Machado, 1.º secret.; Emilio Fragoso, 2.º secret.

Finalmente o sr. presidente leu o seguinte discurso:

Ha um anno, senhores, solemnizando nós o quadragésimo nono anniversario da installação d'esta nobre e util Sociedade, nutriamos a mais lisongeira esperanza de que hoje, o seu quinquagesimo anniversario seria festejado, e solemnizado no meio do maior prazer, com alegria incomparavel, e dando a este festival o maior desenvolvimento possível.

E assim teria acontecido, se durante o anno findo se não tivessem dado factos, os mais deploraveis, que nos roubaram alguns dos seus mais notaveis membros, alguns d'aquelles, que sempre teem concorrido para o augmento scientifico, moral e material d'esta Sociedade, sendo um d'elles o mais antigo, o mais trabalhador, o mais zeloso dos creditos, e dignidade da Sociedade em geral, e de cada um de seus

membros em particular, aquelle, a quem esta Sociedade deve sua instituição, sua organização, seu desenvolvimento, e por assim dizer toda a aurea de que se acha rodeada.

Ha ainda um facto, senhores, que obsta a que esta sessão tenha o brilhantismo, que tão desejado era por todos os membros d'esta associação, e que ella poderia mui bem ter evitado: este facto, senhores, com a maior franquesa e sinceridade o digo, é a minha presença n'este logar, para o que me faltam as forças physicas e moraes, como decerto o deveis ter já reconhecido, forças, que tão indispensaveis são para arrostar com as difficuldades, que se encontram no exercicio das funcções tão variadas, a elle inherentes, e que já não podem existir quando se teem contado mais de setenta annos de idade, mais de cincoenta e seis de exercicio nos misteres da pharmacia, e mais de quarenta e oito no serviço d'esta associação, onde comtudo não tenho podido, ou sabido, satisfazer completamente aos desejos de alguns de seus mui dignos membros, que zelosos pelo seu augmento, e pela regularidade de seu viver, melhor teriam sido escolhidos para me substituirem.

Meus senhores, em breve chega a epocha, em que tendes de fazer a escolha dos que devem fazer parte dos seus corpos gerentes, em que tendes de lhes confiar a direcção dos trabalhos, recommendados pelos nossos estatutos, e decerto, eu o confio, a escolha recairá em quem cheio de forças, de boa vontade, e completa aptidão para o exercicio de tão arduas funcções, se desempenhará d'ellas com todo o rigor, energia e exactidão, elevando esta nobre associação ao grau de esplendor, de credito e de prosperidade, que todos nós lhe desejamos, de que ella é digna, e da conveniencia da nossa infeliz classe, cujos serviços, por mais relevantes que sejam, são sempre esquecidos, despresados, e por vezes tratados e commentados com ironia, por aquelles mesmos, que mais obrigação teem de os reconhecer, que mais d'elles se teem aproveitado, e que se acham nas circumstancias de lhe votarem o devido premio ou recompensa.

Esta Sociedade, senhores, que hoje completa cinquenta annos da sua instituição, não tem, nem por momentos, descurado os fins da sua instituição. O *progresso da pharmacia e o credito e a dignidade de seus membros*.

Sua fundação deve-se a um pequeno numero de pharmaceuticos, que, cançados de soffrer os vexames, arbitrariedades e despotismos de uma auctoridade bastarda, se insurgiram contra ella, formando uma reunião, tão numerosa quanto o pôde ser na occasião, para se livrarem da escravidão em que até ali existiam.

E' sabido, senhores, que os historiadores que teem procurado descobrir a epocha em que a pharmacia começou a sua historia, se teem encontrado em difficuldades, que não teem podido remover. Sua origem perde-se nas primeiras edades do mundo conhecido, diz o mais acerrimo indagador das antiguidades d'este genero.

A pharmacia foi exercida em epochas remotas pelos personagens da mais alta cathegoria: começada pelo instincto dos homens, e dos animaes, que por necessidade procuravam no reino vegetal os elementos, que deviam transformar em medicamentos, passando suas descobertas ao seio das familias, bem depressa foram suas observações e experiencias aproveitadas pelos sacerdotes, que recolhendo-as ao templo, tornando-se elles não sómente pharmaceuticos, por isso que preparavam certas misturas, cujo conhecimento lhes havia sido communicado e ensinado, mas ao mesmo tempo medicos, aconselhando empyricamente, o que os doentes que os procuravam deviam fazer; assim accumularam o exercicio pharmaceutico com o exercicio medico, por muitos annos.

Mais tarde, em epochas mais conhecidas, encontramos a pharmacia, isto é, o exercicio da pharmacia arrancado aos sacerdotes, e passado ás mãos de imperadores, de reis e dos supremos senhores, que se honravam, e com justa razão, de se empregar na preparação dos medicamentos que constituem o verdadeiro allivio da humanidade enferma.

Apparecendo depois grande numero de substancias, a

que se ligavam propriedades medicinaes, mais ou menos comprovadas, e especificas, foi necessario separal-as em grupos, nascendo assim classificações mais ou menos regulares, algumas d'ellas até mesmo absurdas, e tomaram a si o exercicio da pharmacia alguns philosophos, que a foram transformando em sciencia regular e methodica.

Mas se ella ia crescendo na parte scientifica, em nada melhorava na parte pratica, pois que accumulado o seu exercicio com outros que distrahiam a attenção dos seus cultores, nenhum progresso n'ella se produzia.

Os individuos que assim accumulavam o exercicio da medicina, com o da cirurgia e da pharmacia, se intitlavam, a principio, physicos, e mais tarde, tomaram o nome de medicos. O medico, portanto, aconselhava, preparava e applicava o medicamento aos doentes que o procuravam para que os alliviassé de seus padecimentos, e mal lhe restava tempo para observar e estudar, e portanto aperfeiçoar-se em qualquer dos tres ramos da medicina, de que tinha de se occupar.

Cançados e reconhecendo os males que provinham de tal accumulção, começaram a dividir os seus trabalhos, dando o encargo da preparação dos medicamentos a individuos que tornaram seus familiares, e que pouco a pouco se foram tornando distinctos n'esse exercicio; repugnando-lhes já tal serviço ser subordinado a quem se tinha tornado menos hábil, e menos apto para o desempenhar do que estes se consideravam.

Este conhecimento do quanto valiam, os levou a separarem-se e estabelecerem-se em casas especiaes, e independentes, onde preparassem e facilitassem ao publico o producto das suas manipulações, os *medicamentos*.

Auxiliados pelas sciencias naturaes, cujos conhecimentos caminhavam a par e incessantemente; e mui especialmente pela chimica que os alchimistas desenvolviam em busca da pedra philosophal, os conhecimentos scientificos, as explicações theoricas e as observações se foram tornando cada vez mais familiares a estes novos encarregados do exercicio de

um ramo tão importante da medicina, e se foram collocando a par dos que exerciam os dois outros ramos d'esta mesma medicina.

A estes estabelecimentos deram o nome de boticas, e aquelles que n'ellas exerciam a pratica, que lhes forneciam as sciencias naturaes e a chimica, o de boticarios.

Mas estes individuos que haviam deixado de ser rotineiros, que se preparavam para o exercicio da sua nobre profissão com os conhecimentos indispensaveis das mathematicas, das sciencias naturaes e da chimica, entenderam, e muito bem, que tal denominação lhes era impropria, por isso que era applicada a todo e qualquer adventicio que se occupava da compra e venda de qualquer genero e adoptaram o de *Pharmaceuticos*, com que hoje são reconhecidos em toda a parte onde a sciencia da escolha e preparação dos medicamentos é habilmente desempenhada e dignamente exercida: e n'este ponto não podemos deixar de commentar, que é nas estações governamentaes do nosso paiz, onde tem custado mais a ser accete esta legitima mudança de denominação, conservando-se a antiga e impropria, quem sabe porque causa e com que fundamento.

O exercicio da pharmacia em todos os paizes tem merecido a consideração e attenção dos governos. Em todos elles se tem desenvolvido a instrucção especial dos pharmaceuticos, e em todos elles são considerados como fazendo parte de uma profissão scientifica, liberal, util e indispensavel á segurança da saude publica. E' assim que nós vemos os pharmaceuticos figurarem nas repartições de saude dos diversos paizes, mais bem organizados, como chefes ou membros de taes repartições: ali os vemos fazendo parte dos corpos docentes e sendo professores exclusivos nas escholas especiaes de pharmacia; e ali os vemos figurando e fazendo parte dos corpos administrativos d'esses paizes. Em Hespanha, por exemplo, o ensino e exercicio da pharmacia foi em tempo habilmente dirigido e regido por uma junta governativa de pharmacia, a quem a classe pharmaceutica do paiz deve grandes serviços, e de que se recorda

com grande respeito e consideração Uma transformação politica que occasionou as reformas em todos os ramos da administração publica, deu origem a que esta util e justa Repartição directora fosse extincta e suas attribuições passassem para uma auctoridade medica, que segundo o costume, não só nada tem concorrido para o seu engrandecimento, mas bem pelo contrario tem contribuido para que os nossos bons collegas d'aquelle paiz tenham rasões abundantes para lastimar que a sua tutela esteja confiada a quem tanto despreza os interesses, que legitimamente lhes são devidos. E isto que está acontecendo em Hespanha, acontece egualmente n'outros paizes, onde as cousas pharmaceuticas correm egual caminho.

E que diremos nós do nosso paiz?

Em Portugal, pequeno em extensão, mas grande pela sua historia, e pelos difficeis e aventurosos commettimentos de seus mais dedicados filhos, não tem sido a pharmacia e os pharmaceuticos mais felizes do que os do reino visinho!

Sua historia é de difficil descripção, porque nada ha escripto nos tempos antigos, que nos dê dados seguros a respeito do modo como ella se exercia, e dos titulos, que auctorisavam seu exercicio.

Sabe-se, comtudo, que houve uma epocha em que os pharmaceuticos eram tão raros em Portugal, que houve necessidade de os ir procurar ao estrangeiro! e esta falta de concorrentes ao exercicio d'esta tão nobre profissão nos está dizendo que a pharmacia estava na maior decadencia, assim moral, como material, e que os filhos d'esta terra a desprezavam, indo procurar outros serviços em que se occupassem.

Foi no reinado de El-Rei D. Affonso que se encontrou em Ceuta, na Africa, um pharmaceutico, o celebre Annanias, que se prestou a vir exercer e ensinar pharmacia em Portugal, tendo sido julgada esta aquisição de tão importantes resultados e tão vantajosa para o paiz, que não se hesitou em lhe conceder a elle, e aos seus discipulos e successores as maiores vantagens, que os imperantes podiam repartir pelos seus vassallos.



Assim teve elle, e seus discipulos e successores o especial privilegio de não poder ser deslocado dos aposentos onde morassem e tivessem seus estabelecimentos e laboratorios: egualmente foram dispensados de servir militarmente o paiz, nem por mar nem por terra, nem a cavallo nem a pé: egualados em honras, e considerações aos mais nobres cavalleiros; e suas familias podendo vestir os brocados de seda e ouro, que eram adagio da nobre fidalguia, e muitas outras considerações, que se podem vêr na carta de privilegios, que se acha depositada no archivo da Torre do Tombo, e cuja copia fiel está impressa n'um dos primeiros volumes do Jornal d'esta sociedade e cuja leitura não podemos n'esta occasião deixar de recomendar muito.

Todos estes incentivos e provavelmente outros, que nos não foi possivel descortinar, deram origem a que dentro em breve o paiz se achasse, não sómente remediado de pharmaceuticos, mas até abastecido em um excesso, do qual resultou, como sempre, a decadencia da classe!

Além d'isto, os destinos da classe pharmaceutica, entregues á tutela de uma auctoridade bastarda, onde difficilmente se encontrava a merecida protecção; auctoridade, que só tratava de se locupletar com os meios que usufruia da existencia de muitas pharmacias, que eram obrigadas a contribuir para a sua ostentação, foram dando as indispensaveis consequencias, isto é, decadencia da classe, e uma indisposição entre esta e a auctoridade que os aggravava cada vez mais.

Já deixára de ser licito ao pharmaceutico, o queixar-se dos males que lhe advinham do desprezo na observancia das leis, desprezo bem calculado pela auctoridade, pois que d'elle lhe resultavam vantagens, que não obteria se fosse exacto no cumprimento dos seus impreteriveis deveres!

E dizemos que já não era licito o queixar-se, porque então, como actualmente, a queixa feita por um pharmaceutico contra qualquer acto do physico mór do reino, dava-lhe em resultado o ser sua pharmacia visitada extraordinariamente com tal rigor que só miraculosamente esca-

paria a ser-lhe encontrada alguma falta ou estrago n'algum medicamento, que o livrasse de uma condemnação ou censura.

E entre muitos factos que poderíamos citar para corroborar a verdade do que dizemos, podemos citar uma visita extraordinaria, feito a um honrado pharmaceutico Oliveira, pae do nosso chorado Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira, por terprehendido um abaixo assignado em que se pediam providencias contra aquella funesta auctoridade, visita que durou tres dias successivos não tendo escapado frasco, boião, gaveta ou caixote, que não fosse *cuidadosamente* examinados!

Estes factos, que se repetiam a miudo, a excessiva propina que se pagava por cada uma visita; a que se exigia na occasião de qualquer pharmaceutico se querer estabelecer, não esquecendo a de uns vinte mil réis concedidos ao physico-mor do reino a titulo de uns calções de veludo, com que uma imperante lhe quiz galardoar seus serviços; tudo isto, e aproveitando a occasião, em que no paiz se acabava de implantar a liberdade e egualdade perante a lei, deu origem a que, alguns dignos pharmaceuticos se reunissem, e resolvessem fundar uma sociedade, que a favor da força, que a união produz, lhe promovesse seus legitimos interesses, e os livrasse da iniqua escravidão em que até ali tinham vivido.

Esta sociedade, senhores, é a de que hoje solemnizamos o quinquagesimo anniversario.

É a SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA, para cuja fundação concorreram os mais distinctos e celebres pharmaceuticos portuguezes d'aquella epocha, entre os quaes foram julgados os mais serviçaes e mais benemeritos, os que entre todos, e por escrutinio secreto, forem eleitos para constituirem a sua mesa, que devia dirigir os arduos trabalhos de sua constituição.

Os nomes d'estes benemeritos devem ser gravados em letras de ouro no escudo das armas d'esta Sociedade.

E ainda que com magoa, porque nenhum d'elles já existe,

não deixaremos n'esta solemne occasião de repetir os seus honrados nomes, para gloria d'aquelles que os acompanharam nos seus proficuos trabalhos e serviços: para attenuar quanto possivel a saudade, que d'elles conservam seus parentes e amigos, e para incentivo dos actuaes e futuros pharmaceuticos, que oxalá os saibam imitar, concorrendo para que n'esta Sociedade não seja suspensa, nem por momentos, a paz, união e harmonia entre os seus membros, para que ella não deixe de cumprir fielmente as disposições de seus estatutos e regulamentos, e finalmente, para que se saiba sempre que esta sociedade, fundada ha cincoenta annos, tem sido exemplar na sua vida publica e particular.

Estes nomes, que não posso deixar de declarar, são os de José Vicente Leitão, José Dionysio Corrêa e Antonio de Carvalho, presidente, primeiro e segundo secretarios.

Os serviços prestados por esta tão bem escolhida mesa, durante o espaço de tempo decorrido de julho de 1833 a egual mez de 1838 são taes, que não podem ter cabida n'esta resumida historia, que estamos traçando.

Estes tres membros d'esta primeira mesa tinham já seus créditos bem estabelecidos pelo seu saber, e por sua inconcussa honradez.

José Vicente Leitão, cuja pharmacia era o typo da ordem e da exactidão, foi o primeiro, senão o unico pharmaceutico portuguez, que preparou em seu laboratorio, o perigosissimo acido prussico, ou cyanhydrico: estabeleceu uma secção no mesmo laboratorio, onde preparou todos os instrumentos de gomma elastica, ou caut-chouc, taes como algalias, vellinhas, pessarios, etc., etc., que rivalisavam com eguaes productos, que nos vinham do estrangeiro, e que foram deslocados do commercio portuguez pela perfeição d'estes e barateza de seu custo. Tendo sido mandados examinar por commissões competentes nos diversos hospitaes de Lisboa, foram taes as informações dadas pelos commissonados, e taes os elogios feitos a estes difficeis productos, que lhe merecen, n'aquelles tempos, a honra de ser no-

meado Cavalleiro da Ordem da Conceição de Villa Viçosa, como recompensa e reconhecimento de seus serviços.

Sua pharmacia ainda se tornára notavel pela perfeição como n'ella se preparavam as variadas geleas medicinaes e as alimentares, proprias para os doentes.

Fallamos com saudade d'este distincto pharmaceutico, de quem tivemos a honra de ser discipulo, recebendo d'elle os principios da educação pharmaceutica, que muito nos aproveitaram; e d'aqui lhe agradecemos como tributo de respeito e saudosa recordação.

Antonio de Carvalho, mui hábil e honrado pharmaceutico que por vezes tinha sido incumbido de importantes commissões inherentes á sua profissão, em que deu sempre provas do zelo, que o caracterisava no cumprimento das obrigações a que se submettia. Seus relevantes serviços e inabalavel credito o fizeram lembrado para o honroso cargo de vereador da camara municipal de Lisboa, onde se tornou notavel pelos importantes serviços, que fez nos diversos pelouros que dirigiu, especialmente no das aguas, em que teve de luctar contra as potencias, que protegiam a absorpção das aguas e seus aqueductos, pertencentes ao municipio, e á sua custa feitos, construidos e conservados, que se pretendia, e se conseguiu, tirar á Camara ou antes ao municipio.

José Dionysio Corrêa, o principal instituidor d'esta Sociedade que viveu e morreu não tendo outros cuidados, que lhe merecessem mais attenção do que o desenvolvimento dos credits, e bom nome d'esta sua predilecta filha, como elle constantemente lhe chamava.

D'este dedicado instituidor e conservador o que poderemos nós dizer que não esteja já dito e conhecido pelas publicações que se fizeram na occasião de seu passamento que teve logar no dia 5 de dezembro ultimo?

Lembrados estarão, senhores, não sómente do que se passou, quando seus restos mortaes eram depositados no seu jazigo, mas do que a imprensa toda, e sem excepção disse a seu respeito! Na verdade ainda nenhum pharmacia

ceutico tinha recebido funebres homenagens, que se podessem comparar ás que recebeu este chorado collega!

Esta respeitada mesa durou por alguns annos, sendo em 1838 substituido o seu presidente por um' outro socio não menos digno, Gregorio de Sousa Pereira, portuguez velho d'aquelles cuja theoria e pratica era de — antes quebrar que torcer — De sua incorruptibilidade deu as mais concludentes provas quando os seus concidadãos o elegeram para o importante cargo de Juiz de Paz na sua freguezia, a de S. Mamede.

Os seus collegas e consocios não o desampararam nas occasiões de seu soffrimento, nem depois de finado, prestando-lhe honras especiaes e extraordinarias na occasião do seu funeral.

Desejavamos, senhores, biographar, ainda que em resumo, todos os funcionarios das mesas, que tem gerido os negocios d'esta sociedade: mas o receio de vos incomodar com uma sessão mui prolongada, me obriga a desistir d'este plano, limitando-me apenas a indicar os nomes de seus diversos presidentes, e que foram além de José Vicente Leitão e Gregorio de Sousa Pereira, acima citados Antonio de Carvalho, Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira, Thomaz d'Aquino Alves, Henrique José de Sousa Telles, Francisco José Rodrigues Loureiro, Antonio Joaquim Labate, Joaquim José Alves, José Dionysio Corrêa, Joaquim Urbano da Veiga, João José de Sousa Telles, aos quaes todos a Sociedade deve ser muito grata pela dedicação, com que serviram este importante logar.

Desejariamos fazer n'este momento uma manifestação de respeitosa gratidão aos socios que durante estes cincoenta annos serviram os logares de secretarios, ou pelo menos dos que se tornaram mais distinctos pelos serviços e dedicação com que serviram tão penosos cargos, mas o tempo corre e obriga-nos a não nos tornarmos mais demorado em exigir a vossa attenção. Mas o que é certo é que a Sociedade lhes deve tambem eterna gratidão.

E' de esperar que em breve seja publicado pela imprensa

pharmaceutica o quadro dos socios, que serviram como effectivos os cargos da mesa durante estes cincoenta annos, quadro cuja leitura desde já vos recommendamos.

Ennumerar ou recapitular os trabalhos de que se tem occupado esta sociedade durante este meio seculo da sua existencia, é tarefa além de difficil de uma extensão tal, que se tornaria incommoda para quem nos honra com a sua presença.

Limitar-nos-hemos pois, a dizer, que logo nos seus primeiros tempos, ella tratou de provar perante o governo e o publico quão nocivo era o modo como se fazia a habilitação dos pharmaceuticos.

Representando com toda a força que dá a razão e a justiça, ella foi attendida, suspendendo-se os exames de pharmacia pelo modo e perante os jurys que a elles presidia.

Effectivamente, um requerimento feito ao physico-mór do reino, com attestado de um pharmaceutico estabelecido, declarando que o candidato tinha feito parte do pessoal da sua officina durante quatro annos, e o pagamento de uma avantajada propina, eram as sufficientes condições para obter d'essa auctoridade a licença para fazer exame de pharmacia.

A este exame presidia um medico, delegado do Physico mór e dois pharmaceuticos, denominados examinadores que se juntavam com o candidato em qualquer botica da cidade, ou na do hospital de S. José, onde se lhe faziam as perguntas cujas respostas o faziam classificar de apto para obter uma carta de pharmaceutico!

Mas esta simples e insignificante prova ainda era julgada severa e difficil por alguns candidatos que pediam *commissão* para fóra de Lisboa, sendo frequentes os que alcançavam licença para se apresentarem em Villa Franca, Almada e até na aldeia de Paio Pires, onde o medico do partido da camara, representando o delegado do physico-mór e dois pharmaceuticos da localidade verificavam a sua capacidade, que jámais deixava de ser considerada sufficiente,

quando não optima, para obter o competente diploma que o auctorisava ao exercicio d'esta difficil profissão.

E note-se que não queremos nem devemos com isto depri-  
mir o merito de muitos pharmaceuticos d'aquellas epo-  
chas, que conhecendo deficiencia dos conhecimentos que se  
lhes exigiam para a sua habilitação legal procuravam depois,  
e alcançavam uma instrucção que os tornava notaveis,  
não só entre os que se conservavam estacionarios, mas en-  
tre o publico, que os considerava e respeitava como homens  
de profundo saber.

Consequindo esta Sociedade a suspensão de taes exames,  
teve de trabalhar para alcançar a reforma na instrucção e  
no exercicio pharmaceutico. Estas appareceram com os de-  
cretos com força de lei de 29 de dezembro de 1836 e  
3 de janeiro de 1837; aquelle creando umas acanhadas es-  
cholas de pharmacia, annexas ás escholas medico-cirurgi-  
cas, e á Universidade de Coimbra, onde passaram a ser  
feitas as habilitações para pharmaceuticos: o segundo sub-  
stituindo ao Physico-mór do reino um Conselho de Saude  
Publica, em que entravam, como vogaes, dois pharmaceu-  
ticos.

Este Conselho, onde os pharmaceuticos estavam em gran-  
de minoria, nunca attendeu ao modo como se exercia a phar-  
macia, senão nos laboratorios pharmaceuticos legalmente es-  
tabelecidos, não evitando nunca que uma serie de intrusos  
invadiisse o exercicio da pharmacia, privando de seus legi-  
timos interesses os que se tinham habilitado legalmente  
para a exercer, nem attendendo aos perigos a que deixava  
exposto o publico, que levado de uma falsa economia, se  
ia sortir de medicamentos, onde só illicitamente lh'os  
podiam fornecer.

E estes tristes factos continuam ainda, apesar das quei-  
xas e representações que contra elles teem sido dirigidas  
aos poderès do estado! E chega a ser perigoso aos phar-  
maceuticos dirigirem queixas e reclamações contra os in-  
trusos! por quanto por diversas vezes temos visto que taes  
queixas contra os intrusos, teem dado origem á expedição

de ordens superiores, mandando passar visitas rigorosas, não aos estabelecimentos dos intrusos, que se intromettem no exercicio da pharmacia, mas ás pharmacias legalmente estabelecidas, onde são arestados os medicamentos secretos ou especialidades pharmaceuticas, que continuam expostas á venda, e vendendo-se, nas lojas dos intrusos, com quem a auctoridade não se intromette!

A instrucção pharmaceutica tem merecido tambem toda a attenção a esta Sociedade. São innumeradas as representações dirigidas aos diversos governos e ás camaras legislativas pedindo a creação de escholae especiaes de pharmacia e que se uniformise a habilitação pharmaceutica, evitando que essa habilitação se faça em condições mui diversas e variadas, ficando os habilitados, como actualmente acontece, egualados todos, quaesquer que sejam as differenças que tenham em seus preparatorios e seus conhecimentos. A essas representações, posto que feitas com a maior rasão e justiça, teem os governos respondido com o silencio, quando não é interrompido com alguma portaria, dispensando todos os preparatorios, toda a pratica, e por pouco, todos os apparentes exames, aos que teem a fortuna de se saberem acompanhar de boas protecções.

Esta Sociedade, senhores, tem mantido integralmente os seus creditos de perita em todas as questões judiciaes, em que ha necessidade de recorrer á analyse chimica. Os tribunaes judiciaes lhe entregam constantemente as substancias, de que precisam saber a composição, e estado de pureza ou alteração; sendo grande o numero das decisões juridicas que teem tido por fundamento o parecer dado pelas commissões de chimica por vós eleitas.

E' pois bastante honrosa para nós a confiança que aquellos tribunaes em nós depositam, que, posto que merecida, não devemos deixar de lh'a agradecer.

Além dos tribunaes judiciaes, auctoridades administrativas e repartições publicas, como alfandegas, outras nos tem consultado em casos identicos, sempre conformando-se com os pareceres d'esta Sociedade emanados.



De grande alcance foi a lei, que pelos esforços d'esta sociedade se obteve do poder legislativo regulando o modo como se deve entender o serviço pessoal do pharmaceutico, ordenado pela lei de 3 de dezembro de 1868. Os differentes modos, como as diversas auctoridades interpretavam esta disposição legislativa deu logar a vexames exercidos sobre os mais honestos e dedicados pharmaceuticos d'esta cidade, que foi preciso evitar conseguindo a lei explicativa que se acha actualmente em pleno vigor.

E' honrosa para esta Sociedade a attitude que tomou na defeza do credito e dignidade de seus collegas, por occasião de se terem dado alguns d'esses excessos da parte da auctoridade de saude; e mui louvavel é tambem a parte activa que tomou a maior parte dos pharmaceuticos de todo o reino protestando energicamente contra taes factos e pedindo providencias que evitassem sua repetição.

D'aqui saudamos todos os individuos que por qualquer modo concorreram para o feliz resultado obtido.

Os cuidados que esta Sociedade tem tido em promover e garantir o respeito aos direitos dos pharmaceuticos, nossos collegas, não tem evitado que ella se tenha tambem occupado com toda a attenção na sua administração interna e financeira.

Reconhecidos seus serviços feitos ao paiz pelos governos de certas epochas lhe foi concedida gratuitamente uma parte do edificio do Carmo para o estabelecimento de suas salas, gabinetes, museu e laboratorio. Uma exigencia militar fez com que fossemos d'ali mudados para o edificio de S. João Nepomuceno, que na occasião se achava abandonado. Mas logo depois de ali termos feito alguns melhoramentos foi elle pedido e adquirido por uma associação de beneficencia, a que a freguezia de Santa Catharina deve muita gratidão: e foi-nos concedido o edificio da Mouraria, que tivemos de tornar apto para as nossas accomodações. Mas, parece que uma má estrella estava influindo sobre os destinos d'esta Sociedade! Uma irmandade que era deslocada de um edificio proximo, que estava condemnado a ser arrasado

por utilidade publica, sollicitou e conseguiu que lhe fosse concedido o estabelecer-se n'esse edificio, que por sua vastidão servira em tempo de asylo de orfãos, sendo a sociedade mais uma vez privada de funcionar em edificios fornecidos pelo Estado.

Estas repetidas mudanças forçadas resolveram a sua direcção a obter casa por meio de aluguel, e assim temos estado em diversas casas, mais ou menos apropriadas aos nossos fins, mas vivendo vida independente das contingencias de qualquer influencia que nos obrigasse a novas mudanças.

Estas contrariedades excitaram a nossa administração a crear um fundo que nos garantisse as despesas indispensaveis ao nosso expediente; e este desideratum está conseguido, achando-nos convenientemente dotados para affrontarmos as despesas inherentes a uma associação d'esta ordem.

As reformas feitas na administração publica não tem deixado de nos privar de alguns recursos: assim, uma de certo mal entendida medida financeira nos privou de termos o nosso jornal impresso por conta do estado, na Imprensa Nacional, tendo de costear essa despesa pelo cofre da sociedade. Mas a existencia da sociedade não tem perigado nem perigará com estas contrariedades porque ella conta no seu quadro com bastantes nomes de socios que a não deixarão sossobrar qualquer que seja o temporal que a venha affrontar.

Tenho de terminar esta já longa, posto que bem incompleta synopse da vida e trabalhos d'esta Sociedade; obra, que confiada a mãos habeis e a alguns dos nossos consocios de reconhecido talento, que temos em grande numero, teria sido entrelaçada de flores, que com grande pesar nosso não temos sabido cultivar: mas a tolerancia, benovolencia e bondade de nossos nobres ouvintes nos relevará de lhe apresentarmos obra tão insignificante.

O anno que finda hoje, não foi nada lisongeiro para esta Sociedade; e posto que n'um dia de festa não seja muito

proprio recordar cousas tristes, entretanto não podemos furtar-nos a fallar de socios que a morte nos roubou durante este anno, dos quaes o mais principal pelas circumstancias especiaes que n'elle concorriam foi o nosso sempre chorado José Dionysio Corrêa, de quem diremos alguma coisa, visto que factos lamentaveis e imprevistos obstaram a que, como tinha sido deliberado e assentado se lesse hoje a sua biographia.

1. José Dionysio Corrêa, como já dissemos, foi um dos principaes iniciadores da idéa de se fundar uma associação pharmaceutica em Portugal. Auxiliado por alguns, ainda que poucos collegas, elle o conseguiu, fazendo-se a sua inauguração solemne no dia 24 de julho de 1835, n'uma sala da pharmacia do Hospital de S. José, pharmacia, cuja direcção lhe estava confiada.

2. Reconhecida por essa assembléa ali reunida, a sua aptidão e o seu grande enthusiasmo pela nascente instituição, se lhe entregou, por assim dizer, a chave da Sociedade, elegendo-o primeiro secretario da mesa, que devia organizar todos os estabelecimentos da associação, taes como jardim, laboratorio, museu, bibliotheca, etc., etc.

3. Incansavel, elle conseguiu no curto espaço de sete annos que decorreram desde o dia da sua installação, 24 de julho de 1835 até egual dia de 1842, em que deixou de servir este importante logar. organizar todos estes estabelecimentos, não só modestamente, mas mesmo luxuosamente; como o podem attestar alguns, ainda que poucos collegas que ainda existem, e que o acompanharam em tal tarefa. E digo poucos porque em verdade, dos instituidores sómente existem hoje tres, como elle nos disse poucos dias antes do seu passamento: «Agora depois da minha morte só restam tres dos instituidores».

4. Só por muitos e reiterados pedidos tornou a tomar logar na mesa, o que se deu em 1867 tendo sido eleito presidente, logar em que serviu nos annos de 1867 a 1868 e de 1868 a 1869, resignando-o com a declaração de que já mais accetteria este penoso cargo.

Mais tarde, a Sociedade, não tendo outro meio de lhe manifestar o seu reconhecimento pelos seus muitos sacrificios feitos a favor da Sociedade, o elevou ao honroso e distincto cargo de presidente honorario e perpetuo, que accetou com difficuldade, tendo de vencer a sua habitual modestia que a isso se oppunha.

A sessão extraordinaria e especial, convocada para lhe ser entregue o competente diploma, foi das mais brilhantes e imponentes, sensibilizando-se bastante por vezes quando ouvia as manifestações que com grande prazer lhe dirigiam os seus consocios e verdadeiros amigos, que os tinha.

N'esta qualidade de presidente honorario muitas vezes teve de dirigir as sessões, o que fazia com a mestria que lhe dava o tirocinio de mais de quarenta annos da Sociedade.

Achando-se doente, abatido e flagellado pelos padecimentos inherentes á idade, e em resultado dos extraordinarios serviços prestados na pharmacia do hospital de S. José nas calamitosas epidemias de cholera e febre amarella, com que Lisboa tem sido assolada por vezes desde 1833, elle não deixava de assistir ás nossas sessões, tendo por vezes sido necessario ser levado para casa entre os braços dos collegas que não podiam consentir que fosse só, depois de desmaios que lhe sobrevinham quando se interessava mais nas discussões.

Presentindo a approximação da sua morte e receiando não poder já assistir a esta solemniidade, o que infelizmente se verificou, elle escreveu por seu proprio punho uma oração para ser lida hoje, de cuja missão me acho encarregado, e que desempenharei até onde puder.

Antes d'isso, porém, permitta-me esta respeitavel assemblea, que lhe peça me releve o mal alinhavado d'esta pequena historia, relatorio ou como melhor titulo mereça, que foi feito debaixo de influencias para mim pouco agradaveis e com o reconhecimento da minha insufficiencia, ou seja considerada em relação ao trabalho, ou á grande proficiencia de meus nobres ouvintes. Disse.

Às onze horas encerrou-se a sessão. — O segundo vice-secretario, *Antonio Augusto d'Ascensão*.

## CHIMICA

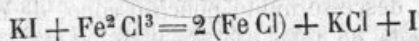
### Doseamento do iodeto de potassio

POR M. E. FALIÈRES

Os processos de doseamento volumetrico do iodeto de potassio por meio do acido iodico, ou bi-chloreto de mercu-rio, apresentam causas d'erro que não tem passado des-apercebidas aos analysts.

Os inconvenientes dos dois processos em uso conduzi-ram M. Falières a modificar de duas maneiras o methodo de analyse pelo per-chloreto de ferro (processo de Desfos), que nunca foi abraçado completamente pela pratica, con-seguindo dar-lhe uma exactidão não conhecida.

Sabe-se que o per-chloreto de ferro em solução desprende á temperatura de 100 graus todo o iodo do iodeto de po-tassio, dando origem ao proto-chloreto de ferro e ao chlo-reto de potassio.



1.º Prepara-se um licor normal iodado com:

Iodo puro.....	0 <sup>gr</sup> ,764
Iodeto de potassio.....	4 <sup>gr</sup> ,000
Agua distillada.....	q. s.
Para 100 <sup>cc</sup> de liquido.	

Cada centimetro cubico d'este liquido contem exactamente no estado de liberdade a quantidade de iodo (0<sup>gr</sup>,00764) que contem 0<sup>gr</sup>,01 d'iodeto de potassio puro. Cada decimo de centimetro cubico corresponde, por consequencia, a 1 milligramma de iodeto de potassio real.

Para tornar o methodo mais sensivel, é preciso ter um licor iodado decimo feito com:

Licor normal .....	10 <sup>cc</sup>
Agua distillada.....	90 <sup>cc</sup>

Determina-se a quantidade precisa d'uma solução de hyposulfito de soda a  $\frac{3}{1000}$  para decompor 10<sup>cc</sup> do licor normal iodado: seja por exemplo 51<sup>cc</sup>.

Introduz-se então n'um pequeno balão de vidro 0<sup>gr</sup>,10 de iodeto de potassio a ensaiar e um excesso (2 a 3 grammas) de solução de per-chloreto de ferro a 25 p. 100 <sup>1</sup>.

Tapa-se o balão com uma rolha de cautchouc, munida d'um tubo recurvado, cuja extremidade deve mergulhar no fundo d'um copo de experiencias, no qual se lançam 4 ou 5 grammas de chloroformio e em seguida 51<sup>cc</sup> da solução normalisada de hyposulfito de soda, isto é, a quantidade exacta que é transformada em tetrathionato por 10<sup>cc</sup> de licor normal iodado, ou, o que é o mesmo, pela quantidade d'iodo contida em 0<sup>cc</sup>,10 de iodeto de potassio puro.

Leva-se o liquido á ebullição. Os vapores de côr violeta do iodo apparecem e condensam-se em um longo anel no tubo do vidro. A ebullição expulsa então o iodo, que vae juntar-se ao chloroformio depositado no fundo do copo de experiencias. O iodo dissolve-se immediatamente no chloroformio que toma a côr de violeta intensa. Continuando a ebullição, desce-se muito pouco o copo, de maneira que a extremidade do tubo não mergulhe senão um pouco na solução do hyposulfito de soda. Os ultimos vestigios do iodo arrastados pela ebullição desaparecem no hyposulfito á medida que chegam. Tira-se o copo, havendo o cuidado de lavar com pouca agua distillada a extremidade do tubo. Agita-se vivamente, até que o chloroformio fique perfeitamente incolor.

Examina-se então quantas divisões se empregaram do licor decimo do iodo para se obter o chloroformio de côr de amethista, ou para corar em violeta a solução de hyposulfito addicionado d'amido muito claro. E' evidente que o numero de divisões do licor de iodo normalisado, que fo-

<sup>1</sup> A solução officinal do per-chloreto de ferro (per-chloreto de ferro liquido das pharmacias) satisfaz plenamente.

ram empregadas, indicará exactamente a quantidade de iodo que entrava no iodeto ensaiado para constituir o iodeto de potassio puro. Admittamos que foram empregadas 7<sup>cc</sup>,3 de licor decimo de iodo.

O iodeto ensaiado contem  $100 - 7,3 = 92,7$  p. 100 de iodeto real. Apesar d'esta minuciosidade, a execução é muito rapida; os resultados são d'uma grande precisão, e de maneira nenhuma influenciados pela presença dos carbonatos, chloretos, brometos e sulfatos.

O que importa sobre tudo é ter a certeza d'um processo que não é affectado pela presença dos brometos, como é certamente o de Berthet.

É bastante aquecer uma solução de brometo de potassio puro com acido iodico para se garantir que o bromio é posto em liberdade durante o tempo da operação.

Póde-se, ao contrario, fazer ferver por muito tempo o brometo de potassio com per-chloreto de ferro sem deslocar o menor vestigio de bromio.

É bem que se diga, que o per-chloreto de ferro dosea o iodato que possa existir no iodeto. Esta imperfeição do methodo não apresenta um inconveniente pratico real, se considerarmos que os iodetos commerciaes não contêm senão muito raramente o acido iodico, alem de que toda a analyse do iodeto de potassio admite antes de tudo a pesquisa dos iodatos. Se a sua presença é contestada, é inutil ir mais longe; debaixo do ponto de vista medico o producto deve ser regeitado.

M. Falières aproveita a facilidade e a redução do per-chloreto de ferro pelo iodeto de potassio para estabelecer a dosagem d'este ultimo sal a uma analyse volumetrica ordinaria de ferro.

Prepara-se uma solução que contenha 1,5 p. 100 de per-chloreto de ferro anhydro (6 pouco mais ou menos de per-chloreto de ferro dos pharmaceuticos).

Introduzem-se n'um balão 10<sup>cc</sup> d'este liquido com 1 grammada d'acido chlorhydrico fumante, 50 a 60 grammas d'agua distillada e alguns centigrammas de salicylato de soda.

O licor violeta intenso é levado á ebullição. Então com o auxilio d'uma galheta de Gay-Lussac dividida em decimos de centímetros cubicos lança-se com cuidado e pouco a pouco uma solução de hyposulfito de soda a  $\frac{1}{200}$ , conservando-se sempre a ebullição. O liquido descora-se; deixa-se então de lançar a solução do hyposulfito de soda, no momento em que o liquido do balão collocado entre os olhos e um papel branco, não apresente mais que uma côr rosada fraca, que se poderá chamar *tinta sensivel*. Supponhamos que para se obter esta foram necessarios 46<sup>cc</sup> de solução de hyposulfito.

Introduz-se n'um balão 40<sup>cc</sup> de solução ferrica, 0<sup>gr</sup>,10 de iodeto de potassio bem puro e 50 ou 60 grammas d'agua distillada com 1 gramma d'acido chlorhydrico fumante; leva-se o liquido á ebullição, que continuará até que tenham desaparecido todos os vestigios do iodo.

O liquido é constituído por uma mistura de per-chloreto de ferro, este ultimo produzido pela acção reductora de 0<sup>gr</sup>,10 de iodeto de potassio puro.

Normalisa-se o liquido pela solução de hyposulfito de soda, servindo-nos o salicylato de soda como indicador do fim da operação.

Imaginemos que só se empregaram 16<sup>cc</sup> da solução de hyposulfito para se obter a *tinta sensivel*. Pode-se dizer que 46<sup>cc</sup> — 16<sup>cc</sup> = 30<sup>cc</sup> de hyposulfito representam a quantidade de proto-chloreto de ferro formado pela acção reductora de 0<sup>gr</sup>,10 de iodeto de potassio puro: por consequencia, que nas mesmas condições operatorias 30<sup>cc</sup> de solução de hyposulfito correspondem á do iodeto contendo 100 p. 100 de iodeto real.

Trata-se então, como se disse, 40<sup>cc</sup> da solução de per-chloreto de ferro por 0<sup>gr</sup>,10 de iodeto a ensaiar. Pela ebullição expulsa-se todo o iodo, lança-se a solução do hyposulfito no liquido ferrico-salicylico.<sup>1</sup>

Se o iodeto de potassio é puro, só serão necessarios 16<sup>cc</sup> para se obter a *tinta sensivel*, e mais, sendo impuro.

<sup>1</sup> O salicylato não se deve juntar senão depois da expulsão do iodo.



Supponhamos que se empregaram 18<sup>cc</sup>,3 de hyposulfito, temos então :

$$46 - 16:100 :: 46 - 18,3 : X = 92,33$$

O iodeto de potassio ensaiado contem 92,33 p. 100 de iodeto puro. Bem executado este processo dá resultados d'uma precisão tão rigorosa como o das analyses volumetricas do ferro.

Falières confia que um e outro modo de operar prestão serviços para o ensaio rapido dos iodetos de potassio do commercio, que não apresentam diferenças notaveis nas mãos d'operadores conscienciosos e habeis.

(Trad.)

A.

FORMULARIO  
—  
Collodios medicinaes

COLLODIO FERRUGINOSO

Chloreto ferrico (soluto de).....	10
Collodio.....	90

COLLODIO IODADO

Iodo .....	5
Collodio.....	95

COLLODIO DE IODOFORMIO

Iodoformio.....	5
Collodio.....	95

COLLODIO MERCURIAL

Chloreto mercurico .....	10
Collodio.....	90

COLLODIO PLUMBICO

Emplasto de chumbo.....	10
Ether.....	20
Collodio.....	70

Trata-se o emplasto pelo ether durante algumas horas, filtra-se o soluto e adiciona-se ao collodio.

## COLLODIO SALICYLADO

Acido salicylico.....	2
Collodio.....	98

## COLLODIO TANNICO

Tannino.....	5
Alcool.....	10
Collodio.....	85

Dissolve-se o tannino no alcool e adiciona-se o soluto ao collodio.

## COLLODIO DE THYMOL

Thymol.....	10
Collodio.....	90

Póde-se preparar de modo identico outros collodios medicinaes, dissolvendo previamente os alcaloides ou outros corpos no ether ou em uma mistura de alcool e ether. Taes são, por exemplo, os collodios de aconitina, de camphora, de cantharidina, de chloral, de codeina e de vératrina.

(Réport de pharm.)

S. M.

## NECROLOGIA

## Joaquim Rodrigues Pereira da Silva

No dia 23 de setembro ultimo extinguiu-se a vida a um pharmaceutico probo, intelligente e laborioso.

Falleceu n'esse dia, victima d'uma cruel enfermidade, *myelite*, que lhe torturou a existencia durante sete annos, o sr. Joaquim Rodrigues Pereira da Silva, nosso estimadissimo consocio effectivo. A doença prostrou-o quando a fortuna se lhe mostrava bem ridente, quando recolhia os opimos e sezonados fructos d'um labor ininterrupto.

A sua biographia póde resumir-se nas seguintes palavras—foi um homem de bem e trabalhador infatigavel.

Estabeleceu a conhecida e justamente acreditada phar-

macia da rua Nova da Palma, pouco tempo depois da abertura d'esta nova via publica, em um dos primeiros predios n'ella edificados. E eram de tão subido quilate os creditos de pharmaceutico intelligente e consciencioso que Pereira da Silva havia adquirido, que passado poucos annos estava a sua pharmacia a par dos estabelecimentos congeneres mais afreguezados da capital. Essa faina era realmente bem merecida porque Pereira da Silva, que não abandonava nunca a sua pharmacia, dirigia todas as manipulações, quer officinaes quer magistraes, fazendo-lhes imprimir o cunho da perfeição inexcedivel.

Assim fez prosperar d'uma maneira notavel o seu estabelecimento, sem empregar o banal reclamo que indica mingoa de merito, sem procurar ferir os interesses d'outrem, sem denegrir, publica ou particularmente, os creditos de nenhum collega.

Foi thesoureiro da sociedade pharmaceutica lusitana durante quatro annos, de 1874 a 1878, e no desempenho d'esse cargo e d'outras commissões prestou-lhe bons serviços.

Possuia a medalha que a camara municipal de Lisboa creou para distinguir os benemeritos que arriscaram a propria vida para salvar a de seus semelhantes, quando a capital foi invadida pela mortifera epidemia da febre amarella. Os serviços que o pharmaceutico Pereira da Silva prestou aos seus concidadãos n'essa calamitosa epocha, como administrador da respeitavel pharmacia Azevedo, da Praça de D. Pedro, onde esteve de 1849 a 1859, foram tão relevantes que o governo de S. M. houve por bem conferir-lhe o habito de N. S. da Conceição.

O nosso fallecido collega e consocio tinha ainda a esmaltar-lhe a nobilissimas qualidades que deixamos apontadas uma caridade inexgotavel—nunca foi de balde que d'elle se abeirou qualquer desvalido da sorte.

A classe pharmaceutica perdeu em Pereira da Silva um dos seus membros mais dignos, e a sociedade um cidadão prestante.

Lisboa, 1 de outubro.

A. DA SILVA MACHADO.

## VARIEDADES

**Ovações aos srs. Capello e Ivens.**—A sociedade de geographia de Lisboa, a qual desde a sua fundação tem honrado a nossa sociedade com as mais cordeas e affectuosas relações de estima e consideração, tem-se havido com um patriotismo e galhardia inexcediveis a respeito da recepção tão ruidosa e imponente, como justamente merecida, feita aos illustres officiaes da armada, os srs. Capello e Ivens. Estes intrepidos exploradores do continente africano, que pela segunda vez regressam á patria cobertos de louros e de serviços, realisaram agora uma travessia de costa a costa por caminhos desconhecidos, que incurtam a distancia em alguns mezes de viagem. O sr. conselheiro Aguiar, no seu brilhante discurso, proferido em S. Carlos na sessão da entrega das medalhas mandadas cunhar pela sociedade de geographia para commemorar este feito, propoz que a travessia, em vista da sua importancia de baixo de differentes pontos de vista, se ficasse denominando *a grande travessia africana*.

Desde os cumprimentos feitos por mar na bahia de Cascaes até ao passeio á cidade do Porto, a sociedade de geographia, de que o sr. Aguiar é presidente, tem cumulado os seus dois socios benemeritos das mais inequivocas provas do alto apreço em que tem seus relevantes serviços, prestados tanto á sciencia e á humanidade, como á patria, cujo nome engrandecem, e se ufana de os contar no numero dos seus filhos mais prestantes e dilectos.

Em nome da direcção da sociedade e da commissão de redacção d'este jornal agradecemos todos os convites com que a sociedade de geographia nos tem obsequiado durante as suas festas.

D. B.

**Adolpho F. Moller.**—Recebemos ultimamente noticias d'este incansavel botanico nosso illustrado consocio, que está em commissão scientifica na ilha de S. Thomé: gosa

saude e conta regressar brevemente a Coimbra, d'onde continuará a dar-nos algumas noticias sobre a nossa flora pharmaceutica.

**Conservação dos solutos de cocaina.** — M. Squibb aconselha, em noticia publicada no *Pharmaceutical Journal* de junho ultimo, a addição  $\frac{1}{2}$  : 100 de acido borico ao soluto de chlorhydrato de cocaina para lhe assegurar a conservação durante seis mezes ou mais. Diz que o acido borico é preferivel a outros agentes que teem sido recomendados para esse fim (acido salicylico, agua de camphora), porque não exerce, como elles, acção irritante sobre as mucosas.

S. M.

**Estatistica dos medicamentos fornecidos pela botica do hospital de S. José ás enfermarias do mesmo hospital e annexos, no anno economico de 1878 a 1879.**

OFFERECIDO Á SOCIEDADE PELO SR. CARLOS AUGUSTO LOPES

(Continuado do n.º 7)

Medicamentos	Quantidades
<b>Leites</b>	
Leite de vacca .....	Kilogr. 7:682,544
<b>Limonadas</b>	
Limonada de citrato de magnesia .....	» 926,908
Limonada de cremor de tartaro.....	» 2:672,872
chlorhydrica .....	» 86,344
citrica .....	» 242,232
nitrica .....	» 391,024
Limonada de perchlorureto de ferro...	» 529,099
» sulphurica. ....	» 4:107,876
» de vinagre .....	» 1,376
» benzoica (*) .....	» 2,500
» de citrato de magnesia, dupla (*) .....	» 130,610
» de citrato de magnesia, sem xarope (*) .....	» 1,088

Medicamentos	Quantidades
<b>Oinoleos (vinhos medicinaes)</b>	
Oinoleo antiscorbutico, do Codex. ....	Kilog. 4,780
» aromático, do Codex .....	» 490,448
» aromático opiado, de Ricord..	» 0,660
» de sementes de colchico .....	» 0,160
» diuretico, do Hotel-Dieu.....	» 47,785
» de ferro.....	» 11,300
» de opio, composto .....	» 2,99477
» de quina composto .....	» 77,350
<b>Oleos</b>	
Oleo de amendoas doces.....	» 42,362
» de camomilla, camphorado .....	» 22,850
» de camomilla, composto.....	» 0,360
» de croton-tiglium.....	» 0,03223
» empyreumatico de trigo.....	» 0,510
» de figados de bacalhau, purificado	» 258,535
» fixo de meimandro negro.....	» 181,373
» de ricino .....	» 24,247
<b>Pastilhas</b>	
Pastilhas de santonina, de 4 centigr...	N.º 387
<b>Pilulas e granulos</b>	
Pilulas ferruginosas de Blaud.....	N.º 8:818
» de iodureto de ferro portuguezas, segundo Blancard.....	» 39:792
» de lactato de ferro, compostas.	» 12:006
» de sulphato duplo de ferro e quinina.....	» 4:955
» de valerianato de quinina.....	» 1:679
» d'acetato de chumbo, de Faugquier.....	» 534
» d'acetato de chumbo, compostas	» 266
» d'alumen, compostas.....	» 69
» de nitrato de prata.....	» 253
» de ratanhia, compostas.....	» 2:125
» de tannino .....	» 912
» d'aconita.....	» 37

Medicamentos	N.º	Quantidades
Pilulas de belladona.....	N.º	767
» d'estramonio.....	»	—
» de meimendro, compostas.....	»	—
» d'opio, n.º 1.....	»	4:285
» d'opio, n.º 2.....	»	1:791
» d'opio, compostas, n.º 1.....	»	22:554
» d'opio, compostas, n.º 2.....	»	14:865
» d'opio, compostas, n.º 3.....	»	2:474
» opiadas e camphoradas, de Ri- cord.....	»	1:602
» de acetato de morphina.....	»	912
» de Méglin.....	»	208
» de valerianato de zinco.....	»	62
» aloeticas.....	»	2:743
» hydragogas, de Bontius.....	»	36
» de jalapa, compostas.....	»	94
» de resina de jalapa, compostas	»	1:637
» de oleo de croton-tiglium.....	»	49
» de colchico.....	»	18
» de dedaleira, compostas, n.º 1.....	»	3:656
» de dedaleira, compostas, n.º 2.....	»	2:118
» de dedaleira, compostas, n.º 3.....	»	108
» de scilla, compostas, n.º 1.....	»	36
» de scilla, compostas, n.º 2.....	»	1:708
» de scilla, compostas, n.º 3.....	»	20
» de enxofre.....	»	413
» de iodureto d'enxofre, de De- vergie.....	»	51
» de arseniato de ferro, de Biett.....	»	353
» de arseniato de soda, de Biett.....	»	271
» de terebinthina, n.º 1.....	»	3:092
» de terebinthina, n.º 2.....	»	374
» de chlorureto de cal, compostas.....	»	—
» de estrychnina.....	»	1:569
» de calomelanos.....	»	284
» de calomelanos, compostas, n.º 1.....	»	166
» de calomelanos, compostas, n.º 2.....	»	96

(Continua)

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

RESUMO DO BALANÇO GERAL DA RECEITA E DESPEZA  
DO ANNO ECONOMICO DE 1883 A 1884

Receita	NSCRIPTIONS	METAL
Saldo em cofre em 1 de julho de 1884.	9:000\$000	642\$035
Quotas dos socios .....	- \$-	632\$400
Diplomas de 12 socios novos.....	- \$-	14\$400
Juros de inscrições .....	- \$-	270\$000
Analyses toxicologicas feitas no labora- torio chimico .....	- \$-	372\$000
Assignaturas do jornal .....	- \$-	7\$320
	9:000\$000	1:360\$155
Despeza		
Impressão do jornal .....	- \$-	128\$750
Analyses toxicologicas.....	- \$-	279\$000
Compra de livros para a bibliotheca e assignaturas de jornaes estrangeiros	- \$-	37\$150
Encadernações de livros para a biblio- theca.....	- \$-	7\$720
Renda da casa.....	- \$-	200\$000
Iluminação.....	- \$-	16\$145
Contribuição da renda da casa.....	- \$-	21\$190
Seguro de mobilia e utensilios.....	- \$-	6\$000
Ordenado do continuo.....	- \$-	180\$000
Gratificação do escripturario.....	- \$-	86\$400
Portes de jornaes e correspondencias..	- \$-	24\$905
Compra de livros e impressos e outras despezas de expediente.....	- \$-	52\$125
Compra de moveis e utensilios e conser- tos.....	- \$-	91\$185
Despezas extraordinarias.....	- \$-	75\$315
Ditas miudas.....	- \$-	25\$885
	- \$-	1:232\$370
Saldo para o anno economico seguinte	9:000\$000	127\$785
	9:000\$000	1:360\$155

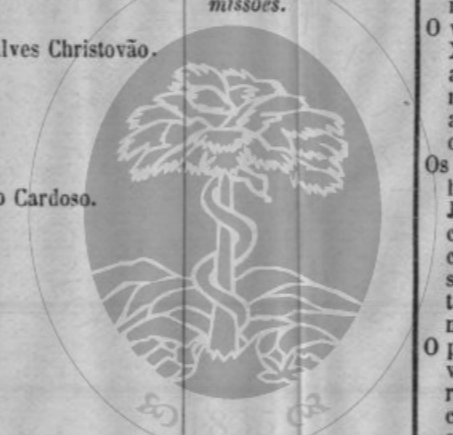
Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 30 de junho  
de 1885.—O 1.º Secretario, *Alfredo da Silva Machado*.—O Thesourei-  
ro, *José Pereira Rodrigues*.



QUADRO SYNOPTICO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE PHARMACEUTICALUSITANA NO 50.º ANNO DA SUA INSTITUIÇÃO

COORDENADO PELO 1.º SECRETARIO

Sessões litterarias		Comunicações scientificas		Propostas de interesse scientifico ou profissional, indicação de seus auctores, etc.			Questões propostas para ser submettidas ao congresso de Bruxellas, em resposta ao convite dirigido pela sociedade aos socios na circular de 19 de janeiro 1885			Parecerde commissões, indicação de seus relatores, etc.			Socios que tomaram parte nas discussões		Representações dirigidas aos poderes publicos		Analyses executadas	
Quando tiveram lugar	Tempo que duraram	Assumpto	Auctores	Objecto das propostas	Auctores	Destino que tiveram	Assumpto	Auctores	Observação	Resumo das clausões	Relatores	Resultado	Objecto das representações	A quem pertence a iniciativa	Toxicologicos, a requisição da procuradoria regia de Lisboa	De medicamentos, etc., pedidos por alguns socios		
26 de agosto	2 horas 1/2	Confirmação da existencia de <i>quinina</i> nos residuos dos infusos e dos cozimentos de quina; percentagem encontrada...	A. da Silva Machado	Sobre a conveniencia de se convidarem os socios ultrarinos a secundar a direcção do jardim botânico de Coimbra nos esforços que emprega para introduzir nas colonias a cultura de varias plantas de grande valor venal e therapeutico.....	A. da Silva Machado	Está affecta á commissão de historia natural.	Maneira de distinguir os extractos . . . . . Sobre a existencia de diversas classes de pharmaceuticos . . . . . Uniformidade nas habilitações pharmaceuticas nos diversos paizes. Que habilitações devem preceder a pratica de pharmacia . . . . . Meios de impedir a preparação e venda de remedios secretos por individuos não habilitados . . . . . Tabella ou regulamento dos preços, elaborado em harmonia com a pharmacoepa internacional . . . . . O problema das classes. Projecto de reforma pharmaceutica. Processo para que a reforma não importe o abandono da pharmacia e falta de pharmaceuticos nas terras pequenas e de pouca importancia relativa. Factores complementares, indispensaveis do levantamento da pharmacia. A pharmacoepa internacional.....	E. A. Macedo Ferraz. A. A. da Silva Pratas. P. F. da Cunha. A. Augusto Franco. J. Alves Christovão. João Cardoso.	A sociedade deliberou commetter todas estas questões ao estudo d'uma commissão especial, que apresentou o respectivo parecer em 26 de maio de 1885. Vide <i>Pareceres de commissões</i> .	As amostras de cardo rjadas pelo socio A. J. Pimentel para aciedade classificadas pertencem á fana das <i>Synanthreas</i> ou <i>compostas</i> e tribu das <i>Cynareas</i> ou <i>Cynaracophis</i> . O exemplar A é o <i>Cnicus benedictus</i> Cardo Santo, ou <i>Centaurea benedicta</i> . O exemplar B é o <i>Kentrophyllum lanata</i> D—C. <i>Corthamus lanatus</i> L., on o rdo bento dos parisienses. . . . . O vinho de peptones eriado pelo socio E. Xavier Rodrigues difre bastante do que a commissão obteve e proveniencia conhecida e insuspeit apresentando-se aquelle em estado de lteração que torna o seu uso impossivel. . . . . Os pós contidos nos qiro pequenos embrulhos enviados á sociedade pelo socio J. A. Ferreira Chaves para verificar se contem alguma substancia toxica, são constituídos por duas qualidades de asucar <i>pidé</i> e branco—ão contendo substancia alguma toxicamneral ou organica. . . . . O pó contido n'um pequeno embrulho enviado á sociedade plo socio J. A. Ferreira Chaves para analysar, por lha parecer <i>arsenico branco, sulfato de cal</i> , sem addição de acido arsenioso, ou de qual quer outro toxico de origem mineral. . . . . Alguns dos quesitos enviados á sociedade (com destino ao Congresso de Bruxellas) além do muito bem elaborados, estão previstos no programma do congresso; que os outros, com quanto muito apreciaveis, tratam d'assumpto diverso: — é de parecer que nada se adiantaria com a sua remessa para Bruxellas. . . . . E conveniente não especificar as questões para premio, affim de haver liberdade na escolha do assumpto a tratar. Que seja conferido o diploma de socio benemerito acompanhado d'um <i>tonus</i> de 50,000 rs. ao pharmaceutico portuguez que apresentar uma memoria sobre questão de pharmacia, ou sobre assumpto de interesse profissional, resolvendo cabalmente a questão escolhida. . . . .	J. M. Jara. . . . . Dr. J. J. Alves. . . . . Dr. J. J. Alves. . . . . A. A. da Silva Pratas. José Tedeschi . . . . .	Discutido e approvedo. Discutido e approvedo. Discutido e approvedo. Discutido e approvedo. Discutida e approveda a criação do premio, mas que seja denominado — Premio José Dyonisio Corrêa, fundado no 50.º anno da instituição da sociedade— e que seja conferido a qualquer individuo que satisfaça as condições do programma.	A. A. Ascenção. A. A. da Silva Pratas. A. da Costa Veiga. A. M. Augusto Mendes. A. da Silva Machado. A. Simões de Abreu. Emilio Fragoso. Estanislau da Silva. Francisco de Carvalho. Francisco J. Rosa. H. Jorge de Lima. J. J. de Sousa Telles. J. B. Coelho de Jesus. J. Dyonisio Corrêa. J. J. Alves (Dr.) J. Mendes d'Assumpção. J. Mendes Jara. J. Pereira Rodrigues. José Tedeschi. Pedro F. da Cunha. S. Marques Couceiro.	A. da Silva Machado. F. J. Rosa. Dr. J. J. Alves.	1 de visceras (Nada). 1 de uma porção de caldo (Nada). 1 de visceras, 11 substancias diversas e varias peças de roupa (Arsenico). 1 de um bôlo (Bi-oxydo de mercurio). 1 de umas pilulas (Nada). 1 de uma porção de pão (Vidro em pó). 1 de varios medicamentos (Nada). 1 de um utero (Nada). 1 de visceras (Nada). 1 de um liquido (Nada). 10	1 de uma amostra de vinho de peptonas, por se suspeitar que vem do estrangeiro falsificado. Vide <i>Pareceres de commissões</i> . 1 de quatro amostras de pós, por se suspeitar que contem substancias toxicas. Vide <i>Pareceres de commissões</i> . 1 de uma amostra de pó, por se suspeitar ser <i>arsenico branco</i> . Vide <i>Pareceres de commissões</i> .		
9 de setembro	2 "																	
30 "	3 "	Processo para se obter o <i>salicilato de chumbo crystallizado</i> ; desenvolvidas considerações sobre a composição e propriedades d'este sal . . . . .	A. da Costa Veiga.	Para a sociedade estudar um oleo (de que foi presente uma amostra) que é muito usado no Algarve, como succedaneo do oleo de figado de bacalhau. . . . .	J. M. Jara. . . . .	Enviada á commissão de historia natural para consultar sobre a proveniencia, extração e virtudes therapeuticas do oleo.												
14 de outubro	3 "	Noticia acerca da <i>gomma mumbaffo</i> (especie de resina extrahida da arvore do mesmo nome, da Africa occidental), no estado bruto, e depois de trata da pelo alcool concentrado e ebuliente . . . . .	A. da Silva Machado	Para a sociedade estudar um oleo (de que foi presente uma amostra) que é muito usado no Algarve, como succedaneo do oleo de figado de bacalhau. . . . .	J. M. Jara. . . . .	Enviada á commissão de historia natural para consultar sobre a proveniencia, extração e virtudes therapeuticas do oleo.												
28 "	4 "																	
11 de novembro	3 "																	
25 "	3 "																	
9 de dezembro	1/2																	
30 "	4 "																	
13 de janeiro	3 "																	
27 "	2 1/2																	
10 de fevereiro	3 "																	
10 de março	3 "																	
31 "	3 "																	
14 de abril	2 "																	
28 "	2 "																	
12 de maio	2 "																	
26 "	2 "																	
9 de junho	2 "																	
30 "	2 1/2																	
14 de julho	2 "																	
18 "	3 "																	
N.º de sessões realizadas: 22	Media da duração: 2 horas e 35'																	



# QUADRO SYNOPSIS



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

## PEÇAS OFFICIAES

## Extracto das actas

SESSAO DE 11 DE AGOSTO—Presidencia do sr. SILVA MACHADO  
1.º secretario

Foi aberta a sessão as oito horas e meia da noute.

A convite do sr. presidente, serviu de 1.º secretario o sr. Coelho de Jesus.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

A correspondencia teve o devido destino.

## ORDEM DA NOITE

## Eleições para os diferentes cargos

Procedeu-se ao escrutinio com as formalidades do estylo e saíram eleitos:

*Presidente*, Commendador José Tedeschi;

1.º *Vice-presidente*, José Ribeiro Guimarães Drack;

2.º *Vice-presidente*, Manuel Vicente de Jesus;

1.º *Secretario*, Alfredo da Silva Machado.

A eleição de segundo secretario ficou empatada, tendo obtido igual numero de votos (14) os srs. Francisco José Malato e Francisco de Carvalho. Para os cargos de 1.º e 2.º vice secretario nenhum socio alcançou maioria.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem da noute da sessão seguinte a continuação das eleições. — O 2.º vice-secretario, *Antonio Augusto d'Ascenção*.

SESSÃO DE 25 DE AGOSTO—Presidencia do Sr. DRACK, 1.º vice-presidente

Abriu-se a sessão ás oito horas e meia da noute.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

A correspondencia teve o devido destino.

Foram apresentadas varias propostas para socios.

O sr. *Rosa* deu conhecimento de haverem sidos nomeados para os logares de analysta e ajudante do laboratorio

municipal os srs. Holtreman do Rego e Gomes de Mattos, e para inspector chimico o sr. Ferreira de Almeida, mostrando congratular-se com taes nomeações.

Manifestou desejo de a sociedade mostrar satisfação pelo proximo regresso dos exploradores Capello e Ivens.

#### ORDEM DA NOITE

##### Continuação das eleições

A mesa lembrou a conveniencia, para adiantar os trabalhos, de se fazer simultaneamente duas eleições, o que foi approvedo pela assembléa, depois de pequena discussão em que tomaram parte os srs. Coelho, Fragoso e Machado.

Em seguida procedeu-se á eleição de 2.º secretario e vices e á de thesoureiro, bibliothecario e respectivos vices.

Corrido o escrutinio, verificou-se que tinham entrado na urna, que continha as listas para secretarios, numero equal de votos ao dos socios votantes, e em harmonia com as descargas.

Procedendo-se á leitura das listas, appareceu logo no começo, uma que continha na parte superior a designação — *Para thesoureiro e bibliothecario* — ao que a mesa observou que tal lista tinha sido provavelmente lançada por engano na urna que não lhe correspondia, visto fazerem-se as eleições de secretarios e thesoureiro simultaneamente; que devia pois ser posta de parte para ser lida quando se procedesse á verificação dos votos contidos na outra urna, e se n'esta estivesse a outra lista com a designação — *Para secretarios* — contar-se-ia tambem o voto, no que a assembléa concordou.

Continuando-se regularmente com os trabalhos sem que da parte de qualquer socio houvesse reclamação e lida a ultima lista e verificados os numeros de votos, viu-se que os srs. Carvalho e Malato tinham obtido cada um 31 votos para 2.º secretario, e que os srs. Fragoso e Albino d'Andrade tinham ficado eleitos por maioria absoluta, o primeiro para 1.º vice-secretario e o segundo para 2.º vice-secretario.

Aberta a urna que continha as listas para thesoureiro, bibliothecario e respectivos vices, foi encontrada uma que continha a designação — *Para secretarios* — ; lidos os nomes, a mesa descarregou mais um voto ao sr. Malato para 2.º secretario, ao sr. Fragoso para 1.º vice-secretario e ao sr. Albino de Andrade para 2.º vice-secretario, o que deu maioria d'um voto ao sr. Malato, que foi proclamado 2.º secretario. Nesta occasião alguns socios levantaram um pequeno tumulto, querendo impedir que a mesa continuasse regularmente com os trabalhos, allegando que não devia ser admittida a lista, apesar de ter na parte superior a designação — *Para secretarios* — o que demonstrava as intenções do votante.

Os srs. Coelho de Jesus, Jesus Pires e Carvalho e outros socios queriam que a mesa reconsiderasse e consultasse de novo a assembléa, e os srs. dr. Alves, Fragoso e Machado e outros mostraram a legalidade do acto da mesa, que estava em harmonia com as praxes seguidas no parlamento, onde a presidencia, quando acontece caso identico, procede da mesma fórma, admittindo a lista sem consultar os eleitos do povo, por ser da exclusiva competencia das mesas eleitoraes a resolução de taes questões. O sr. presidente declarou em resposta aos srs. Pires, Carvalho, etc., que não tinha de consultar a assembléa, que aos socios assistia o direito de protestar por escripto contra as resoluções da mesa que foi unanime no modo de proceder, e que lhe cumpria tambem acrescentar que no começo dos trabalhos e ao apparecer a lista de bibliothecario e thesoureiro na urna que continha as listas de secretarios logo a mesa manifestou a opinião de que tal lista devia ser admittida e o mesmo procedimento deveria haver para com a outra, caso lá estivesse, sem que fosse apresentada qualquer reclamação, antes fôra sancionada a resolução da mesa com o silencio mais absoluto e que só depois de alguns socios saberem que tal lista ia dar maioria ao socio Malato é que se lembraram de querer impedir que a mesa continuasse regularmente com os trabalhos.

N'esta occasião, e no meio de grande vozeria retiraram-se da sala os socios que a todo o transe queriam a reconsideração da mesa.

Proseguindo o acto eleitoral foram eleitos membros da commissão de chimica os srs. dr. Alves, Drack, Silva Machado e Emilio Fragoso, obtendo cada um 35 votos.

O sr. *Mendes d'Assumpção* propoz que, a exemplo da praxe ha muito seguida na sociedade, e para não ficar mais uma vez adiado o trabalho das eleições, a mesa fosse encarregada de nomear os individuos que haviam de compôr as commissões permanentes. — Consultada a assembléa foi approvedo unanimemente.

O sr. *Rosa* declarou que tinha duvidas sobre a legalidade dos actos da assembléa por lhe parecer que a mesa não estava constituída legalmente.

O sr. *presidente* declarou que a mesa estava legal e em harmonia com os estatutos.

Encerrou-se a sessão eram doze horas da noute. — O 2.º vice-secretario, *Antonio Augusto de Ascensão*.



### CHIMICA

#### **Pesquisa dos chloretos em presença dos brometos e dos iodetos. Methodo especialmente applicavel á pesquisa dos chloretos no brometo e no iodeto potassico.**

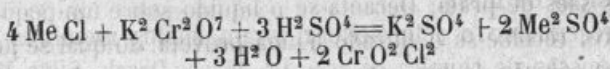
POR M. L. L. KONINCK, PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE LIÈGE

O methodo mais geralmente adoptado para a pesquisa dos chloretos, em presença dos brometos e dos iodetos, consiste em obter o chloreto de chromila pela acção do dichromato potassico e do acido sulfurico ou disulfurico (acido sulfurico fumante) sobre os chloretos.

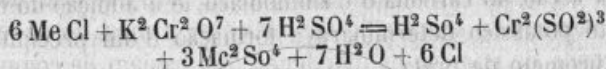
Este processo deixa muito a desejar sobre muitos pontos:

1.º Quando se trata uma mistura de chloreto e de di-

chromato pelo acido sulfurico, a reacção não se effectua sempre segundo a seguinte formula:



mas acontece frequentemente que a reacção se produz parcialmente ou mesmo totalmente como se segue:



2.º Quando a mistura contem iodetos, o processo complica-se pela expulsão do iodo, pela fusão previa com um excesso do dichromato.

3.º Quando se procede com uma mistura de saes de prata (é o caso mais frequente) as operações tornam-se longas; é necessario transformar os saes de prata em saes de zinco ou de cadmio pela reduccion por meio de zinco ou do cadmio <sup>1</sup>, e estes em saes alcalinos pelo carbonato sodico, em fim, é necessario obter estes ultimos em estado secco pela evaporação.

O processo seguinte usado com bom resultado durante quatro annos nos laboratorios, que Konnick dirige, principalmente no instituto pharmaceutico, é, pelo contrario, simples, rapido e seguro. É como se segue: A solução contendo chloretos, brometos e iodetos é tratada nas condições ordinarias pelo nitrato de prata em ligeiro excesso. O precipitado é recolhido n'um filtro e lavado cuidadosamente até que todos os vestigios do sal de prata solúvel tenham desaparecido, isto é, até que as aguas de lavagem, ensaiadas n'uma proveta, não apresentem a menor turvação tratadas pela solução do brometo de potassio.

O precipitado de prata é então posto a digirir durante alguns minutos a frio, com uma solução de sesquicarbonato

<sup>1</sup> O cadmio é geralmente preferivel ao zinco pelas reduções no meio de soluções acidas (cobre, estanho, antimónio), em vista da sua menor solubilidade nos acidos diluidos.

d'ammoniaco muito concentrada (10 a 15) cujo volume representa approximadamente 4 a 5 vezes o volume apparente dos saes de prata. Decanta-se o liquido sobre um pequeno filtro, recolhe-se o filtrado n'uma proveta, ao qual se junta uma soluçãõ de brometo potassico.

Se a materia primitiva continha chloreto, o chloreto de prata resultante dissolver-se-hia, pelo menos parcialmente, pela acçãõ do carbonato d'ammoniaco, e a addiçãõ do brometo potassico determinarã a formaçãõ d'um precipitado de brometo de prata.

Esta reacçãõ é tanto mais sensivel, que, visto a pequena quantidade de carbonato d'ammoniaco empregada, a soluçãõ de chloreto é, por assim dizer, tão concentrada quanto possivel.

Se empregarmos, para reconhecer o chloreto de prata dissolvido, uma soluçãõ de brometo alcalino em lugar d'acido nitrico ou d'uma soluçãõ d'iodeto, evitamos que passe na soluçãõ alguns vestigios de brometo, que originaria erros.

Operando segundo o processo indicado, do brometo potassico puro,<sup>1</sup> obtem-se todavia uma ligeira turvaçãõ pela addiçãõ do brometo de potassio á soluçãõ ammoniacal, mas isto não apresenta inconvenientes porque qualquer vestigio apreciavel de chloreto basta para dar, nas condições da experiencia, um *precipitado manifesto*.

Esta turvaçãõ ligeira, que tem apparecido em todos os ensaios, não é devida, como se poderia julgar, a impuresas do brometo de potassio empregado; este preparado, como foi dito na nota, foi ainda submettido a *crystallisações repetidas*.

O que prova, de resto, que o phenomeno é inherente ao brometo de prata é:

<sup>1</sup> O brometo, que serviu aos ensaios de M. Konnick, foi preparado saturado acido bromhydrico pelo bi carbonato potassico exempto de chloretos. Este acido obteve-se pela decomposiçãõ do brometo de prata pelo acido sulphydico, preparado pelo sulfureto ferroso e acido sulfurico. Emfim, o brometo de prata foi obtido exempto de chloretos tratando uma soluçãõ mixta de brometo potassico e de carbonato d'ammoniaco por uma quantidade de nitrato de prata insufficiente para precipitar completamente o brometo dissolvido.



1.º Que a substituição do brometo potássico, para a precipitação final, por outros brometos e mesmo por vapores de bromio, produz o mesmo resultado.

2.º Que uma quantidade de brometo de prata recolhida n'um tubo filtro e tratado successivamente por 20 porções eguaes (10<sup>cc</sup>) d'uma solução de carbonato d'ammoniaco, dá logar cada vez a uma turvação identica pela addição do brometo potássico do filtrado.

Para applicar o processo de pesquisa dos chloretos n'uma mistura contendo iodatos, basta, depois de ter recolhido e lavado o precipitado de prata, tratá-lo pelo acido sulfuroso; este reduz o iodato de prata ao estado de iodeto e impede d'este modo que prejudique o resultado.

A presença de cyanetos origina igualmente complicações no processo: o precipitado de prata deve ser aquecido até á decomposição completa do cyaneto; o residuo reduzido pelo zinco ou pelo cadmio em presença do acido sulfurico diluido, fornece uma solução que não contem senão chloreto, brometo e iodeto, na qual se precipita este novamente pelo nitrato de prata.

Os sulfuretos não prejudicam a applicação do processo.

(J. de ph. d'Anvers)

## HISTORIA NATURAL

### BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 70)

#### FRANGULACEAE

##### Celastrineae. R. Br.

*Evonymus europaeus*. L.

Não nos consta que esta planta habite no nosso p.

Nona serie—Anno de 1885.

29

apenas a temos visto cultivada; porém Texidor y Cos na sua Flora pharmaceutica de Hespanha e Portugal diz que cresce em quasi toda a Peninsula? Willkomm e Lange no seu Prodrômus Florae Hispanicae são de opinião contraria.

Flor. em maio e junho.

P. u. as folhas, casca e fructos.

Emp. as folhas são acres, emeticas e purgativas; o cozimento feito tanto da casca como das folhas é deterativo e usa-se para lavar as ulceras: os fructos são purgativos e diureticos. Pouco usado.

**Ulcineae. Brong.**

*Ilex aquifolium. L.*

Azevinho.

Hab. na matta do Bussaco, nas serras da Estrella e do Gerez e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas, casca e fructos.

Emp. as folhas como diaphoreticas, febrifugas e estimulantes, a casca <sup>1</sup> em cozimento para lavar as ulceras, e os fructos como diureticos, purgativos e emeticos na dose de 10 a 12. Pouco usado.

**Rhamneae. R. Br.**

*Zizyphus vulgaris. Lam.*

(*Z. Jujuba. Mill.*; *Z. rutilus. Clus.*; *Rhamnus Zizyphus. L.*) Jujuba, Açufeifa maior, Anafega maior, Maceira da anafega maior.

Planta originaria do Levante. Em Portugal, segundo Brotero, cultiva-se no Algarve, mas já a temos visto cultivar em outros pontos do reino.

Flor. no estio.

P. u. as drupas <sup>2</sup>.

Emp. como emollientes e bechicas.

*Zizyphus Lotus. Lam.*

<sup>1</sup> A casca deverá ser privada da epiderme.

<sup>2</sup> Vulgarmente chamadas *Jujubas*.

(*Rhamnus Lotus*. L.)

Açufeifa menor, Anafega menor.

Hab. segundo Willkomm e Lange a parte austral do nosso paiz. Brotero diz que se cultiva nas hortas ao pé de Lisboa, em toda a Extremadura e Beira.

Flor. no estio.

P. u. as drupas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

*Rhamnus Frangula*. L.

(*R. Sanguino*. Ort.; *R. sanguineus*. W. teste. Plan.; *Frangula vulgaris*. Rchb.)

Frangula, Sanguinho da agua ou Amieiro negro.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Louzã, Semide, Porto e em muitos outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. em junho e julho.

P. u. a casca dos ramos<sup>1</sup> e bagas.

Emp. como purgativo.

*Rhamnus alaternus*. L.

Aderno bastardo ou Sanguinho das seves.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Leiria e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringente e detersivo. Pouco usado.

*Rhamnus lycioides*. L.

Hab. nas visinhanças de Lisboa, Caparica, Villa Franca de Xira e em outros pontos da Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

<sup>1</sup> Deve ser colhida dos ramos e ramusculos. Nunca se empregue antes de decorrido um anno depois da colheita.

## TRICOCCAE.

*Empetrene. Nuttall.**Corema album.* Don.(C. febrifugum. Boiss.; *Empetrum album.* L.)

Camarinheira.

Hab. na nossa costa maritima entre Caparica e Aveiro, com pequenas excepções.

Flor. em março e abril.

P. u. os fructos.

Emp. como temperantes. Pouco usada.

## Euphorbiaceae. R. Br.

*Euphorbia lathyris.* L.

Tartago, Catapucia menor.

Cultiva-se em alguns jardins pharmaceuticos, e na Extremadura encontra-se quasi espontanea proximo das povoações. (Brot.)

Flor. em maio e junho.

P. u. a casca da raiz e as sementes.

Emp. a casca da raiz reduzida a pó como rubefaciente e vesicante, outr'ora tambem se usou como purgante drastico. O oleoleo das sementes pode substituir o oleo de croton.

*Euphorbia peplus.* L.

Esula redonda.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em Lisboa, Castello de Vide, Faro e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. toda a planta.

Emp. como purgaliva. Pouco usada.

*Mercurialis annua.* L.<sup>1</sup>

Mercurial. Ortiga morta.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, Lisboa, Porto e em muitos outros pontos do paiz.

<sup>1</sup> Variedades:  $\alpha$ . genuina. J. Müll.;  $\beta$ . ambigua. J. Müll. (M. ambigua. L. fil.)

Flor. desde a primavera até ao fim do outomno.

P. u. toda a planta <sup>1</sup>.

Emp. como purgativa.

*Mercurialis perennis*. L. <sup>2</sup>

Hab. nas visinhanças de Coimbra proximo à calçada do Gatto, Bussaco, Cintra, etc.

Flor. de março a maio.

P. u. toda a planta.

Emp. como um emetico poderoso, mas é preciso ter a maxima cautela com a sua applicação, pois é muito venenosa. Pouco usado.

*Ricinus communis*. L.

Ricino, Mammoma, Carrapateiro.

Planta originaria da India, Conchinchina, America tropical e de Cabo Verde, muito cultivada e quasi espontanea em alguns pontos do paiz.

Flor. desde a primavera até ao outomno.

P. u. as folhas e sementes.

Emp. as folhas como emollientes; das sementes extrahe-se o oleo de ricino, que é um dos purgantes mais usados e que gosa tambem de propriedades vermifugas.

*Buxus sempervirens*. L.

Buxo ordinario.

Hab. pelos ribeiros entre Figueiró dos Vinhos e Thomar (Brot.), e cultiva-se em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. a casca da raiz, a raiz, o lenho e as folhas. A primeira d'estas substancias é a que mais se emprega em pharmacia.

Emp. no rheumatismo, na syphilis constitucional e na febre intermittente <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Faça a colheita antes de começada a floração.

(Pharmacopœa Portuguesa, 1876.)

<sup>2</sup> Variedade  $\beta$ . *brachyphylla*. Wk.

<sup>3</sup> A casca do buxo substitue ás vezes o lupulo na fabricação da cerveja.

## TEREBINTHINEAE

## Juglandaceae. D. C.

*Juglans regia*. L.

Nogueira.

Planta originaria da Persia e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas e a casca exterior do fructo.

Emp. internamente contra as escrophulas e rachitismo, externamente contra a leucorrhœa e fistulas<sup>1</sup>.

## Anacardiaceae. Lindl.

*Pistacea lentiscus*. L.

Lentisco verdadeiro, Aroeira.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Leiria, Lisboa e em muitos outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira, Extremadura, Alemtejo e Algarve.

Flor. em abril e maio.

P. u. as drupas<sup>2</sup> e folhas.Emp. como estimulantes e adstringentes<sup>3</sup>.*Pistacea terebinthus*. L.

Terebintho ou Cornalheira de Trás-os-Montes.

Hab. nos montes Cabrises proximo a Coimbra e em muitos pontos da nossa provincia de Trás-os-Montes, taes como proximo da Torre de Moncorvo nas margens do Sabor, na serra da Navalheira, junto do Mosteiro das Penduradas, proximidades de Bragança, etc.

Flor. em abril e maio.

P. u. uma substancia myreoleo-resinosa obtida, por inci-

<sup>1</sup> Dos fructos (nozes) extrahê-se um oleo seccativo, a que se dá o nome de *leo de nozes*. A infusão das membranas internas que dividem os fructos é um poderoso medicamento contra as dores de colica.

<sup>2</sup> Vulgarmente chamadas *bagas*, que deverão ser colhidas antes da completa maturação.

<sup>3</sup> Por incisões feitas no tronco da *Pistacia lentiscus*. L. var. *Chia*. Dubam (P. Chia. Desfont) obtem-se uma resina que se chama *Mastica* ou *Almecega da India*. Esta planta é originaria do archipelago grego. Do nosso lentisco ambem se pôde extrahir a *mastica*, mas é de qualidade muito mais inferior. melhor epocha para fazer as incisões é nos mezes de agosto e setembro

sões feitas no tronco, a que se chama *Terebinthina de Chio* ou *Terebenoleo do Terebintho*.

Emp. tem as mesmas propriedades do que as outras terebenthinas obtidas de algumas coníferas.

*Rhus coriaria*. L.

Sumagre dos cortidores.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, na Cerca de S. Bento, na serra de Monchique e nos arredores de Lamego. Encontra-se tambem cultivado em muitos pontos do paiz.

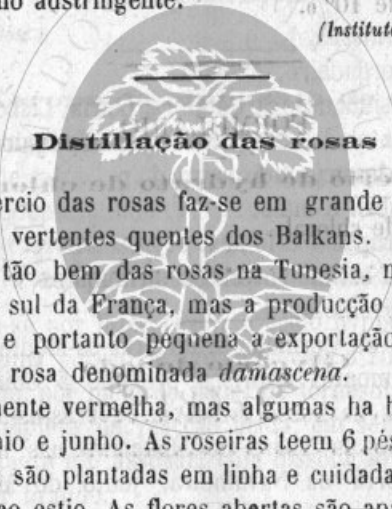
Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringente.

(Contiuua)

(Instituto de Coimbra)



### Distillação das rosas

O commercio das rosas faz-se em grande escala na Romelia e nas vertentes quentes dos Balkans.

Trata-se tão bem das rosas na Tunesia, nas Indias, na Persia e no sul da França, mas a producção d'estes paizes é limitada e portanto pequena a exportação. Na Romelia distilla-se a rosa denominada *dãmascena*.

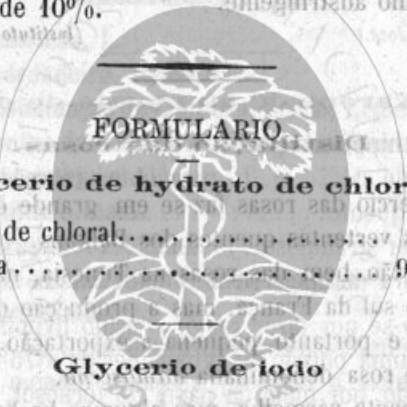
È geralmente vermelha, mas algumas ha brancas; florecem em maio e junho. As roseiras tem 6 pés d'altura proximamente; são plantadas em linha e cuidadas desde o outomno até ao estio. As flores abertas são apanhadas antes do nascer do sol, com o calice, ou sem elle. A quantidade de rosas apanhadas jámais excede a que póde ser distillada no proprio dia da apanha. O alambique é um simples apparelho d'estanho com um longo tubo curvo, o qual passa em segundo tubo cheio d'agua até ir dar a um grande recipiente em fórmula de garrafa. E' collocado sobre um pequeno estrado de terra, geralmente á sombra d'alguma arvore e á borda d'algum regato. Tem capacidade para 25 a 50 libras de rosas, sobre as quaes se lança duas vezes o seu peso de agua, e faz-se ferver durante uma meia hora. O producto

da distillação compõe-se de essencia e agua de rosas, que se vendem em Constantinopla.

Uma roseira está em pleno vigor e vegetação ao quarto anno. Um acre de terreno plantado de roseiras d'esta idade produz 1000 a 2000 kil. de flores. A colheita depende muito da primavera, porque as chuvas e os gelos affectam a floração.

Cada agricultor distilla as suas rosas e a média da produção da essencia na Romelia está calculada em 4000 libras, não entrando em linha de conta as falsificações produzidas com o geraneo, e nas quaes a verdadeira essencia não figura a mais de 10<sup>o</sup>o.

(La Nature)



### FORMULARIO

#### Glycerio de hydrato de chloral

Hydrato de chloral.....	3 gr.
Glycerina.....	95
Dissolva.	

#### Glycerio de iodo

Iodo.....	0 gr. 3
Glycerina.....	50 gr.
Dissolva.	

#### Dimonada benzoica

Acido benzoico.....	0 gr. 6
Assucar granuloso.....	20 gr.
Agua distillada.....	280 gr.
Dissolva, filtre.	

#### Oleo de croton, diluido

Oleo de croton.....	0 gr. 05
Oleo de amendoas.....	10 gr.
Misture.	

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Associação Farmacêutica



**Pasta de pevides de abobora**

Sementes de cucurbita, em pó.....	80 gr.
Assucar granuloso.....	20 gr.
F. s. a.	

**Poção benzoica**

Acido benzoico.....	2 gr.
Phosphato de soda.....	40 gr.
Agua distillada.....	78 gr.
Xarope commum.....	40 gr.
F. s. a.	

*(F. H. S. José.)***Xarope de hippurato de cal**

Acido hippurico puro.....	1 gr.
Leite de cal... q. b. para obter reacção alcalina	
Agua quente.....	20 cent.
Assucar granuloso.....	24 gr.
Tinctura de epicarpo de limão.....	gr.0,15

Principia-se por fazer reagir o acido hippurico e o leite de cal em uma porção de agua aquecida a 75-80°, agitando e verificando, por meio de papel de tornesol, o desaparecimento completo da reacção acida; em seguida ajunta-se a agua restante e o assucar, cuja dissolução se deve effectuar a calor brando.

*(Repert. de pharm.)*

S. M.

**NECROLOGIA****HERMANN VON FEHLING**

Este sabio, cujo nome é conhecido de todos os chimicos do universo, falleceu no dia 2 de julho d'este anno, em Stuttgart, com 73 annos de idade.

H. von Fehling nasceu em Lubeck, encetou a profissão medica, mas abandonou-a logo e dedicou-se á pharmacia. Um pouco depois, cedendo aos conselhos de Gmelin, resolveu consagrar-se á chimica.

Depois de ter frequentado o laboratorio de Liebig, em Giessen, foi para Paris e trabalhou no laboratorio de Dumas. Em 1839 foi nomeado professor de chimica da escola polytechnica de Stuttgart, em cuja situação se conservou até fallecer.

As suas publicações convergiram principalmente sobre chimica analytica e chimica organica.

Analysou a maior parte das aguas mineraes de Wurtemberg. O uso que elle fez da reacção de Trommer, para o doseamento das substancias saccharinas, é geralmente conhecido. Fehling escreveu numerosas obras. Traduziu em allemão a *Chimica industrial* de Payen. Depois de ter colaborado activamente, desde 1850, no *Diccionario de chimica theorica e applicada* de Liebig e Poggendorff, terminou esta obra em 1864. Em 1874 principiou a publicação d'um novo *Diccionario de chimica*, obra importante que havia chegado á letra O, quando a morte o prostrou. Redigiu, simultaneamente, o quinto volume do *Tratado de chimica* de Graham-Otto, um dos mais vulgarizados na Allemanha.

M.

---

## VARIÉDADES

---

**A reforma do ensino pharmaceutico** (Continuado do n.º 8, pag. 160).—Chamamos especialmente a attenção dos legisladores para a dotação do dispensatorio pharmaceutico. Sem se apparelhar este laboratorio conforme aos dictames da sciencia e ás necessidades do ensino, tanto doutrinal como technico, a reforma seria illusoria. Dissemol-o para os serviços da faculdade de medicina, e repetimol-o agora com equal a proposito e opportunidade. Instituir entre nós uma faculdade de pharmacia, não é um producto de nossa phantasia, antes corresponde não só ás necessidades, que, como mostramos, o ensino instantemente pede, mas tambem ao que se observa nos paizes civilisados. A Allemanha tem os seus doutores pharmaceuticos, bem como a França; a Inglaterra, no meio da diversidade dos seus corpos docen-

tes, conta escolas de pharmacia, perfeitamente ao nivel das suas escolas medicas e chirurgicas, chegando até a ponto de confundir ás vezes as profissões de medico e pharmaceutico. Na visinha Hespanha existem actualmente quatro faculdades de pharmacia, annexas as faculdades de medicina. Emfim, por toda a parte o ensino da pharmacia apresenta-se sob uma fôrma digna, que contrasta abruptamente com a nossa miseria presente.

É preciso que o publico e os governos se convençam de que a pharmacia é uma sciencia technica, que exige um ensino regular; e que ser pharmaceutico não é uma profissão subalterna que sirva apenas para socorrer os ineptos e os ignorantes.

A pharmacia é uma sciencia, cujo ensino reclama, como qualquer outra, laboratorios devidamente installados e fornecidos de material, corpos docentes, instruidos com serias habilitações e funcionando com regularidade; e da parte dos alumnos a preparação completa das disciplinas proprias, que se ensinam nos lyceus; a profissão pharmaceutica é nobilissima, e é digno de aspirar a ella só aquelle que se compenetrar verdadeiramente dos deveres e obrigações scientificas, technicas, moraes e sociaes, que lhe impõe tão grande missão.»

Estamos convencidos de que as considerações que acabamos de transcrever, e que partiram de uma corporação tão auctorizada e distincta, como é a da faculdade de medicina, hão de contribuir para radicar no animo do governo a idéa de que não pôde ser adiada por mais tempo a reforma de pharmacia.

Não devemos terminar este artigo, sem agradecer aos auctores do relatorio a justiça que fazem á classe pharmaceutica, com o que muito nos penhoraram e consideraram.

(Continua)

F. DE CARVALHO.

**Emenda.**—O *resumo do balanço geral da receita e despesa da sociedade*, que se encontra a pag. 204 d'este tomo, refere-se ao anno economico findo em 30 de junho de 1883

e não ao de 1883 a 1884 que vem ali indicado, por erro typographico.

**Estatística dos medicamentos fornecidos pela botica do hospital de S. José ás enfermarias do mesmo hospital e annexos, no anno economico de 1878 a 1879.**

OFFERECIDO Á SOCIEDADE PELO SR. CARLOS AUGUSTO LOPES

(Continuado do n.º 10)

Medicamentos	Quantidades
Pilulas de calomelanos, compostas, n.º 3. ....	N.º —
» de proto-iodureto de mercurio. ....	» 6:315
» de deuto-iodureto iodurado de mercurio, de Gibert. ....	» 660
» d'aloës e myrrha, Ph. P. (*) ..	» 40
» anti-cibum, do Codex (*) .....	» 24
» anti-cephalgicas (*) .....	» 40
Granulos de digitalina, de Homole. ....	» 3:167
» de valerianato d'atropina. ....	» 447
<b>Pós</b>	
Acetato de morphina. ....	Kilogr. 0,00229
Amido em pó .....	» 132,020
Assucar camphorado. ....	» 20,710
Camphora em pó.....	» 17,610
Carvão de sobro em pó fino.....	» 0,210
Lycopodio. ....	» —
Murta em pó fino .....	» 1,310
Quina em pó fino .....	» 0,550
Pós antisepticos, n.º 1. ....	» 1,962
Pós antisepticos, n.º 2.....	» 2,020
Carbonato de ferro.....	» 0,072
Lactato de ferro.....	» 0,06725
Sulphato de quina. ....	» 7,40095
Tannino .....	» 2,0777
Carbonato d'ammonia .....	» 0,0319
Nitro purificado em pó (papeis de 30 centigr.). ....	» 0,4765
Nitro purificado em pó (papeis de 2 grammas).....	» 0,680

Medicamentos	Quantidades
Pós de cremor de tartaro boratado . . .	Papeis 420
Pós de cremor de tartaro, compostos, n.º 1. . . . .	» 463
» de cremor de tartaro, compostos, n.º 2. . . . .	» 451
Carbonato de lithia . . . . .	» 42
Bi-carbonato de soda . . . . .	» 2:637
Pós de soda. . . . .	» 1:012
Subnitrato de bismutho . . . . .	» 21:343
Pós de subnitrato de bismutho, com- postos, n.º 1. . . . .	» 426
Pós de subnitrato de bismutho, com- postos, n.º 2. . . . .	» 845
Pepsina acidificada . . . . .	» 196
Carvão de Belloc. . . . .	» 1:348
Kermes mineral. . . . .	» 7:818
Pós de James . . . . .	» 15:668
Ipecacuanha em pó fino (papeis de 25 milligr.) . . . . .	» 406
» em pó fino (papeis de 30 centigr.) . . . . .	» 429
Pós d'ipecacuanha, compostos, n.º 1. . .	» 316
» d'ipecacuanha, compostos, n.º 2. . .	» 42
» de calomelanos, n.º 1. . . . .	» 479
» de calomelanos, n.º 2. . . . .	» 236
Magnesia calcinada . . . . .	Kilog. 4,066
Pós de rhuibarbo, compostos . . . . .	Papeis 44
Cravagem de centeio em pó . . . . .	» 447
Cubelas em pó fino . . . . .	Kilog. 32,119
Sanen contra em pó . . . . .	Papeis 42
Pós effervescentes de Seidlitz (*) . . . .	» 156
<b>Sumos</b>	
Sumos antiscorbuticos, da Ph. Geral. .	Kilog. 0,190
<b>Suppositorios</b>	
Suppositorios de manteiga de cacau. .	N.º 144
» de manteiga de cacau, compostos. . . . .	» 201

Medicamentos	Quantidades
<b>Xaropes</b>	
Xarope de acetato de morphina.....	Kilog. 223,130
» d'althéa.....	» 82,877
» de balsamo de Tolú.....	» 271,885
» de deuto-iodureto-iodurado de mercurio, de Gibert.....	» 346,363
» de genciana iodurado.....	» 7,800
» de ipecacuanha, do Codex.....	» 5,479
» d'opio.....	» 29,810
» de perchlorureto de ferro.....	» 5,560
» de phellandrio aquatico.....	» 42,170
» d'acido citrico, Ph. P. (*).....	» 0,630
» d'acido phenico (*).....	» 0,700
» d'alcatrão (*).....	» 0,900
» de balsamo de S. Thomé (*).....	» 1,200
» de belladona (*).....	» 0,030
» de café composto (*).....	» 1,000
» de citrato de ferro (*).....	» 0,500
» de codeina (*).....	» 0,440
» de dedaleira, Ph. P. (*).....	» 0,120
» diacodio (*).....	» 0,805
» d'ether (*).....	» 0,015
» de flores de laranjeira (*).....	» 0,500
» de genciana, do Codex (*).....	» 0,582
» de gomma (*).....	» 6,710
» de hydrato de chloral (*).....	» 0,450
» de kermes mineral (*).....	» 3,780
» de limão (*).....	» 0,630
» de louro-cerejo (*).....	» 0,130
» do principe (*).....	» 0,030
» de scilla (*).....	» 0,210
» de sulphureto de potassio (*).....	» 1,020
<b>Preparados anomaes</b>	
Contas de lyrio florentino.....	N.º 390
Esponja albuminada.....	Kilog. 0,034
Papeis.epispasticos.....	N.º 161

(Continua)

## EL-REI O SR. D. FERNANDO II

O mez de dezembro é fatal à *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* roubando-lhe os seus membros mais notaveis. Dominando ainda no coração de todos um sentimento profundo pela perda do presidente honorario, o nosso saudoso collega José Dionysio Correia, novamente acaba esta sociedade de soffrer duro golpe perdendo um dos seus membros protectores, S. M. El Rei D. Fernando II, a quem ella era devedora de innumeradas provas de consideração e estima.

Sua Magestade, apoz a sua chegada a este paiz, que tanto prezava, viu se rodeado por quasi todas as corporações scientificas, artisticas e commerciaes, implorando-lhe a graça de lhes permittir que o seu regio nome fosse inscripto entre os de outros personagens que já figuravam nos seus quadros.

A *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* não foi na vanguarda a implorar tão grande honra, mas foi das que primeiro a obtiveram. Effectivamente, S. M. fez-se inscrever como seu membro protector, ao lado da Senhora D. Maria II de saudosa memoria.

Ao ser-lhe entregue o diploma por uma numerosa commissão mostrou desejos de conhecer a organização interna da sociedade e o seu estado de desenvolvimento, e foi assim que a mesa, que então presidia, teve a idéa de o convidar a visitar o estabelecimento, que já se encontrava optimamente organizado. Accedeu elle da melhor boa vontade ao convite, assistindo á sessão solemne immediata a que presidiu o respeitavel presidente o sr. Gregorio de Sousa Pereira.

Foi n'esta occasião, que ao visitar minuciosamente as diversas secções da sociedade notou a existencia d'um exemplar da *Flora Brazileira*, que estava incompleto, enviando um outro por intermedio do seu camarista. Esta prova de estima não foi a unica; quando reinante encarregou a sociedade de analyses d'aguas, especialmente, as do concelho de Cintra, o que tudo consta das paginas do nosso jornal.

Acompanhando a nação portugueza na dôr que a enluta não foi a *Sociedade Pharmaceutica* das ultimas a prestar ao illustre rei artista as derradeiras homenagens.

## PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas<sup>1</sup>

SESSÃO DE 8 DE SETEMBRO — Presidencia do Sr. GUIMARÃES DRACK,  
1.º vice-presidente

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Foi lida a acta da sessão antecedente e, depois de alguma discussão em que tomaram parte os srs. Carvalho, dr. Alves e Coelho de Jesus, foi approvada.

O sr. *Coelho*, pediu ao sr. presidente que esclarecesse a assembléa sobre os motivos que o levaram a empregar a palavra chicana na sessão anterior.

O sr. *presidente*, historicou minuciosamente os factos que haviam dado causa ao emprego da palavra a que se referira o sr. Coelho, e declarou que não tivera intenção de molestar ninguém. Disse mais que, em vista das offensas que alguns socios lhe tinham dirigido e resolvia sair do lugar da presidencia para a sociedade se pronunciar sobre o seu procedimento.

Em seguida convidou o sr. 1.º secretario a assumir a presidencia, o que este fez.

O sr. dr. *Alves* apresentou a seguinte moção:

«Considerando que é dever de todo aquelle que possui um diploma de pharmaceutico de contribuir para o augmento e prosperidade da classe pharmaceutica d'um modo digno e honroso;

Considerando que só pelo respeito e considerações reciprocas entre os seus membros se pôde chegar a tão justo fim;

Considerando que é menos regular o procedimento de

<sup>1</sup> Ao extractar-se a acta de sessão de 25 de agosto, deixou de mencionarse que foram eleitos por maioria absoluta os srs. Pedro Fernandes da Cunha e Antonio Augusto d'Ascenção, o primeiro para o cargo de thesoureiro, e o segundo para o de vice-thesoureiro.

Egualmente foram eleitos os srs. Antonio Simões Terceiro e Prospero Meyrelles, o primeiro para bibliothecario, e o segundo para vice-bibliothecario.



qualquer levando para a imprensa politica com desfavor para alguns dos seus collegas os actos da vida intima d'uma sociedade, procurando desconsiderar-a sem se lembrar que se desconsidera a si proprio, se alguma auctoridade pôde ter;

Considerando, finalmente, que a mesa e o seu vice-presidente se tornam dignos de louvor pela maneira honrosa como tem dirigido os trabalhos:

A sociedade lastima as tristes scenas que se teem dado, e fazendo votos para não se repetirem, porque d'ellas pôde resultar perigo para a sua existencia e prejuizo para a classe pharmaceutica, em geral, passa á ordem da noite.»

Continuando o sr. dr. Alves no uso da palavra, mostrou o perigo que corre a existencia da sociedade com os lastimaveis factos que ultimamente se teem dado. Referindo-se a um artigo publicado na *Era Nova*, e estranho á redacção d'este jornal, disse que sentia vivamente o facto, e verberou-o asperamente, porque n'elle se injuriavam e diffamavam alguns membros da mesa. Que lhe custava a acreditar que semelhante aggressão fosse d'um collega; mas que apparecesse o seu auctor, se estava presente, e não era cobarde, para lhe serem pedidas contas do seu procedimento, que era baixo e improprio da dignidade d'um homem que tinha um diploma scientifico.

O sr. Jara apresentou o retrato do fallecido pharmaceutico Xavier Cordeiro para ser collocado na sala ao lado do de Felix Ferreira, do de José Dionysio e d'outros. Referindo-se á moção do sr. dr. Alves, declarou que a approvava e elogiou a mesa pelo seu procedimento na ultima sessão, e estigmatizou com energia o procedimento do referido articulista da *Era Nova*.

Posta á votação a moção do sr. dr. Alves, foi approvada.

O sr. *Silva Machado*, servindo de presidente, convidou os srs. Abreu e Cunha para conduzirem á sala o sr. Drack.

O sr. *presidente* agradeceu a votação á assembléa. Em

seguida chamou a attenção da sociedade para o seguinte facto :

Tinha sido procurado pelos srs. secretarios, que lhe deram conhecimento d'um assumpto grave e por onde perigava o credito e dignidade da sociedade;

Que na *Era Nova* tinha apparecido uma local, estranha á redacção, na qual se injuriavam e diffamavam o 1.º vice-presidente e outros socios; que tal local não devia passar sem um correctivo da parte da sociedade, e que elles instavam que se procedesse criminalmente contra o individuo que escrevera aquellas falsidades e injurias com o fim de desprestijiar a sociedade, sendo de opinião que se consultasse um advogado dos mais distinctos da capital para ser ouvido sobre o assumpto.

Que tivera a principio repugnancia em acceder ao pedido dos seus collegas, mas que se deixou vencer pelas considerações que lhe apresentaram.

A mesa consultou pois o sr. dr. Alves de Sá, que foi tambem de opinião que cumpria á sociedade proceder contra o auctor de tal escripto que era manifestamente injurioso e diffamatorio não só para individuos, mas principalmente para a collectividade.

O sr. 1.º *secretario* leu a consulta feita pelo sr. dr. Alves de Sá.

O sr. *presidente* convidou a sociedade a manifestar a sua opinião sobre o assumpto.

Fallaram contra o procedimento da mesa os srs. Carvalho, Coelho, Telles e Francisco João Rosa; e a favor os srs. Fernandes da Cunha, Machado, dr. Alves e outros socios, sendo em seguida *approvedo* por 25 votos contra 10 que a mesa procedesse contra o auctor do artigo publicado na *Era Nova*.

Em seguida fechou-se a sessão.—O 2.º *secretario*, Francisco José Malato.

---

## PHARMACIA

## Vinho de quina phosphatado

POR P. VIGIER

Entre os medicamentos destinados a reconstituir o organismo, favorecendo a formação dos globulos sanguineos, um dos mais activos é, sem contestação, o phosphato de potassa.

O professor Bouchard, que o aconselha muitas vezes nas anemias resultantes de afrouxamento da nutrição dos doentes, prescreve o ordinariamente em solução no vinho de gengiana adoçado com xarope de casca de laranja; mas este vinho tem um sabor muito desagradavel, principalmente quando se lhe ajunta iodeto de potassio ou de sodio, como se aconselha algumas vezes.

O vinho de quina feito com vinho grenache ou de Malaga, adoçado com xarope de quina, dá uma mistura que parece ter sido melhor recebida pelos doentes, segundo me tem affirmado, e d'um valor therapeutico superior.

As propriedades tonicas da quina reunidas ás do phosphato de potassa apresentam effectivamente uma vantagem evidente.

Surge, porém, aqui uma difficuldade pharmaceutica, que o medico não previu. A mistura é turva. O pharmaceutico deverá filtra-la ou não? Um dos meus collegas tem expedido um liquido limpido; em minha casa tem-se fornecido turvo. O que deu causa a discussão, na qual não me foi difficil demonstrar que os phosphatos de potassa, chamados *neutros*, fornecidos pela industria são *todos alcalinos*, precipitando por consequencia uma quantidade de alcaloide correspondente á sua alcalinidade; além de que se produzem duplas decomposições no seio da mistura, dando nascimento a um precipitado desconhecido, mas certamente util, sob o ponto de vista medico.

Ficava-se então em presença d'uma beberagem repu-

gnante e de aspecto desagradavel. Eu sentia-me vagamente attrahido para o lado do pharmaceutico que tinha sacrificado um pouco a qualidade ao aspecto, quando me occorreu a idéa de não sacrificar nada, dissolvendo o precipitado formado por meio d'um acido apropriado á composição.

O acido phosphorico estava inteiramente indicado.

O resultado foi excellente:

o sabor do vinho não foi alterado, o seu aspecto tornou-se agradavel e a sua acção foi augmentada.

O vinho tonico que nós aconselhamos nos casos em que se pretendesse prescrever o phosphato de potassa teria pois a formula seguinte:

Phosphato neutro de potassa .....	15
Xarope de quina .....	50
Vinho de quina .....	450
Acido phosphorico officinal.....	q. b.
(cerca de 60 gottas)	

Dissolva o sal no vinho, ajunte o xarope, depois o acido até á dissolução completa do precipitado; filtre.

Dose: uma colher das de sopa antes das duas principaes refeições durante 15 a 20 dias por mez.

(Gazette hebdom.)

S. M.

## CHIMICA

### Nova reacção da digitalina

### da Ordem dos Pharmaceuticos

POR M. PH. LAFONT

Se tratarmos uma pequenissima quantidade de digitalina por uma mistura d'acido sulfurico e d'alcool (1 parte d'acido sulfurico e outra d'alcool) e lhe juntarmos uma gotta de per-chloreto de ferro, ver-se-ha apparecer uma bella coloração azul esverdeada, que persiste por espaço de muitas horas. As condições mais favoraveis para se obter a reacção são : operar sobre uma pequenissima quan-

tidade de digitalina, humedecer a substancia com uma muito pequena quantidade da mistura d'acido sulfurico e alcool e aquecer ligeiramente até que appareça uma côr amarella, juntar finalmente uma gotta de per-chloreto de ferro diluido.

A reacção accentua-se muitas vezes com o tempo e pelo resfriamento.

A reacção é muito intensa quando se opéra n'um milligramma de substancia, e muito manifesta ainda n'um decimo de milligramma.

A reacção dá bom resultado com diversas digitalinas francezas, Nativelle, Duquesnel, Mialbe, Homolle e Quevenne, e sempre muito mau resultado com estrangeiras, principalmente com a digitalina de Merck (Darmstadt), uma com o nome de — *Digitalina crystallisada*, outra — *Digitalina pura pulverisada*.

Sabe-se que a morphina em presença do per-chloreto de ferro produz uma coloração similhante, mas a reacção não se effectua senão n'uma solução sensivelmente neutra. Nas condições indicadas por M. Lafont, isto é, n'um meio muito ácido, a morphina não se cora pelo per-chloreto de ferro.

A digitaleina, que é, segundo M. Nativelle, uma mistura complexa, incompletamente privada de digitalina, cora-se ligeiramente.

As reacções coradas produzidas com o acido chlorhydrico concentrado e com o acido sulfurico apresentam egualmente, com estes diversos productos, differenças muito notaveis.

#### ACÇÃO DO ACIDO CHLORHYDRICO CONCENTRADO

- 1.º Digitalina crystallisada (Nativelle) — Coloração verde.
- 2.º Digitalina crystallisada (Duquesnel) —
- 3.º Digitalina crystallisada (Mialbe) —
- 4.º Digitalina crystallisada (Merck) — Nenhuma coloração.

## ACÇÃO DO ACIDO SULFURICO CONCENTRADO

- 1.º Digitalina crystallisada (Nativelle) — Coloração muito escura
- 2.º Digitalina crystallisada (Duquesnel) —
- 3.º Digitalina crystallisada (Mialhe) —
- 4.º Digitalina crystallisada (Merck) — Coloração vermelha.

As solubilidades no chloroformio são também diferentes, como se segue:

1.º Digitalina Nativelle: 100<sup>cc</sup> de chloroformio dissolvem 20 grammas de digitalina (o residuo chloroformico apresenta uma brancura notavel; a olho nú distinguem-se os crystaes da digitalina; este producto parece ser o mais puro de todos que o auctor tem tido entre mãos);

2.º Digitalina Duquesnel: 100<sup>cc</sup> de chloroformio dissolvem 16 grammas de digitalina;

3.º Digitalina Marck, de Darmstadt: 100<sup>cc</sup> de chloroformio dissolvem 0<sup>sr</sup>, 16 de digitalina.

MM. Laborde e Duquesnel acabam de demonstrar n'um recente trabalho que as diferenças entre estes productos não são menos apreciaveis sob o ponto physiologico.

### Purificação da agua

O emprego dos saes de alumina para purificar as aguas carregadas de materias organicas é já antigo; em Genevilliers, por exemplo, tem sido aproveitados para completar a precipitação das aguas de esgoto, segundo refere a *Union pharmaceutique*, de Paris.

O Chem. Ztg. diz que os srs. Auster e Wibber, depois de muitas experiencias para purificarem a agua difficil de filtrar, recommendam para cada 10 litros d'agua, o emprego de 3 grammas de alumen, os quaes pelo repouso a clarificam completamente, sem de fórma alguma alterarem o seu gosto ou as suas propriedades physiologicas.

Parece também que se pôde obter uma perfeita clarifi-

cação do xarope simples, addicionando-lhe um soluto de alumen, no acto da ebulição (do xarope) 2 grammas do sal para 10 litros de xarope.

### Falsificação do iodoformio pelo acido picrico

O sr. Biel cita no *Pharm. Runschau* a falsificação do iodoformio pelo acido picrico, que tendo o mesmo ponto de fusão (117° c.) e sendo egualmente de facil solução no alcool e no ether, possui tambem a côr amarella e a structura crystalina d'aquelle corpo. Esta falsificação merece ser assignalada porque o acido picrico além de toxico, pôde dar origem a explosão, quando é triturado em gral.

A falsificação conhece-se pelo modo seguinte :

Agita-se uma porção do producto suspeito em agua fria, a qual toma a côr amarella. Filtra-se e ao liquido filtrado junta-se um pouco de cyaneto potassico.

Se o producto a ensaiar é puro, nada de alteração; se elle contém acido picrico, o liquido toma a côr de castanha avermelhada, passados 10 minutos (formação de acido isopurpurico), e depois de algum tempo forma-se um precipitado castanho avermelhado, de isopurpurato de potassa.

D.

## Centro de Documentação Farmacéutica da Ordem dos Farmacêuticos

### FORMULARIO

#### Solutos para injeções hypodermicas

##### SOLUTO DE AZOTATO DE ESTRYCHNINA

Azotato de estrychnina .....	0 <sup>gr</sup> ,10
Agua distillada .....	10 gr.
Dissolva.	

## SOLUTO DE BROMHYDRATO DE QUININA

Bromhydrato de quinina .....	1 gr.
Agua distillada .....	10 gr.
Acido tartrico em pó .....	0 <sup>gr</sup> ,50

F. s. a.

## SOLUTO DE CHLORHYDRATO DE PILOCARPINA

Chlorhydrato de pilocarpina .....	0 <sup>gr</sup> ,10
Agua distillada .....	5 gr.

Dissolva.

(F. H. S. José.)

## VARIEDADES

**Exploração da ilha de S. Thomé.**—O nosso consocio e illustrado explorador botanico, sr. Adolpho F. Moller, já regressou d'aquella ilha, onde tinha ido, nomeado por portaria de 24 de janeiro do corrente anno, afim de proceder á respectiva exploração botanica.

Segundo nos consta, este nosso amigo não se limitou a fazer só a exploração botanica de que tinha sido encarregado: fez tambem, tanto quanto poudo, a exploração de zoologia, mineralogia e ethnographia, pelo que merece muitos louvores. Esperamos que o governo saiba galardoar os serviços prestados por elle ao paiz, no desempenho d'esta importante commissão.

Os objectos que trouxe são numerosos e de muita valia para a sciencia. E tanto assim o entendeu a faculdade de philosophia do nosso primeiro estabelecimento scientifico, a universidade, que na sua congregação de 7 do corrente resolveu que se lançasse na acta um voto de louvor e agradecimento ao sr. Moller pelo zelo e dedicação com que se houve no desempenho da commissão scientifica que fôra incumbido de desempenhar na ilha de S. Thomé.

O governo da provincia de S. Thomé e Principe tambem,